



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

BÁRBARA LOPES RÊDES

**OCUPAR E RESISTIR: OS PROCESSOS COMUNICACIONAIS NAS OCUPAÇÕES
DAS ESCOLAS ESTADUAIS PÚBLICAS NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET, NO
CEARÁ, EM 2016**

FORTALEZA
2019

BÁRBARA LOPES REDES

OCUPAR E RESISTIR: OS PROCESSOS COMUNICACIONAIS NAS OCUPAÇÕES DAS
ESCOLAS ESTADUAIS PÚBLICAS NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET, NO CEARÁ,
EM 2016

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.
Área de concentração: Mídias e práticas socioculturais.

Orientadora: Prof.^a Dra. Márcia Vidal Nunes

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R249o Rêdes, Bárbara.
OCUPAR E RESISTIR: OS PROCESSOS COMUNICACIONAIS NAS OCUPAÇÕES DAS ESCOLAS
ESTADUAIS PÚBLICAS NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET, NO CEARÁ, EM 2016 / Bárbara
Rêdes. – 2019.
162 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-
Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2019.

Orientação: Profa. Dra. Marcia Vidal Nunes.

1. Movimento Social. 2. Comunicação mediada por computador. 3. Redes Sociais da Internet. 4.
Cidadania. I. Título.

CDD 302.23

BÁRBARA LOPES RÊDES

OCUPAR E RESISTIR: OS PROCESSOS COMUNICACIONAIS NAS OCUPAÇÕES DAS
ESCOLAS ESTADUAIS PÚBLICAS NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET,
NO CEARÁ, EM 2016

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Mídias e práticas socioculturais.

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dra. Márcia Vidal Nunes UFC (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Tadeu Feitosa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico essa dissertação a minha filha Luísa
Redes e aos estudantes, que incansavelmente
buscaram uma educação melhor para todos.

AGRADECIMENTOS

A minha filha, Luísa Redes, pela paciência e pela compreensão, em uma fase de pré-adolescência, que teve que aguentar dois anos de estudo, no qual não pude lhe dar atenção em diversos momentos, por todo amor, pelos momentos de afeto e carinho. Todas às vezes que penso nos estudantes das ocupações, desejo que você tenha o que eles tiveram: a possibilidade de lutar pelos seus direitos, em um processo democrático, autônomo, legítimo para construção cidadã e de transformação social.

A minha mãe Claire Lopes e meu pai Sérgio Rêdes, por serem a minha vida e ter me dado toda essa visão política, entendendo a importância do movimento social e da transformação social do mundo. Pela parceria, pelas trocas, com certeza esse mestrado fez uma família crescer junto, debatendo e discutindo sobre cidadania, política, mídia e cultura. À minha irmã, Clarice Lopes Redes, madrinha da minha filha, que nos momentos de dificuldades trazia a alegria pra família.

Aos amigos que incentivaram: Cé da Silva e Renato Ribeiro, com quem compartilhei o antes, o durante até o final, me ouvindo e auxiliando-me nas pesquisas para a construção desse projeto. Tenho certeza de que trilhamos esse caminho juntos.

A Márcia Vidal, minha orientadora, que pegou uma aluna que queria muito, mas que tinha várias dúvidas sobre o mestrado, e tornou-o menos doloroso e mais simples, apesar de toda a complexidade, dando pistas, incentivando a participação em congressos e publicação de artigos, na descoberta de autores, nas indicações, e na forma organizada e presente que sempre estive. O amadurecimento desse meu processo é mérito dela, que me deu também a possibilidade de coordenar o grupo de mídia, cultura e política. À Catarina Oliveira, por estar sempre presente, na descoberta da metodologia, no incentivo da nossa ida a campo, nas dicas de autores e de pistas chaves para a construção do objeto. Ao Tadeu Feitosa, do qual já conhecia há alguns anos, meu professor na especialização de teoria da comunicação na UFC e posteriormente na disciplina de Cultura e Mediação, no mestrado da Ciência da Informação, me ajudou no processo de escolha de vários autores, livros e textos, participando ativamente da escrita da minha dissertação com suas considerações na banca da qualificação e na construção das ideias para o roteiro que seria utilizado no campo. Também me deu a oportunidade de apresentar minha pesquisa aos alunos da disciplina de cultura e mídia, na graduação da Ciência da Informação.

Ao Dieuller, Daniel, Vitória, Nicole, Lizandra, Lane, Matheus, Elizeu, Tânia, estudantes que me ajudaram nessa dissertação, que tantas vezes estiveram presente e se

disponibilizaram a contar durante horas o que aconteceu nas ocupações, que me deram todo o suporte, que abriram suas histórias pessoais, inclusive nas ocupações. E que por fim me colocaram para fazer parte do grupo da Comissão Popular de Educação.

A Cristiane Bonfim e Luciene Ribeiro, companheiras, de pesquisa, de dores, de descobertas, de muitas trocas, de momentos de dúvidas, de alegria e de construção juntas. vocês não sabem o tanto me ajudaram.

Ao Grupo de Mídia, Política e Cultura pelas constantes trocas e descobertas e a turma de 2017, todos incríveis, juntos, ajudando nas pesquisas um do outro, na descoberta de novos artigos, livros e autores e também no debate sobre a análise empírica.

Aos amigos queridos, grandes amigos, que deram toda força, que me aguentaram em todos os momentos durante esses dois anos, Renata Milerio, Guga de Castro, Bianca Cipolla, Rachel Oliveira, Raquel Duarte, Virna Lima por serem amigos do início ao fim do meu processo, compreender minhas ausências e também as minhas presenças. Ao Marquinho Abu por ter me ajudado no início da pesquisa, apresentado a Marina Araújo do CEDECA que me convidou para a participação no seminário.

Aos meus gestores Andrea Gonçalves, Regis Abreu e a Casablanca Turismo, por ter me dado a oportunidade de estudar, mesmo trabalhando, incentivaram o meu estudo e apoiaram, em momentos em que eu deveria estar na empresa, estava na Universidade Federal do Ceará ou nas pesquisas de campo. Uma empresa privada disponibilizar o tempo do seu funcionário para pesquisa é algo muito importante para o processo de construção do colaborador e da sociedade. Hoje me vejo muito mais madura e concebendo projetos e ideias aprofundadas no meu cargo de gestora de Comunicação e Marketing da empresa.

A todos os alunos da minha turma de 2017, Camila, Tati, Mayara, João, Bruna, Rachel, Claudiene, Pedro, Marcio, Davi, Daniel, Tais, Babi, Aline e todos da turma que durante esse ano estiveram presentes, fomos unidos, ajudamos uns aos outros e torcemos por nós e por um país mais democrático.

A Professora Maria Érica, que me apoiou intensamente em todas as vezes que solicitei auxílio sobre os meus questionamentos, leu algumas vezes meus textos e me incentivou a participar de congressos e escrever. Ao Osmar Gonçalves, Inês Vitorino, Ricardo Jorge, Alba e Isabelle e toda equipe do PPGCOM - UFC.

A revolução não trará só pão, mas poesia.
(Muro Escolas Ocupadas no Ceará)

RESUMO

Esta pesquisa propõe um estudo sobre os processos comunicacionais mediados, produzidos e compartilhados através das novas tecnologias de comunicação e informação nas ocupações nas escolas do Estado do Ceará em 2016, mobilização social na qual se formou uma rede de escolas no Ceará com 68 escolas ocupadas. O estudo faz uma análise dos novíssimos movimentos sociais, o uso das novas tecnologias (Castells, 2013; Gohn, 2014, 2017), e a convergência dos conceitos dos estudos culturais de recepção na América latina (Martin-Barbero, 2009, 2015 e Orozco, 2014) com a cibercultura e a comunicação mediada pelo computador (CMC) (Levy, 1999, Recuero, 2014). A análise se volta para a conversação nas redes sociais da internet, nas páginas do *Facebook* @ocupacaic, @ocupaadauto e @ocupalcc e o relato de estudantes nas ocupações entre abril a agosto de 2016, culminando na construção cidadã desses estudantes a partir da comunicação e educação como prática libertadora e de transformação social (Peruzzo, 2017).

Palavras-chave: Movimento Social. Comunicação mediada por computador. Redes sociais da internet. Cidadania.

RESUMEN

Esta investigación propone un estudio sobre los procesos comunicacionales mediados, producidos y compartidos a través de las nuevas tecnologías de comunicación e información en las ocupaciones en las escuelas del Estado de Ceará en 2016, movilización social en la que se formó una red de escuelas en Ceará con 68 escuelas ocupadas. El estudio hace un análisis de los nuevos movimientos sociales, el uso de las nuevas tecnologías (Castells, 2013, Gohn, 2014, 2017), y la convergencia de los conceptos de los estudios culturales de recepción en América latina (Martin-Barbero, 2009, 2015 y Orozco, 2014) con la cibercultura y la comunicación mediada por el ordenador (CMC) (Levy, 1999, Recuero, 2014). El análisis se vuelve a la conversación en las redes sociales de internet, en las páginas de Facebook @ocupacaic, @ocupaadauto y @ocupalcc y el relato de estudiantes en las ocupaciones entre abril a agosto de 2016, culminando en la construcción ciudadana de esos estudiantes a partir de la comunicación y educación como práctica liberadora y de transformación social (Peruzzo, 2017).

Keywords: Movimiento Social. Comunicación mediada por ordenador. Redes sociales de Internet. La ciudadanía.

LISTA FIGURAS

Figura 1: Grafo a partir das páginas das escolas em luta CE.	101
Figura 2: Grafo páginas Escolas do Ceará. Métrica. Modularidade.....	111
Figura 3: Grafo páginas Escolas do Ceará. Métrica. Centralidade Autovetor.	112
Figura 4: Grafo páginas Escolas do Ceará. Métrica. Betweens.....	114
Figura 5: Desocupação do CAICpágina @ocupacaic	116
Figura 6: Desocupação do CAICpágina @ocupaadauto	116
Figura 7: Desocupação do CAICpágina @ocupalcc	117
Figura 8: Desocupação do CAICpágina @ocupaadauto	117
Figura 9: Visita caravana secundarista - @ocupalcc.....	118
Figura 10: Visita caravana secundarista - @ocupaadauto.....	118
Figura 11: Página @ocupacaic	121
Figura 12: Programação escolas página @ocupaadauto	125
Figura 13: Depoimento de estudantes do @ocupacaic.....	126
Figura 14: Postagem com foto de estudantes na página @ocupacaic	127
Figura 15: Postagem foto sobre a visita do cantor Criolo a escola CAIC Maria Alves Carioca - página @ocupacaic.....	128
Figura 16: Comentários de alunos no post sobre a desocupação. página @ocupacaic	129
Figura 17: página @ocupaadauto.	131
Figura 18: Post sobre aula pública. página @ocupaadauto.	132
Figura 19: postagem no @ocupaadauto.	135
Figura 20: comentários na página @ocupaadauto.....	136
Figura 21: postagem cadeiraço na página @ocupaadauto.....	137
Figura 22: postagem @ocupaadauto	139
Figura 23: Página do @ocupalcc	141
Figura 24: Postagem sobre a desocupação do @ocupalcc.	143
Figura 25: Comentários sobre a postagem da desocupação, página @ocupalcc.....	144
Figura 26: Postagem página @ocupalcc.	145
Figura 27: Postagem página @ocupalcc.	146
Figura 28: Postagem página @ocupalcc, comentários sobre a mídia da televisão sobre as ocupações.....	147
Figura 29: Postagem página @ocupalcc, comentários sobre atos de violência contra os estudantes.	148

Figura 30: Exemplo de categoria Cotidiano, página @ocupalcc.	148
Figura 31: Exemplos de categoria Mídia Estudantes. Painel sobre as reivindicações dos estudantes, compartilhado nas redes, página @ocupalcc.	149
Figura 32: Postagem página @ocupalcc, oficina de cartazes feministas.	150

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1: análise de conteúdo do @ocupacaic.....	123
Gráfico 2: análise de conteúdo do @ocupacaic, por tema.	124
Gráfico 3: Análise de conteúdo do @ocupaadauto.	134
Gráfico 4: Análise de conteúdo do @ocupaadauto, por tema.	134
Gráfico 5: Análise de conteúdo do @ocupalcc.	142
Gráfico 6: Com base na tabela da análise de conteúdo do @ocupalcc, por tema.	143

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Escolas Ocupadas	99
----------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ARS	Análise de Redes Sociais
CAIC	Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente
CEDECA	Centro de Defesa da Criança e do Adolescente
CMC	Comunicação mediada pelo computador
DCEs	Diretório Central dos Estudantes
FMI	Fundo Monetário Internacional
FUMEP	Fórum unificado do movimento estudantil e popular
FUNDEF	Financiamento para o Ensino Fundamental
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
LCC	Liceu Do Conjunto Ceará
LDBN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGBTT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
MBL	Movimento Brasil Livre
MP	Medida Provisória
MPL	Movimento Passe Livre
OAB	Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil
ONG	Organização Não Governamental
OSs	Organizações Sociais
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PFL	Partido da Frente Liberal
PIB	Produto Interno Bruto
PL	Projeto de Lei
Prouni	Programa Universidade para Todos
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SAERJ	Sistema de Avaliação da Educação do Estado
SEDUC	Secretaria de Educação
TAC	Termo de Ajustamento e Conduta
UEEs	União Estaduais de Estudantes
UnB	Universidade de Brasília
UNE	União Nacional dos Estudantes
VPR	Vem pra Rua

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	REVOLTA DAS CANETAS: UM MOVIMENTO SOCIAL?	28
2.1	Movimento Sociais uma categoria em transformação	28
2.2	Movimento Estudantil: <i>As insurgências dos estudantes no Brasil</i>	30
2.3	Movimentos sociais em rede e as novas tecnologias	38
2.4	Primavera secundarista	48
2.5	Ocupar e Resistir – Revolta das Canetas	52
2.6	A insurgência dos estudantes - Porque ocupar?	57
3	ESCOLAS EM LUTA NO CEARÁ: OS PROCESSOS COMUNICACIONAIS 63	
3.1	Estudos de recepção: Comunicação, política e cultura	63
3.1.1	<i>Comunicação e Cotidiano na construção cidadã</i>	71
3.1.2	<i>A mediação escolar e suas múltiplas mediações</i>	77
3.2	Novas tecnologias da Informação e Comunicação nas Ocupações das escolas	81
3.2.1	<i>Processo comunicacionais na Internet: uma cultura autônoma</i>	82
3.2.2	<i>Como ocupar uma escola? Aproprio-me da internet</i>	85
3.2.3	<i>Comunicação mediada por computador - Uma conversa em rede</i>	87
4	NÓS SOMOS A REDE SOCIAL: UMA ANÁLISE SOBRE AS OCUPAÇÕES .97	
4.1	O Facebook para conectar, interagir, informar, compartilhar e construir cidadania	108
4.1.1	<i>Análise das redes de escolas</i>	109
4.1.2	Análise de conteúdo das páginas	119
4.1.3	<i>A comunicação comunitária em rede a construção cidadã dos estudantes</i>	151
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
	REFERÊNCIAS	160

1 INTRODUÇÃO

“O Professor é meu amigo, mexeu com ele mexeu comigo”, “Ocupar e resistir, ocupar e resistir, ocupar e resistir”, “Para barrar a precarização, ocupação, ocupação, ocupação”, “pai, mãe eu to na ocupação e só pra tu saber eu luto pela educação”, “acabou a paz, isso daqui vai virar o Chile”¹. Estes eram alguns dos jograis criados pelos estudantes e compartilhados através de vídeos, textos e fotos nas páginas das ocupações das escolas do Ceará. Os anos de 2015 e 2016 ficaram para a história como um dos maiores movimentos dos estudantes no Brasil. A primavera secundarista, movimento nacional com mais de 1.000 escolas ocupadas em várias cidades do País, surgiu pela luta de uma série de pautas locais, estaduais e nacionais.

O Brasil vivia uma crise político-econômica-social em 2015. O governo federal com o mote “pátria educadora” decretou medidas de ajustes fiscais, nas quais havia previsto um corte de 9,42 milhões de reais nos setores da saúde, educação, áreas sociais e previdência social, acarretando cortes para os estados e municípios. Na Câmara dos Deputados, existia um projeto de lei (PL n. 193/2016) idealizado por Miguel Nagib e de autoria do Senador Magno Malta, “Escola sem partido”². O projeto queria proibir as escolas de debater pautas políticas e ideológicas com os alunos. Todos os Estados do Brasil também tinham pautas específicas sobre a educação. As mobilizações consistiam desde melhoria na merenda, passe livre dos estudantes, apoio à pauta de professores, à infraestrutura na escola e gestão democrática.

No dia 23 de setembro de 2015, o governo do Estado de São Paulo anunciou através do Jornal Folha de São Paulo o plano de reorganização³ escolar da cidade, causando indignação aos estudantes, pais e professores. Na visão desses atores sociais, o foco principal dessa indignação é a falta de debate e a redução na qualidade do ensino através de cortes de verbas. A postura da imprensa e do governo provocou um movimento de ocupação nas escolas, denominado “Não fechem a minha escola”⁴, que causou uma repercussão nacional. Durante três meses, foi criada uma rede horizontal entre estudantes, sociedade e professores, massificando o movimento através das plataformas de comunicação digital e da ocupação de

¹Referência ao documentário “ACABOU A PAZ, Isto aqui vai virar o Chile! Escolas Ocupadas em SP”. Carlos Pronzato. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw> Acessado em: 10. Jan. 2018.

² ESCOLA SEM PARTIDO. Disponível em: <https://www.programaescolasempartido.org/> Acessado em: 29. Jan. 2018.

³ MONTEIRO, André. SP vai transferir mais de 1 milhão de alunos para dividir escolas por séries.: Folha de São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/09/1685232-sp-vai-transferir-mais-de-1-milhao-de-alunos-para-dividir-escolas-por-series.shtml> Acessado em: 29. Jan. 2018.

⁴ NÃO FECHER MINHA ESCOLA.: Facebook. Acessado em: <https://www.facebook.com/naofecheminhaescola/> Acessado em: 20. Dez. 2017.

escolas públicas, onde mais de duzentos prédios foram tomados. Os alunos criaram uma série de páginas nas redes sociais, traduziram um manual de ocupação escolar, produziram conteúdo a partir de textos, vídeos, fotos e conseguiram adesão e participação da classe artística e da sociedade em geral. O movimento pautou a grande mídia e, com tanta pressão, o governo Alckmin recuou nas muitas tentativas de “reintegração de posse” das escolas e com a rede pública, quase em sua totalidade, paralisada.

No Ceará, o Governo do Estado havia anunciado em dezembro de 2015 o contingenciamento de 20% dos investimentos com educação no Estado para o ano de 2016, o que acarretou a demissão de professores temporários, o impedimento de acesso à formação continuada, desmantelamento das atividades de apoio pedagógico, a negação de reajuste salarial dos servidores estaduais, dentre outras medidas. Nos meses que sucederam o anúncio, os professores tentavam negociar com a Secretaria de Educação do Estado sem muito êxito nas negociações. Após uma assembleia no Ginásio Paulo Sarasate que reuniu professores e alunos, no final de abril de 2016, foi deflagrada a greve⁵. No dia 28 de abril de 2016, 8 dias após a paralisação das aulas pelos Professores do Estado, os estudantes ocupam o Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC) Maria Alves Carioca⁶, no bairro Bom Jardim. No mesmo dia, estudantes da escola presidente Geisel, em Juazeiro do Norte, ocupam o prédio e aderem ao movimento. Os estudantes lutavam pela pauta dos professores e por pautas próprias como a implantação do passe livre, diversificação no cardápio da merenda, aumento na qualidade da alimentação fornecida pelas escolas, melhoria na infraestrutura da escola, gestão democrática dentre outras pautas. Com uma semana de mobilização, dez prédios foram ocupados e o movimento ganhou força e apoio de estudantes, professores e demais integrantes da sociedade.

Os estudantes utilizaram o mesmo manual traduzido pelo Jornal Mal Educado em São Paulo. “Como ocupar um colégio?”⁷, um documento criado pelas ocupações na Argentina que tinha como base as estratégias adotadas pelos estudantes no Chile em 2011, na Revolta dos Pinguins. O manual informava aos alunos como ocupar a escola, os motivos, dividia as funções dos estudantes em comissões (Imprensa, segurança, limpeza, comida, informação e relações externas), abordava a questão do direito e da segurança e intensificava o uso das

⁵ ARAUJO, Amanda. Professores da rede estadual decretam greve no Ceará.: O Povo, 2016. Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/fortaleza/2016/04/20/noticiafortaleza,3605925/professores-da-rede-estadual-decretam-greve.shtml> Acessado em: 20. Dez.2017.

⁶ NORDESTE, Diário do. Estudantes ocupam escola em Fortaleza. 2016. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/online/estudantes-ocupam-escola-em-fortaleza-1.1540638> Acessado em: 03. Jan. 2018.

⁷ EDUCADO, Mal. Como ocupar um colégio?. Grêmio Livre, 2015. Disponível em: <https://gremiolivre.files.wordpress.com/2015/10/como-ocupar-um-colc3a9gio.pdf> Acessado em: 05. Set. 2017.

redes sociais da internet, para dar voz e vez aos estudantes. Uma a uma, as escolas no Ceará foram ocupadas até chegar em 68 escolas. A cada escola ocupada uma página no *Facebook* era criada. Além disso, os estudantes tinham grupos de *WhatsApp* da sua escola e de todas as escolas do estado do Ceará. Os estudantes construíram uma rede de escolas e tudo era definido em assembleia de forma horizontal. Havia várias reuniões por dia, já que tudo era debatido pelo coletivo e aprovado pela maioria.

Em todos os lugares do Brasil e no Ceará, esses jovens criaram um sistema de convivência, debateram em assembleias, fizeram hortas, criaram uma cozinha comunitária, realizam aulas, abriram as portas das escolas para que pessoas da cidade pudessem dialogar sobre questões como as minorias, cidadania e os direitos e deveres dos estudantes, pregaram cartazes, faixas e panfletos de resistência contra a precarização da educação e ao formato de ensino de acordo com as políticas neoliberais. Ocuparam as escolas, cuidando das mesmas, realizando assembleias, apresentações artísticas e culturais, interagindo entre si e com a sociedade, trazendo o debate e os olhares para as escolas públicas, utilizando as mídias digitais, através das páginas nas redes sociais, por grupos e mensagens via *WhatsApp*, vídeos publicados e depoimentos em busca da esperança de uma mudança social. As ocupações das escolas públicas conectaram os estudantes entre si, formando redes, interagiram e espalharam-se por contágio num mundo ligado pela internet sem fio, pela rápida difusão, viral, de imagem e de ideias.

As duas mobilizações, tanto no Ceará quanto em São Paulo tiveram como característica a criação de redes horizontais e o uso das novas tecnologias de informação e comunicação, foram multimodais, utilizando tanto o espaço da internet quanto o espaço urbano e, assim, criaram um terceiro espaço, o espaço da autonomia, da comunicação autônoma.

Esse novo espaço em rede, situado entre os espaços digital e urbano, é um espaço de comunicação autônoma. “A autonomia da comunicação é a essência dos movimentos sociais, ao permitir que o movimento se forme e possibilitar que ele se relacione com a sociedade em geral, para além dos detentores do poder sobre o poder da comunicação” (CASTELLS, 2013, p. 20).

Durante 4 meses, os jovens foram protagonistas de sua história e da história da educação no Estado do Ceará e no Brasil. As novas tecnologias da informação e comunicação foram importantes para construir esse espaço de autonomia dos jovens. A ocupação do espaço e o uso das redes sociais da internet aproximaram, conectaram e fizeram os estudantes interagirem. Os estudantes transformaram a escola que acreditavam ser a ideal,

transdisciplinar, com vivências reais, mediações e interações entre os estudantes, professores, coordenadores, diretores, comunidade e a sociedade.

No século XXI, têm surgido novas demandas, matrizes organizativas e formas de comunicar e agir nas agendas de lutas sociais. As novas tecnologias da informação e da comunicação abriram novos caminhos para os movimentos sociais, dando voz e vez aos atores sociais. Há várias mudanças na forma de se fazer os movimentos sociais. Mudaram a forma de se organizar, de se comunicar e de tratar as políticas, onde há uma participação em novos espaços institucionalizados, instalando assim uma nova democratização nas estruturas de poder (GOHN, 2014).

Há diversos papéis, ângulos e formas de estudar a participação desses jovens, enquanto estudantes, produtores de artes, nas galerias, nos blogs e redes sociais. “Essas práticas e comportamentos nos levam, tanto para 1968 como na atualidade, a temática dos movimentos sociais. Constituem uma forma renovadora de estudo na sociologia dos movimentos sociais”. (GOHN, 2014, p. 12). Há uma nova forma de associativismo civil dos jovens no mundo contemporâneo, diferente das rebeliões de 1960, diferente dos movimentos altermundialista recentes (cita-se o Fórum Mundial Social). Essa diferença passa por diversos campos, criação de identidades, pertencimento de classes e sociocultural, a forma como ver partidos e organizações e também as formas de se comunicar. (GOHN, 2014).

Há 50 anos, em maio de 1968, vivia-se um processo de transformação que iniciou na França e se alastrou por todo o mundo. No Brasil, estávamos vivendo uma ditadura militar. O País vivia um momento de repressão. Houve uma grande revolução cultural e comportamental nos costumes e hábitos por uma geração que estava em anseio por uma nova forma de vida. “Tais jovens criaram utopias e buscaram engajar-se na política de modo diferente das formas então vigentes - pela aliança entre estudantes e camponeses - por exemplo - pensando como atores sociais básicos para a nova sociedade” (GOHN, 2014, p. 13). Esses jovens criaram identidades e pautaram novos temas como debates sobre gênero, étnico dentre outros. Utilizavam os muros das cidades para dar voz e vez às lutas dos jovens. Em 1990, é o momento em que os computadores e a internet começam a conectar pessoas no mundo, como foco a antiglobalização, contra o neoliberalismo. No século XXI, esses jovens começam a negar a globalização e os efeitos econômicos e sociais que ela trouxe, especialmente após a crise econômico-financeira de 2008. Os jovens modificam a forma de se comunicar e interagir nos movimentos sociais, não é só mais computadores e internet, o celular e diferentes formas de mídias começam a ser arma de luta, e as redes sociais o lugar da voz e da vez desses atores sociais (GOHN, 2014).

Esses novíssimos movimentos sociais surgiram em 2011, na Tunísia, com a primavera Árabe, chegou à Europa, à Espanha com os indignados, a Nova York com Occupy Wall Street, no Chile com a Revolta do Pinguins. Explode uma onda no mundo de manifestações e ações coletivas. No Brasil, as manifestações de 2013 podem ter sido o marco desse ativismo político e social. Dois anos depois, mais de 1.000 escolas em todo o país são ocupadas, é a Primavera secundarista. Estudantes formaram uma grande rede de luta, criatividade, indignação e resistência.

A Primavera Secundarista aconteceu no Brasil, um país da América Latina, nessa pesquisa, os Estudos culturais de recepção na América Latina, nos ajuda a entender o fenômeno das ocupações no Ceará, onde o ator social, antes receptor, hoje um produtor, interagente, começa a ter voz. A comunicação está mediando todos os lados e as formas da vida cultural e social dos povos, essa mudança de paradigma, que compreende uma valorização cultural, nova compreensão das relações políticas e culturais e o pensamento dos processos de comunicação a partir da cultura, deixando de analisar apenas os meios, instaura uma mudança radical nos estudos dos meios de comunicação. Martin-Barbero (2015) vem tentando entender essa complexidade nas relações constitutivas entre comunicação, cultura e política juntamente com Orozco (1991). Enxergando essas múltiplas mediações, queremos destacar duas importantes nas ocupações das escolas em 2016: a mediação escolar e a mediação videotecnológica, essa última nos aproxima dos estudos da cibercultura (LEVY, 1999) e da Comunicação mediada pelo computador - CMC (RECUERO, 2014).

Através da CMC analisamos as apropriações de sentidos e convenções para a produção de conteúdo e a conversação online. Segundo Recuero (2014), esses espaços conversacionais nas redes sociais, de interação com outros indivíduos, adquirem contornos semelhantes àqueles da conversação, buscando estabelecer e/ou manter laços sociais. Essas conversações constroem, permeiam e estabelecem as redes sociais da internet.

Com os conceitos de CMC - Comunicação mediada pelo computador (RECUERO, 2014), fazemos uma análise sobre as mediações em rede nas ocupações a partir de duas metodologias análise de conteúdo e análise de Redes Sociais (ARS) (RECUERO, 2017). Para complementar a pesquisa quantitativa e qualitativa realizamos grupos focais com estudantes de duas escolas ocupadas. O uso das redes sociais da internet e a ocupação do espaço nas escolas levam à criação de um terceiro espaço, de comunicação autônoma (CASTELLS, 2013). Essa autonomia da comunicação, o diálogo, a descoberta de ser sujeito de si, segundo Peruzzo (2017), com base nos conceitos da educação libertadora de Freire (2006) levam à transformação social, a construção cidadã.

O objetivo da pesquisa foi estudar os processos comunicacionais mediados, produzidos e compartilhados através das novas tecnologias de comunicação e informação nas ocupações nas escolas do Estado do Ceará em 2016. Acredita-se que esse processo de mudança nos movimentos sociais seja algo importante a ser estudado, bem como as mediações e interações que surgiram dentro das escolas e o que foi produzido pelos estudantes dentro delas e compartilhado através dos celulares pela internet para o mundo. São muitos os questionamentos sobre as ocupações das escolas. A pesquisa buscou compreender as seguintes indagações: Como os jovens secundaristas das **escolas** públicas do Ceará estão se mobilizando socialmente? Como os indivíduos constituem uma rede horizontal conectando-se com outros indivíduos e por que são capazes de fazê-lo? Quais são essas novas formas de comunicação dos jovens, criativas, coletivas e de experimentações? Que mediações e interações foram produzidas dentro das escolas? Como é o uso das novas tecnologias de informação e comunicação desses jovens? O que esses movimentos trazem para a esses jovens e que horizontes projetam na sociedade? O intuito é contextualizar as ocupações das escolas dentro desse novo formato de movimento social, mobilização social ou ação coletiva e os processos comunicacionais através do uso da internet, especificamente da página no *Facebook*, para conectar, compartilhar saberes, produzir, mediar, interagir e construir através da comunicação a cidadania desses jovens.

A escolha do objeto de pesquisa nunca é fácil. É um trabalho denso, complexo. O autor ou autora deve ter identificação com o objeto e vice-versa. O objeto que queria pesquisar tinha que ter duas características: a primeira deveria ser algo ligado às redes sociais e também às redes de relacionamento, as conexões sejam elas offline ou on-line, as mediações e interações. Também deveria ser um objeto que estudasse as lutas, os movimentos sociais, a construção cidadã, as transformações do mundo. Juntando as duas categorias, alcança-se as redes de mobilização, categoria que no século XXI, possui grande destaque nos estudos dos movimentos sociais.

A relação com o movimento estudantil aconteceu dentro de casa. Minha mãe era do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Ela era estudante de medicina na Universidade Federal do Ceará, na década de 60, e fazia parte do Centro Acadêmico junto com João de Paula, Luís Teixeira, Mariano Freitas e tantos outros estudantes. Na ditadura militar a casa da minha avó foi “aparelho”⁸. Cresci ouvindo histórias sobre Helenira, Bergson, Francis Vale, Pedro Albuquerque, e tantos outros. Não distante disso, meu pai, jogador de futebol, fazia

⁸ Na ditadura militar, o termo aparelho significava um local que servia como refugio ou/e espaço para as reuniões políticas clandestinas.

parte do “Trem da Alegria”, um time de futebol que lutava contra a opressão da censura na mesma época, e era formado por artistas, músicos, jogadores. O time era um aglutinador, rodava o Brasil e, ao final dos jogos, os jogadores discutiam política. Lutavam pela democracia e pelo passe livre do jogador de futebol.

Em 1980, veio o movimento pela anistia e, logo depois, as “Diretas Já”. Lembro bem que estudava no Colégio Canarinho e minha mãe me dava adesivos para vender ou distribuir no colégio. Aos 15 anos, fui cara pintada, fomos na rua para lutar contra o Governo Collor de Melo. Depois participei dos movimentos urbanos, participava ativamente das rodas de skate, das pichações e dos movimentos underground em Fortaleza.

Em 2011, comecei a acompanhar as ocupações no mundo, pelas redes sociais, primavera árabe, Occupy Wall Street, indignados e outros movimentos que utilizavam as novas tecnologias e ocupação do espaço público na luta contra os poderes políticos e econômicos. O que me chamava a atenção era que os movimentos eram em redes, conectados de forma horizontal, pelos canais das redes sociais na internet.

Em 2013, acompanhada de um amigo fotógrafo, fomos as manifestações da Copa das Confederações, observar as atitudes, os cartazes, as pessoas. Levei bomba de gás na cara, vi pessoas gritando, correndo. As pessoas estavam ali por algo, na luta pela educação, saúde, contra a Copa ou por um país melhor. Talvez eles não soubessem o que estava acontecendo, mas havia uma construção cidadã e política, algo estava acontecendo no mundo e no Brasil.

Em maio de 2016, estava acompanhando a greve dos professores do Estado do Ceará e, ao mesmo tempo, o Impeachment da Presidenta Dilma. O Golpe estava anunciado. De repente, um vídeo me chamou a atenção: “Governador nós não somos burros. Com R\$ 0,30 centavos não compramos suco. Cortam a merenda para construir viaduto...” Aquele vídeo fez meus olhos brilharem. Pensei: Como queria estar lá, com a idade daqueles meninos e meninas, na escola e que talvez eles e elas, ali e em todo Brasil, poderiam ser a nossa esperança.

Há alguns anos, almejava fazer mestrado e – pensei - esse é o fenômeno que desejava estudar. A cada autor que lia mais me interessava. Havia uma diferença dos movimentos sociais anteriores para esses novos movimentos, e que, desde o surgimento das novas tecnologias, eles estavam mudando a forma como as pessoas se comunicam se relacionam e interagem entre si e com o mundo.

Pesquisando, descobri o quanto a ocupação das escolas, no Brasil, impactou na área acadêmica: vários autores tratavam do assunto. O primeiro livro que identifiquei foi o livro do Castells (2013), “Redes de indignação e esperança. Movimentos sociais na era da

internet”. Ele fazia um estudo sobre os movimentos de ocupações pelo mundo, a partir da primavera árabe em 2011 até as manifestações de 2013 no Brasil. As categorias trabalhadas pelo autor foram de extrema importância para essa dissertação: autonomia, novas tecnologias, redes, horizontalidade, multimodal. Pesquisei mais a fundo e encontrei Gohn (2014, 2017), com duas obras importantíssimas para o desenvolvimento do trabalho: os livros “Sociologia dos movimentos sociais” e “Protestos e lutas no Brasil”, que estudam os novíssimos movimentos sociais e manifestações e protestos no Brasil. Ilse Scherer também foi muito importante para a pesquisa, pois ela estuda as redes de mobilizações no Brasil. Também encontrei vários artigos e trabalhos acadêmicos sobre o tema no Brasil, mas nenhum no Ceará. Dentre eles posso citar a pesquisa de doutorado da Silva (2016). A pesquisa dela aborda a participação dos estudantes do ensino médio das escolas públicas da região de caieiras de São Paulo e os movimentos e redes sociais, com o foco voltado para a inserção digital nas escolas. Alguns artigos foram de extrema importância para a minha pesquisa, posso citar: “Como ocupar uma escola? Pesquisa na Internet” e “Minas de luta: Cultura do quarto virtual nas ocupações das escolas públicas em São Paulo”, os dois artigos de Romancini, Castillo (2017); “Lute como uma menina: questões de gênero nas ocupações das escolas”, Santos, Miranda (2017); “Ocupações em Santa Maria: uma roda de conversa sobre mídia com os ocupantes secundaristas”, de Pain, Cáceres, Brignol (2017).

Outra fonte importante da pesquisa foram os audiovisuais produzidos. Filmes como “Educação”, do Cezar Migliorin; “Lute como uma menina”, de Beatriz Alonso e Flávio Colombini; a “Rebelião dos Pinguins”, de Carlos Pronzato; “Revolta das Canetas” - do Coletivo Nigéria; “Sintera”, de Fellipe Farias, dentre outros.

Em maio de 2017, já na Universidade, participei de um encontro dos estudantes, chamado “Por que os/as estudantes lutam?”, um seminário com a realização do CEDECA (Centro de Defesa da Criança e do Adolescente) e do Centro de Defesa da Vida Herbert Souza, no qual cerca de 30 estudantes de diversas escolas ocupadas do Ceará estavam presentes. A programação contava com o depoimento de 05 estudantes das escolas no Bom Jardim, depois a entrega do relatório das ocupações das escolas ocupadas no Bairro e, por último, uma apresentação de Jonas Medeiros, um dos professores que escreveu o livro “Escolas de Luta”, que faz um retrato histórico sobre as ocupações em São Paulo, seguido de um debate com Jonas Medeiros, Marina do CEDECA e Camila Marques, membro da Organização Não Governamental (ONG) Artigo 19. O seminário foi no início da minha relação com o campo, no qual consegui me inserir e passei o dia com os estudantes, almoçando, conversando, debatendo e vivendo com eles o primeiro encontro pós-ocupações.

Foi lá que conheci Dieuller, Lane, dentre outros estudantes e o pessoal do CEDECA, a Marina que foram muito importantes dentro desse processo. Na época, descobri que os estudantes haviam criado um fórum o FUMEP (Fórum unificado do movimento estudantil e popular) para acompanhar a TAC (termo de ajustamento e conduta) que foi o acordo do governo do Estado com os estudantes.

Continuei a pesquisa e descobri a ocupação da Escola Adauto Bezerra, localizada no bairro de Fátima, uma das que tiveram maior participação política dos estudantes, por ser uma escola central (os estudantes do Adauto moram em diversos bairros da cidade). Foi quando entrei em contato com os estudantes da escola e realizei um grupo focal com 03 alunos. A cada nova conversa, várias descobertas. Esse grupo focal aconteceu em maio de 2017.

Em dezembro de 2017, entrei em contato com o CEDECA para entender o seu papel dentro do movimento. A entrevista foi realizada com Dieuller Silva, que fazia parte do Fórum FUMEP e com Marina de Araújo Braz. Lá entendi o papel do Fórum e do CEDECA dentro do processo de ocupação, que foi o órgão principal no auxílio dos direitos dos estudantes em momentos de repressão da polícia e também na hora que os 320 estudantes foram indiciados pelo Ministério Público por danos às escolas.

Em maio de 2018, decidi retomar as entrevistas; agora, em uma nova escola, o Liceu do Conjunto Ceará. A proposta do grupo focal, que contava com 06 estudantes, sendo 03 meninos e 03 meninas, era retornar à escola que foi ocupada e ouvir os relatos dos estudantes, para resgatar as memórias deles. Conversamos, percorremos os lugares das ocupações. Durante o processo, foi possível compreender mais a fundo o papel das assembleias e das reuniões, o uso das redes sociais da internet com mais profundidade e também uma surpresa: as ocupações nas escolas tiveram, além do governo, um outro opositor; estudantes que não eram a favor do movimento criaram o “desocupa”, com intuito de acabar com as ocupações nas escolas.

As categorias para o desenvolvimento do trabalho são: movimento social. comunicação mediada por computador. redes sociais da internet. cidadania. redes, horizontalidade, autonomia, mediação, mobilização social, internet, cidadania, educação. O corpus da pesquisa é o fenômeno de ocupação das escolas no Ceará em 2016 e o objetivo entender os processos comunicacionais produzidos na mobilização e compartilhados nas redes sociais da internet e a conversação nas redes. Os movimentos sociais de estudantes no Brasil são históricos e merecem um destaque especial, pois sempre estiveram presentes em momentos cruciais da história política do País. Estudar os processos comunicacionais criados

a partir das interações e mediações nas escolas e compartilhados nas redes sociais da internet nas páginas das escolas ocupadas do Estado do Ceará, em busca da democracia, da autonomia é de grande relevância, para analisar e identificar a juventude atual e os novos rumos da mudança social em nossa época e compreender, ainda mais, as práticas da juventude popular urbana e o impacto de suas ações em nosso tempo.

O primeiro capítulo tem como título “Revolta das canetas, um movimento social?”. É uma pergunta, a primeira delas para entender onde se inserem, teoricamente, as ocupações nas escolas. É um movimento social, é uma mobilização? O que caracteriza esses novíssimos movimentos sociais? Para entender a contextualização sobre os movimentos sociais, as redes de mobilizações e ativismo político, na atualidade, apresenta-se os olhares de Touraine (2006), Gohn (2012, 2010, 2014, 2017), Castells (2013), Peruzzo (2009), Harvey et al (2012), Rolnik et al (2013), Scherer-Waren (2006, 2014), Pleyers (2013). Faremos uma análise sobre os novíssimos movimentos sociais, movimentos em redes, transnacionais, que se caracteriza pelo uso das novas tecnologias da informação e comunicação e a ocupação dos espaços urbanos. Foi abordado algumas categorias que são importantes para entender esses novíssimos movimentos sociais: redes, horizontalidade, autonomia, comunicação, internet e ativismo digital. Nesse mesmo capítulo, apresentou-se uma discussão sobre os tipos de ativismo no Brasil no século XXI, desde as manifestações de junho de 2013 à Primavera Secundarista, da qual fez parte a Revolta das Canetas em 2016, nosso objeto de estudo.

Durante a análise teórica, compreendeu-se que os movimentos sociais atuais que surgiram com as novas tecnologias estão mudando de categoria. Existem novas categorias surgindo como mobilização, redes de mobilização. Os jovens querem participar de ações coletivas. A necessidade agora principalmente é entender o contexto social no qual se insere os movimentos, mobilizações, ocupações dentre outras. Gohn (2014) acredita que o termo movimento social está perdendo espaço para mobilizações. Os jovens atualmente preferem atuar em coletivos. Há uma transformação no campo das lutas e protestos que deve ser levada em consideração e analisada. No mesmo capítulo abordou-se o movimento estudantil e o porquê de ocupar as escolas. “Por que ocupar as escolas? A insurgência dos estudantes” é um capítulo que aborda a educação no Brasil, a partir de 1990, com a influência do Banco Mundial e do FMI (Fundo Monetário Internacional), através de políticas neoliberais por meio da Declaração Mundial de Educação para todos” para os países periféricos. O capítulo irá discutir esse modelo de educação e o que acarretou no Brasil atual. Foi discutido as reformas no País e a educação nos últimos anos no Brasil, levantando as causas da insurgência das ocupações. No mesmo capítulo, para aprofundar a discussão sobre movimento estudantil,

existiu uma abordagem a partir do panorama sobre os movimentos estudantis no Brasil até chegar aos dias de hoje. Quem são esses jovens? O que mudou? Pois é era necessário entender o que está sendo debatido agora sobre a juventude e os movimentos sociais. Esse capítulo trará os seguintes autores: sobre o olhar de Piolli, Mesko (2016), Bresser-Pereira (1998), Mota, Maues (2014), Poener (1995), Morin (2008), Arroyo (2003), Bringel (2009), Mesquita (2003), Sousa (1999), Frigotto (2000, 2016), Freire (1987, 1996), Kaplun (2002), Gohn (2014, 2017) dentre outros.

O Segundo capítulo aprofundará a teoria dos estudos culturais e a recepção e a relação com as novas tecnologias, cibercultura e Comunicação mediada pelo computador a partir das conversações em rede. Trabalharemos com os autores dos estudos de mediações Martin-Barbero (2009; 2015) Orozco (1991, 2014), Orofino (2014), comunicação comunitária de Peruzzo (2009, 2010, 2013, 2015, 2016, 2017) de mobilização social na era da Internet de Castells (2013), Cibercultura (Levy, 1999) e as conversações em rede na comunicação mediada pelo computador - CMC (Recuero, 2014).

O terceiro capítulo foi dividido em duas partes, a primeira aborda a abrangência metodológica, no qual a proposta é trabalhar com pesquisa qualitativa e quantitativa, através da ARS (análise de redes sociais), análise de conteúdo e grupos focais. A segunda parte verificou-se analisar 03 (três) páginas das ocupações (@ocupacaic, @ocupaadauto, @ocupalcc) com foco na comunicação mediada pelo computador e a conversação em rede.

2 REVOLTA DAS CANETAS: UM MOVIMENTO SOCIAL?

Começamos essa pesquisa tentando entender o que foram as ocupações nas escolas. Foi uma mobilização política? Um movimento social? Por que as ocupações aconteceram? O que estava acontecendo na educação no Brasil? Para compreender esse momento da sociedade atual no Brasil, apresenta-se uma retrospectiva histórica sobre os movimentos sociais e movimento estudantil, a fim de compreender as transformações que estão acontecendo na sociedade.

2.1 Movimento Sociais uma categoria em transformação

Os movimentos sociais são a alavanca das mudanças no mundo, eles transformam as instituições para representar a sociedade. Peruzzo (2009) acredita que os movimentos sociais populares são articulações da sociedade civil por segmentos da população que se reconhecem donos de seus direitos que ainda não foram efetivados. São movimentos que tem uma dinâmica própria de organização. Ela cita os tipos de movimentos sociais: Movimentos que podem ter origem a partir de uma Instituição (igreja, partido, sindicato, escola), os que podem ser características da natureza humana (sexo, raça, idade...), de problemas sociais como moradia, mobilidade, saúde e os movimentos em função da conjuntura política de uma nação, que surgem a partir de uma ideologia política.

Segundo Gohn (2017) os movimentos sociais possuem três modelos: clássicos, novos e novíssimos. Os clássicos, ela exemplifica que são o dos sindicatos, os sem-terra, os estudantes, movimentos populares etc. Os novos abrangem movimentos por lutas de direito, identidades e foram criados na década de 70 e os novíssimos que são os movimentos da atualidade. “abrangem movimentos da atualidade, a maioria criados ou “firmados” na cena pública na década de 2010, a exemplo do Movimento Passe Livre (MPL) e do movimento dos secundaristas de um lado; e de outro, o Vem pra Rua (VPR) e o Movimento Brasil Livre (MBL), criados em 2014.” (GOHN, 2017, p. 9)

Para Gohn (2017) a diferença entre os movimentos sociais clássicos e os novos está na prática organizacional, e complementa que quando se fala dos novíssimos movimentos sociais a construção de uma identidade é ainda mais complicada porque eles são diversificados, com múltiplas referências. Para ela a categoria movimento como forma deixou além de ser hegemônica e também aglutinadora de identidades, os jovens não querem fazer parte de um movimento social e sim de coletivos, que na percepção deles são autônomos,

horizontais, fluidos e fragmentados. Dessa forma eles “os jovens contestam e renovam práticas e valores estabelecidos por meio de sua cultura” (GOHN, 2017, p. 23).

Para Scherer (2006) os movimentos sociais são bem dinâmicos e as teorias não conseguem acompanhá-los, com a globalização e as novas tecnologias os movimentos na América Latina e no Brasil se diversificaram e ficaram complexos. Ela sugere as revisões dos paradigmas do século XX atentando para novos atores sociais e para os cenários políticos. Ela percebe a necessidade de se olhar para esses vários tipos de ações coletivas, o que será mostrado mais à frente.

Há um novo momento e um novo associativismo civil dos jovens contemporâneos. Essas ações coletivas organizadas em movimentos sociais, associações e redes civis, grupos de interesse e de pressão, contestações, disputas e litígios políticos de vários sujeitos sociopolíticos tem pautado as agendas das lutas sociais, com novas demandas, formas de organizações e formas diferentes de comunicar e agir (GOHN, 2014).

Touraine (2006) questiona se ainda vale a pena significar o que seja movimento social na atualidade, pois ele acredita que o mais importante é a análise sociológica dos movimentos sociais na sociedade. Ele não se propõe esclarecer o que sejam movimentos sociais, mas levanta a questão da necessidade de se distinguir claramente os movimentos sociais em cada tipo de sociedade e os conflitos estruturais que se opõem aos detentores do poder econômico e social, que fazem parte de uma mudança histórica. “É necessário não aplicar a noção de movimentos sociais a qualquer tipo de ação coletiva, conflito ou iniciativa política. É aceitável aplicar análises, ligadas à noção de “resource mobilization” a todas as formas de ação coletiva e de conflito.” (TOURAINÉ, 2006, p. 18).

Segundo Gohn (2014) esse novo momento é bem diferente das rebeliões de 1960 e também diferentes das ações coletivas dos movimentos altermundialistas recentes, como o Fórum Social Mundial. Se diferenciam pela forma como aproveitam as oportunidades políticas e socioculturais que surgem e como veem os partidos e organizações políticas. “As diferenças passam pelos campos temáticos tratados, pelos repertórios, formas de comunicação, identidades criadas, pertencimentos de classe e sociocultural” (GOHN, 2014, p. 12).

No final do século XX e início do século XXI, surgiram novos referenciais para explicar a teoria sobre os movimentos sociais. De forma geral, observam-se seis eixos analíticos nas teorias dos movimentos sociais: identitários e culturais; centralidade no tema do reconhecimento e da justiça social; autonomia à resistência como focos básicos; questão da colonização dos saberes; ênfase nos aspectos institucionais das ações coletivas e a

repolitização nas abordagens sobre os protestos transnacionais e uso das redes sociais (GOHN, 2012, p. 348).

Aprofunda-se o eixo das ações coletivas e a repolitização nas abordagens sobre os protestos transnacionais e o uso das redes sociais e os movimentos em redes, na qual acredita-se que as ocupações nas escolas secundaristas no Ceará podem ser analisadas dentro desse eixo, dos quais utiliza as novas tecnologias, para lutar por suas pautas e direitos.

2.2 Movimento Estudantil: *As insurgências dos estudantes no Brasil*

Em seu último livro, que tem como foco as manifestações e protestos no Brasil a partir de 2013, Gohn, cita que os movimentos estudantis no Brasil passaram por sete ciclos até hoje: primeiro ciclo, em 1960, com as revoltas e passeatas; segundo ciclo, a partir de 1975, quando a tensão continua entre os militares e as forças democratizantes gerou uma dinâmica de concessões do regime e conquistas da sociedade dentro de uma conjuntura de resistência e luta democrática (BRINGEL, 2009, p. 14); terceiro ciclo, na década de 1980, na conjuntura do movimento pela anistia e diretas já; quarto ciclo, os caras pintadas durante o processo de impeachment de Collor; quinto ciclo, as ocupações das reitorias durante os anos de 2007 e 2008; sexto ciclo, a reorganização do movimento dos profissionais de Educação, onde as greves de professores passaram a ser usuais no Brasil, a partir de 1988, quando a Constituição incluiu o direito de sindicalização dos funcionários públicos e outros; e o sétimo e último ciclo, as ocupações de secundaristas a partir de 2015: ensino médio e escolas técnicas.

No Brasil a partir do Império os jovens brasileiros começaram a ter uma presença política, mesmo que individual e foram inspiradas nas ideias de Voltaire, Rosseau, Montesquieu, trazidas da Europa pela aristocracia e propagada pelas sociedades e clubes secretos. Mas somente com as campanhas pela abolição da escravatura e a proclamação da república se começa algumas tentativas de sistematizar o movimento estudantil brasileiro, com o surgimento da imprensa acadêmica de feição política contra o lusitanismo e absolutismo (SOUSA, 1999).

A participação dos jovens na segunda república, ainda era individualizada e concentrada no segmento da classe média, na qual não existia uma luta de classes, a classe operária era isolada. Em 1934 com o primeiro congresso da juventude operária infantil nasce uma iniciativa classista, na qual a juventude comunista procura fortalecer a luta contra o nazismo e o integralismo (SOUSA, 1999).

Somente com a criação em 1937 e posteriormente a instalação e reconhecimento da União Nacional dos Estudantes (UNE) que os estudantes passam a atuar juntos, em um mesmo organismo, com objetivo amplos e definidos.

Após o 2º congresso da UNE, a organização estudantil adquiriu conotação política com pauta social volta para as questões nacionais, como a luta contra o analfabetismo, a implantação de siderúrgicas, a crítica do colonialismo, o anti imperialismo, ou o próprio trabalho no sentido da consolidação da entidade (SOUSA, 1999, p. 33).

Com a segunda guerra mundial as comissões de estudantes começam a se solidarizar com a causa e com isso consegue pautar os principais jornais da época. Além disso a universidade tinha um canal direto com o estado, o intuito era de iniciar uma participação política dos estudantes no governo. (SOUSA, 1999).

A divisão do movimento estudantil vem com o Estado Novo, com a polarização ideológica de direita e esquerda, quando Luiz Carlos Prestes apoia Getúlio Vargas. (Sousa, 1999). Nessa época a participação política é voltada para a transformação da sociedade brasileira e o fortalecimento das tendências da igreja e dos partidos de esquerda (comunistas ou socialistas). Também nessa época a sociedade de consumo começa a se firmar para um caminho na qual o mercado começaria a ditar regras.

As décadas de 50 e 60 são marcadas por uma presença visível das juventudes, em busca de uma afirmação, com a criação de espaços para representar a si próprio.

O engajamento político e cultural dos jovens na década de 60 foi uma experiência incontestável e reveladora da possibilidade de seu compromisso social. A condição de estudante naquela década significava um investimento global em um território onde muitas experiências se cruzavam. O final da década inspirou uma abordagem e o desenvolvimento de uma sociologia da juventude voltada a compreensão do caráter transformador que sua presença social pareceu imprimir (SOUSA, 1999, p. 35).

Os anos 60 são marcados por um profundo questionamento dos valores, tanto na cultura quanto na política. Foi um momento de abertura para demandas revolucionárias. Esses anos pertenceram aos jovens como atores fundamentais, definindo pautas, transformando a percepção de liberdade, recusando a formalidade e alienação. Por outro lado, a busca pelo futuro influenciado pelo desenvolvimento tecnológico e econômico e o consumo de bens, os países da América Latina começaram a sentir um paradoxo de progresso com dependência como intensificação do trabalho assalariado, grandes desequilíbrios regionais, avanço das

oportunidades educacionais, insatisfação da classe média com qualidade de vida (SOUSA, 1999: 36).

Segundo Sousa (1999) a UNE, desde as primeiras gestões viveu uma grande inquietação nos anos 60, greves, rumores do golpe, articulações pró-militares, reivindicações civis e crise econômica. Decidiram engajar-se na resistência, abrindo várias pautas e debates, dentre eles a pauta contra a pobreza, políticas inflacionárias, baixos salários. A UNE tinha seu principal trabalho com a base da cultura popular.

Após 1964 o movimento estudantil sofreu fechamento de entidades, prisão de lideranças e a sua substituição para o DCEs (Diretório Central dos Estudantes), a organização estudantil começa a viver com a clandestinidade, usava nomes frios e procurava articular o movimento com a luta política geral. Atingiu sua maior resistência em 1968 com o assassinato do estudante secundarista Edson Luiz de L. Souto e a intervenção da repressão policial no rio, o que desencadeou na passeata dos cem mil. Segundo Sousa (1999) as manifestações eclodiram em todos os estados. O Rio de Janeiro assistia à intervenção da repressão policial e as reações de protesto - a passeata dos cem mil foi uma impressionante manifestação do sentimento de recusa ao autoritarismo militarista da época. O congresso de Ibiúna marcaria as divergências internas entre os dirigentes do movimento, em razão da fragilidade da organização. A UNE funcionou precariamente até sua extinção em 1973. Com o assassinato de seu último presidente, Honestino Guimarães e dos diretores Gildo Macedo Lacerda, Humberto Câmara e J. Carlos da Mata Machado. (SOUSA, 1999, p. 40).

Em 1969 são decretados o AI-5 e o decreto 477, que visava controlar e impedir a ação política dos estudantes, restauraram o recuo massivo, tornando o movimento exposto e vulnerável. De 1964 a 1985 o regime militar acabou com os valores das instituições civis e democráticas, o período do medo, que segundo Sousa (1999) “trouxo a despolitização, a redução das atividades associativas, o apoio a privatização da economia, a adoção de estratégias egoístas de sobrevivência, a competição e a especulação” (SOUSA, 1999, p. 41).

Após o golpe militar, os movimentos sociais, durante 10 anos sofreram repressões. Somente em 1974, com as políticas de liberalização e de “distensão” de Geisel, começou uma reabertura para reestruturação de políticas favoráveis a rearticulação aos movimentos sociais, surgindo assim um segundo ciclo de ações coletivas. “A partir de 1975, a tensão contínua entre os militares e as forças democratizantes gerou uma dinâmica de “concessões do regime e conquistas da sociedade”, em uma conjuntura de resistência e luta democrática que, de forma contrária à década anterior, possibilitou a articulação de amplia

plataforma de luta pelas liberdades democráticas (NASCIMENTO, 2007: 324 apud BRINGEL 2009).

O ano de 1977 foi decisivo no processo de transformação do regime, com a cassação e anulação de mandatos de vários deputados e o decreto de recesso temporário do congresso, na qual a sociedade civil começava uma reação e despertava para as questões pendentes para a democracia. O Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) pede revogação do AI-5; estudantes saem às ruas de São Paulo e no Rio e declaram greve na UnB (Universidade de Brasília) por causa de sanções que atingiram seus companheiros; familiares de desaparecidos e exilados se manifestam; acadêmicos protestam contra o impedimento e o corte de verbas, e realizam a 29 reunião da sociedade brasileira para o progresso da ciência. (SOUSA, 1999, p. 44).

Em 1978, “apareceram as greves do ABC paulista, a luta pela anistia e a promulgação da reforma proposta pelos militares, de distensão lenta, suprimindo os instrumentos mais nitidamente discriminatórios da legislação, mas mantendo a vigência estrutural do controle de segurança nacional.” (SOUSA, 1999, p. 45).

A militarização do estado colaborou com a acentuada redução da militância após os anos 70, não se recuperou depois da abertura. Os jovens, portanto, seguiram os caminhos possíveis após os anos da ditadura, o do reerguimento tímido do movimento estudantil e do acompanhamento dos movimentos sociais urbanos (SOUSA, 1999, p. 46).

Segundo Sousa (1999), em 1979 em um congresso em Salvador houve a tentativa de reconstrução da UNE, os jovens estudantes vão encontrando formas de articular-se contra o autoritarismo do regime militar, e renovam o território de intervenção quando começam a participar dos movimentos populares urbanos.

Sousa (1999) coloca a década de 1980 como um período de mudanças estruturais, econômicas e políticas no Brasil, para economia foi um período recessivo com a elevação de desemprego no País, nesse período insere-se a sociedade do trabalho, escola e lazer. “Segundo Madeira (1986) o trabalho passou a ser a atividade concreta de muitos jovens, ao passo que a escola uma atividade para poucos, e a relação com a família passou a transitar entre o conflito e a solidariedade.” (SOUSA, 1999, p. 51).

Bringel (2009) lembra que os anos 80 é pautado por uma reconstrução institucional, o surgimento do “Movimento pela Anistia” e as “Diretas Já”. O cenário era de negociação, por conta da saída formal dos militares. Era um período de participação popular nas assembleias constituintes com a participação das organizações e movimentos sociais

segundo Michiles (1989 apud BRINGEL 2009) os estudantes apresentaram cinco emendas, mas somente uma conseguiu cem mil assinaturas.

De acordo com o estudo de Michiles (1989) sobre as emendas populares e a participação de organizações e movimentos sociais, os estudantes apresentaram cinco emendas, mas somente uma conseguiu mais de cem mil assinaturas. Isso poderia levar a uma dupla interpretação: o refluxo, em termos de impacto político, das lutas estudantis e uma institucionalização da ação coletiva estudantil que passava a gravitar em torno de entidades estudantis pré-constituídas, principalmente a União Nacional dos Estudantes (UNE), as Uniões Estaduais de Estudantes (UEEs) e os Diretórios Centrais de Estudantes (DCEs). (BRINGEL, 2009, p. 110).

Segundo Bringel (2009), a década de 90, passa por diversas mudanças para o Brasil e os Países da América Latina, com a aplicação de políticas neoliberais e a abertura a um processo de globalização na qual a educação passa a ser a palavra-chave nos discursos dos governos, empresas privadas e das instituições multilaterais como Banco Mundial. Eles recomendam reformas educativas que priorizem a redução de gastos e flexibilização. As universidades passam por um processo de transformação, na qual se aumentam significativamente as universidades particulares, é valorizado o quantitativo, a tecnificação da atividade intelectual e uma perda da produção e do ambiente de formação crítica. Bringel (2009) acredita que com essas questões podemos pensar sobre a desmobilização estudantil no período, na qual foi marcado pela apatia, limitados apenas ao Diretórios Centrais dos Estudantes (DCEs) e demais instituições estudantis.

Segundo Sousa (1999) o ano de 1992 pode ter sido inédito no período por conta do processo de impeachment do Presidente Fernando Collor de Melo, na qual os estudantes foram a rua, em uma das maiores manifestações políticas da história do país, em todas as capitais houve protesto, que tinham como bandeira a luta contra a corrupção, a favor do impeachment e da ética. Ela acredita que esses vários protestos criaram uma condição maior para discussão de cidadania no Brasil. E aponta que outro fator que marcou foi a esperança do ressurgimento do movimento estudantil brasileiro, porém não foi isso que ocorreu, para ela “O jovem brasileiro da época, não queria envolvimento com questões sociais e políticas. o individualismo, a valorização da família e da carreira profissional vem em primeiro lugar. (SOUSA, 1999, p. 54).

Vários autores, como Mische (1997, 2008) e Barbosa (2002), chegam a considerar a aparição dos “caras-pintadas” durante o processo de impeachment de Collor como a única manifestação juvenil que rompe com a apatia e o individualismo da geração shopping center. Esse poderia ser considerado um quarto ciclo de ação coletiva das lutas estudantis, ainda que devamos lembrar que os “caras-pintadas” foram atores de uma mobilização mais ampla da sociedade civil. (BRINGEL, 2009, p. 111).

O que se achava que seria a grande retomada do movimento estudantil não aconteceu, os estudantes estavam em busca de sua formação guiada para o mercado de trabalho, o lazer e as questões da família. Tinham-se alguns movimentos urbanos, como o movimento Hip Hop, e identitários, porém ações territoriais centralizadas em alguns pontos específicos.

Secundaristas e universitários tomaram a frente em passeatas caracterizadas por um misto de saudosismos, repúdio e irreverência. Apropriaram-se das cores nacionais, verde-amarelo. Parecia que definitivamente haveria um renascimento político da juventude estudantil. Mas isso não ocorreu. As manifestações foram episódicas. Com uma euforia coletiva. sem articulação sólida de sustentação ou como forma organizativa mais permanente. Deixaram claro, também, quanto o imediatismo, em certos momentos da história do Brasil. (SOUSA, 1999, p. 54).

As diferentes formas de participação juvenil em movimentos sociais assumidas, ao longo da história, têm como característica a oscilação, alternando períodos de visibilidade pública com outros de forte retração e invisibilidade (Unesco,2004)⁹. Essa oscilação dos jovens, conforme o livro Políticas Públicas da Juventude, faz parte da transitoriedade da condição juvenil.

Na realidade, tudo parece indicar que a chamada “apatia juvenil” se relaciona com a desilusão que estariam produzindo instituições que funcionam cada vez mais ligadas a graves problemas relacionados com a corrupção e a falta de transparência e eficácia na gestão....O certo é que quando os jovens percebem possibilidades reais de incidir nas decisões, participam com grande entusiasmo. (UNESCO, 2004).

Mesquita (2003) também acredita que no passado o movimento estudantil era o único canal de expressão política dos jovens, e que hoje contam com múltiplos canais diferenciados. Eles constroem novas políticas públicas, com novos modelos culturais, indo além dos canais clássicos como os sindicatos, partidos e governos, eles se organizam de outras formas diferentes.

A partir de 1990, ocorreu o surgimento de outras formas de organização, como fóruns, centrais de movimentos populares, ONGs; porém, de duas décadas para cá, os movimentos históricos com lideranças e partidos definidos estão em processo de transformação, passando por um novo ciclo referente às questões de mobilização e organização, tornando-se mais horizontal.

Segundo Mesquita (2003), no início dos anos 2000, o movimento estudantil não aglutinava e nem mobilizou tanto quanto no passado. Ele acredita que isso se dá por uma

⁹Políticas públicas de/para/com as juventudes. – Brasília: UNESCO, 2004.

inversão de valores de uma ideologia conservadora dentro do status quo. Mas acredita que não deva ser negada as transformações sociais ocorridas nos últimos anos.

Porém, também não devemos perder de vista as transformações sociais que ocorreram nos últimos anos. Se o movimento não aglutina e nem mobiliza tanto os estudantes, como no passado, isso se torna mais problemático numa conjuntura marcada pelo neoliberalismo. A realidade dos últimos 20 anos de uma sociedade baseada na concorrência – imposta pelas leis de mercado – no individualismo, e numa “inversão de valores” subjacentes a uma ideologia conservadora e estruturante do status quo, faz parte da retórica estudantil para explicar a falta de participação dos estudantes e o distanciamento destes das entidades. (MESQUITA, 2003, p. 125).

Mesquita (2003) faz uma análise sobre os movimentos estudantis organizados e a estrutura do movimento estudantil a partir de uma hierarquia e estrutura, centralizadora, partidária, burocratizada e ultrapassada. Distanciando assim os estudantes e suas entidades, na qual levanta uma preocupação constante da falta de representatividade e há influência dos partidos no interior do movimento estudantil, onde há uma crítica em relação a entidade, na qual “aparelha” o movimento e não formula alternativas efetivas, com intuito de construir uma agenda própria do movimento, gerando assim um desgaste e descrédito e conseqüentemente a falta de participação dos estudantes no movimento. Essa distância se dá pela falta de criar ou recriar espaços de participação para os estudantes, falta um elo identitário que sirva de ligação. Os estudantes estavam deixando de acreditar na UNE, foi quando no 46 congresso nacional a UNE traz um slogan de união, conforme explica Mesquita (2003):

No 46.º Congresso, apostou num movimento baseado na união de forças políticas. Com o slogan: “A UNE é união, não é partido não” a tese Refazendo criou um discurso de um movimento estudantil unitário e apartidário. “O movimento estudantil também se caracteriza pelo fato de ter em si a capacidade de manifestar sua pluralidade. A questão da unidade é pertinente, desde que, resguardado o espaço para a manifestação da diferença (MESQUITA, 2003, p. 126).

Começa então uma luta pela independência da UNE. Paralelo a isso tudo uma revolta dos estudantes de Salvador em 2003, entre agosto e setembro, dá início o que hoje conhecemos como Movimento Passe Livre (MPL). Estudantes vão às ruas de Salvador lutar contra o aumento da passagem. A tarifa subiu de R\$ 1,30 para R\$ 1,50 e os estudantes lutavam pelo direito de ir e vir. Segundo Locatelli (2013) os protestos começaram de maneira descentralizada impulsionada por estudantes das escolas públicas, na qual bloquearam vários pontos da cidade, em diversos bairros, obstruindo a passagem. Não existia uma liderança e o prefeito da cidade Antônio Imbassahy do Partido da Frente Liberal (PFL) negociou com a

UNE 10 pautas, das quais 9 foram acatadas, a pauta da redução da tarifa foi a única que não foi realizada. Foi criado um documentário “Revolta do Buzu”, de Carlos Pronzato, que no ano seguinte foi exibido em Santa Catarina, quando foi organizada uma campanha pelo passe livre. Na qual os estudantes da cidade seguiram a mesma forma de bloqueios do movimento em Salvador e conseguiram algumas revogar o aumento das passagens da Prefeitura. Em 2005, nasce o MPL (Movimento Passe livre), a partir da participação no Fórum Social Mundial de Porto Alegre, na qual foi criada uma federação, na qual os coletivos seguiram os mesmos princípios, mas seriam autônomos, sem liderança definida. “Com a criação do MPL, a pauta do transporte voltava a ter atenção da esquerda.” (LOCATELLI, 2013). O Movimento Passe livre, volta a aparecer de forma maior nas manifestações de junho de 2013, como já foi visto no tópico anterior.

Em 2007 e 2008, o movimento estudantil brasileiro aparece novamente com as ocupações das reitorias nas Universidades. Trazendo um ponto de inflexão as lutas estudantis brasileiras, com questionamento sobre as dinâmicas organizativas e mobilizadoras dos últimos 20 anos. Discutindo uma organização horizontal, com informação e ausência de lideranças definidas. “Em suma, ante a centralização, hierarquização e partidização das lutas estudantis (expressadas, nas últimas duas décadas, pelo controle político dessas lutas pelos centros e diretórios de estudantes, a maioria cooptados por partidos políticos) aparece um formato mais “movimentista” (BRINGEL, 2009, p. 111). Esse novo formato prima por maior democratização da informação e da comunicação, o uso das redes sociais através dos blogs, servindo como fonte de informação aberta e interativa, para a formação de debates e mobilização. (BRINGEL, 2009).

Essas características dos movimentos estudantis brasileiros recentes, ao mesmo tempo que chocam com as dinâmicas prévias das lutas estudantis, aproximam-nos das lutas de outros movimentos sociais, como os de antiglobalização, e outros latino-americanos, que emergem no século XXI. (BRINGEL, 2009, p. 112).

Segundo Bringel (2009) a ausência de um líder e horizontalidade nas liberações são as maiores características dos movimentos sociais latino americanos que surgem nos últimos anos, nas qual se percebe uma desconfiança dos jovens e da população, nas estruturas instituições, partidos e sindicatos e outras dinâmicas organizativas. “No caso das recentes mobilizações estudantis no Brasil, apesar dessa tendência, várias foram as acusações – sobretudo dos meios de comunicação hegemônicos e de intelectuais que parecem não estar

sintonizados com outras formas de fazer política – contra o aparelhamento do movimento estudantil.” (BRINGEL, 2009, p. 113).

Nos últimos anos os movimentos dos estudantes têm tido participação ativa, nos encontros do Fórum Social Mundial. Os movimentos estudantis voltam à cena pública, a partir da luta para questões específicas do cotidiano desses jovens. Eles não querem entidades e partidos políticos, lutam pela possibilidade de se expressarem, por questões específicas como o Programa Universidade para Todos (Prouni), cotas para negros e índios, passe livre, políticas de inclusão social (GOHN, 2010).

No novo ciclo de mobilizações pela educação, tanto no caso das ocupações das escolas públicas em 2015, como no Caso das ETecs em 2016, algumas características de junho de 2013 se repetem: a falta de mediadores e a ausência de lideranças. Ainda que haja uma organização e divisão interna de tarefas, apenas alguns estudantes têm a atribuição de se comunicar com a imprensa, dar entrevistas etc.; o elemento comum entre eles se chama movimento autonomista, alicerçado em princípios libertários. Devem ser incluídos entre os novíssimos movimentos pela forma de agir, inovações que trazem e o uso intensivo das redes sociais para toda organização, embora os princípios ideológicos sejam antigos, conforme resgate que fizemos para o caso do MPL. A tática das ocupações nas ruas ou nas escolas, ou o bloqueio de ruas ou cruzamentos de avenidas, são formas de expressão básicas da ação direta. A publicização dos atos faz parte das estratégias gerando também a politização (GOHN, 2017, p. 99).

A partir dessas lutas surge um novo jovem protagonista que não quer participar de um movimento social hierárquico, ele quer participar de coletivos, que tenham causas em comum, esse jovem tem como referência o anarquismo de Proudhon (GOHN, 2014, p.33), pois não acredita no sistema, ele acredita na horizontalidade da mobilização, em rede, onde todos possam participar dar sua opinião e voto por uma causa, ele é interagente, atuante, não é apenas receptor da comunicação, ele produz a comunicação e interage com as pessoas nas redes sociais, ele é autorreflexivo (CASTELLS, 2013), ele aprende no debate, ele transforma a cultura da escola a partir de uma nova convivência, comunitária, com distribuição igualitária de funções, ele acredita na gestão democrática, no pensamento crítico e na construção cidadã.

Esses movimentos têm semelhança com os movimentos em redes pelo mundo, como a primavera árabe, occupywallstreet, revolta dos pinguins no Chile, manifestações estudantis na América Latina.

2.3 Movimentos sociais em rede e as novas tecnologias

Esses movimentos eclodiram por todo o mundo e, em todos os países, houve a mesma forma de ação: ocupações de praças, uso de redes de comunicação alternativas e

articulações políticas que recusaram o espaço institucional tradicional. Uma onda de mobilizações protagonizada pelos jovens, um despertar coletivo não só pela mídia tradicional da TV ou do rádio, mas por uma nova difusão, nas redes sociais da internet. (HARVEY et al, 2012).

A crise financeira global de 2008 dará suporte para o nascimento dos novos movimentos sociais, tanto no mundo ocidental (Occupy Wall Street e indignados na Europa), como no oriente (primavera árabe e outros). Passaram da antiglobalização (ou alterglobalização) para a negação da globalização e de seus efeitos sobre a economia e o social, especialmente após a crise econômico-financeira de 2008. (GOHN, 2012, p. 353).

Para Rolnik et al. (2013) esses movimentos em rede questionam o modelo econômico neoliberal e o poder hegemônico, totalitário. “O velho modelo de república representativa, formulado no século XX e finalmente implementado como modelo único em praticamente em todo planeta, dá sinais claros de esgotamento.” (ROLNIK et al., 2013, p.12).

Começou nas redes sociais da internet, já que estas são espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas - que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerce de poder. Compartilhando dores e esperança num livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais. Uniram-se. (CASTELLS, 2013,p.12).

Os movimentos em rede se caracterizam pelo uso da internet como ferramenta de mobilização, debates, solicitações e esclarecimentos, democratizando a comunicação entre os atores sociais e a sociedade.

Para Castells (2013) os movimentos em rede começaram no mundo Árabe confrontados com violência pelas ditaduras locais, espalharam-se pelo oriente, ignoraram partidos políticos, desconfiaram da mídia, não reconheceram nenhuma liderança e rejeitaram organização formal, chegaram no mundo ocidental a partir de movimentos como Indignados na Espanha, Occupy Wall Street nos Estados Unidos utilizaram-se do ciberespaço e da ocupação do espaço urbano para reivindicar suas demandas. “Em 15 de outubro de 2011, uma rede global de movimentos Occupy, sob a bandeira “Unidos pela mudança Global”, mobilizou centenas de milhares de pessoas em 951 cidades de 82 países” (CASTELLS, 2013, p.13).

O precursor dos movimentos em redes que utiliza das novas tecnologias foi o Movimento Zapatista, no México. Na América Latina no século XXI podemos citar a Revolta

dos pinguins no Chile em 2006 e 2011, o movimento estudantil na Argentina, as manifestações de junho em 2013 e a primavera secundarista no Brasil em 2015/2016.

O evento pioneiro é a revolta zapatista, que eclodiu no México em 1994, liderada por um antigo líder do movimento estudantil do país. “A revolta zapatista, mais do que as armas, utilizou as novas tecnologias de comunicação para difundir suas palavras de ordem” (PORTILLO et al, 2012, p.140). Ou seja, a disseminação ideológica é destacada, sendo que o mesmo ocorreu em uma série de mobilizações, em todo o mundo, como a Primavera Árabe, o movimento espanhol 15M12 e o Occupy. (ROMANCINI; CASTILLO, 2017, p. 98).

Esses movimentos tiveram o mesmo impacto das lutas sociais identitárias em 1960, porém, tais pautas foram reformuladas, pois, além das pautas identitárias foram acrescentados os problemas do dia-a-dia, discutindo o seu bairro, a sua escola e suas demandas locais.

Os atuais movimentos estão operando uma renovação nas lutas sociais da magnitude que os novos movimentos sociais operaram a partir dos anos 1960. Eles estão reformulando a pauta das demandas, de demandas identitárias para demandas grupais focadas em problemas estruturais da vida cotidiana - emprego, finanças/salário, dívidas, serviços sociais, como educação e saúde, terra para viver e plantar (demanda já secular, agora em confronto com o agronegócio e outros) etc. Eles estão repolitizando as demandas socioeconômicas e políticas, independentemente de estruturas partidárias. (GONH, 2012, p. 353).

Movimentos em rede são composto por jovens que usam a Internet como principal ferramenta de comunicação. Conectam-se em rede, onde articulam-se, criam pautas, mobilizam pessoas para participarem das manifestações e aderirem à luta. “A maioria desses movimentos é composta de jovens e a forma de comunicação predominante é on-line, que ganhou status de ferramenta principal para articular as ações coletivas” (GOHN, 2012, p. 353).

Segundo Gohn (2012), as lutas sociais passam por uma nova etapa que alinham as inovações tecnológicas e retornam às teorias do século XIX revisadas, de um lado o neomarxismo e de outros, socialismo libertário e humanismo holístico. Os novos atores dos movimentos sociais do século XIX pressionam um processo de mudança e reinventam formas de fazer política. Eles não se contrapõem os novos movimentos sociais, que lutam por questões identitárias e nem se contrapõem a esses movimentos, eles coexistem, e lutam por novas pautas como direitos humanos e questão do capital e sua expansão.

Os movimentos em rede são de um novo tipo e se formam a partir de ideologias diferentes e com diferentes motivações. São um sintoma da crise da democracia representativa atual, dominada por partidos a serviço deles mesmos e não dos

cidadãos, eleições controladas por dinheiro e meios de comunicação, corrupção sistêmica de todos os partidos políticos e em quase todos os países. Se houvesse vontade de participação política e democrática por parte das elites, a comunicação em rede oferece enormes possibilidades de incrementar a participação cidadã ao invés de reduzir a democracia a um voto midiático a cada quatro anos. E como há canais institucionais, a sociedade se expressa através de suas formas autônomas de debate, organização e manifestação, online e nas ruas. Nesse sentido, a comunicação em rede está revitalizando a democracia mediante a crítica aos partidos burocratizados e aos políticos corruptos (CASTELLS, 2015).¹⁰

Gohn (2012) acredita que esses movimentos não têm planos programáticos por convicção, mas se inspiram nos ideais do socialismo libertário do século XIX e em Foucault (1995). Por isso é interessante resgatar alguns dos princípios do anarquismo do século XIX.

Nas manifestações de estudantes da França, em 2010, e no Chile, em 2011, as teorias libertárias tiveram grande vigor. Elas têm recriado as utopias, movem os estudantes e incendiam as paixões dos jovens, nas respectivas gerações. Contestam o status quo, propõem um novo modelo de sociedade, destacam indivíduos e suas ações. (GOHN, 2012, p. 355).

São movimentos em rede porque são articulações de grupos locais que se inter-relacionam e se comunicam pelas novas tecnologias, construindo um todo maior que as partes. **As redes** é uma característica desse tipo de movimento, pois se conectam a partir das relações sociais no espaço físico e no universo online, são novas formas de ação coletiva. Segundo Cohen (2003) redes é uma nova forma de pluralidade que forma um novo jeito de conexão social, novas formas de ação coletiva, “Não me refiro à “ação coletiva” ou à conexão realizada unicamente pela internet, como uma campanha por correio eletrônico ou as conversas em salas de bate-papo” (COHEN, 2003, p. 435).

As “redes” geralmente caracterizam-se por esquemas de comunicação e intercâmbio voluntários, recíprocos e horizontais. Sob outro ângulo, é possível caracterizá-las como estruturas cuja capacidade de agir é maior que a soma de suas partes. E, de resto, envolvem a interação direta em grupos locais. Só que suas estruturas de comunicação lançam mão de modo cada vez mais frequente dos novos meios eletrônicos, permitem o entrelaçamento de atores “locais” e “não-locais”, que se conectam e discutem no ciberespaço por meio de troca de mensagens instantaneamente recebidas e respondidas. A internet facilita a expansão das interações comunicativas em escala planetária. (COHEN, 2003, p. 435).

Castells (1999, 2001, 2008 apud Gohn 2010) explica a sociedade globalizada como uma rede e as estruturas sociais construídas a partir dessas redes um sistema aberto, dinâmico, suscetível de inovações (GOHN, 2013, p. 13).

¹⁰ FONTES, Malu. Manuel Castells: "a comunicação em rede está revitalizando a democracia".: Fronteiras do Pensamento, 2015. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/entrevistas/manuel-castells-a-comunicacao-em-rede-esta-revitalizando-a-democracia>> Acessado em: 15. Jun. 2017.

Para Gohn (2013) na atualidade a categoria rede social passa a ter um papel mais importante do que movimento social, ela explica que essa categoria é bastante utilizada, que até apresenta um certo modismo, mas é de extrema importância para analisar as relações sociais pois permite a leitura e a tradução da diversidade sociocultural e políticas existente.

As redes se caracterizam pela **horizontalidade**, baseada na descentralização de lideranças, conexão em redes e autogestão, outra característica dos movimentos em rede. Esses movimentos não possuem uma liderança hierárquica, possuem causas em comum e que se unem a partir das redes sociais do mundo *offline* e redes sociais da internet.

São movimentos **horizontais**, não possui uma liderança constituída, são debatidos em assembleias. Não existe sede ou organizador, é um movimento virtual, a comunicação ocorre por mobile (celulares e diferentes formas de mídia), o registro instantâneo de ações transforma-se em armas de luta, ações que geram outras ações como resposta. As redes sociais são acionadas pelo celular e captadas no momento da ação, realizando conexões entre o global e local. (GOHN, 2012).

Para Piolli, Pereira e Mesko (2016), a horizontalidade não se trata de ausência de poder político e sim afirma o poder instituinte do grupo e dos indivíduos:

A horizontalidade propõe que o poder seja distribuído igualmente entre os membros de um movimento. Não se trata de ausência do poder político e sim da concentração do poder em indivíduos e grupos. As críticas ao poder instituído não são feitas em nome da negação pura e simples do poder, pelo contrário, por meio delas, se afirma o poder instituinte. (PIOLLI; PEREIRA; MESKO, 2016, p. 25).

Castells (2013) defende que o movimento por ser rede de redes, eles não tem um centro identificável, mas ainda são coordenados e possuem deliberação, através do inter-relacionamento de diversos núcleos, não havendo necessidade de uma liderança formal, de uma organização vertical. Ele defende que essa estrutura descentralizada aumenta as chances de participação do movimento e constitui redes abertas, sem fronteiras definidas, que ele vê como conexões horizontais.

Essas redes horizontais, multimodais, tanto na internet quanto no espaço urbano, criam companheirismo, favorecendo à cooperação e à solidariedade, ao mesmo tempo que reduz a necessidade de uma liderança formal, sendo de fato o alicerce para gerar confiança. (CASTELLS, 2013).

Os movimentos em redes são **multimodais**, não há uma dissociação entre o mundo online e offline, eles são interligados, associados, funcionam juntos. Atuam tanto na ocupação do espaço físico quanto no uso das redes sociais da internet, a partir de mídias

digitais como *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*, dentre outras. Sor e Fausto acredita que os ativismos políticos que levaram as manifestações de rua estão conectados no mundo online e offline:

As experiências recentes de manifestações de rua em vários países nos indicam que, quando analisamos a comunicação política, devemos tratar o mundo on-line e o off-line como subsistemas interconectados. Na passagem de um para outro (re)aparecem os indivíduos e organizações, com seus diferenciais em termos de iniciativa, poder, valores e interesses que, inclusive, estavam presentes, embora ocultos, no mundo da rede. (SORJ; FAUSTO, 2015, p. 15).

São movimentos locais à medida que usam o espaço urbano e as lutas locais. Porém são globais à medida que se conectam às redes sociais da internet e dividem seu dia a dia, as atividades e pautas com a rede, a partir daí outras pessoas se interessam ou se identificam com a causa e vão participando do movimento. “Da segurança do ciberespaço, pessoas de todas as idades e condições passaram a ocupar o espaço público ao reivindicar seu direito e fazer história, numa manifestação de autoconsciência que sempre caracterizou os movimentos sociais” (CASTELLS, 2013, p. 12).

Os movimentos são simultaneamente locais e globais. Começam em contextos específicos, por motivos próprios, constituem suas próprias redes e constroem seu espaço público ao ocupar o espaço urbano e se conectar às redes da internet. Mas também são globais, pois estão conectados com o mundo inteiro, aprendem com outras experiências e, de fato, muitas vezes são estimulados por essas experiências a se envolver em sua própria mobilização. (CASTELLS, 2013, p. 165).

Para Castells (2013), os movimentos em redes “são conectados em rede de múltiplas formas. O uso das redes de comunicação da internet e dos telefones celulares é essencial, mas a forma de conectar-se é multimodal. Inclui redes sociais on-line e off-line”. Formam-se redes dentro do movimento, com outros movimentos do mundo todo (CASTELLS, 2013, p.164).

Os movimentos podem começar nas redes sociais da internet, mas é no momento que ocupam o espaço urbano que ele se torna o movimento. “Embora esses movimentos geralmente se iniciem nas redes sociais da internet, eles se tornam um movimento ao ocupar o espaço urbano, seja por ocupação permanente de praças públicas seja pela persistência das manifestações de rua.” (CASTELLS, 2013, p. 165).

Para Sorje Fausto (2015) às redes sociais possuem uma capacidade enorme de mobilizar, disseminar a informação e organizar, porém, ele acredita que os encontros, a

organização dos grupos, as convivências no espaço urbano é que produzem as consequências duradouras da mobilização cidadã.

Castells (2013) fala que a interação da internet com o espaço dos lugares ocupados e prédios simbólicos, esse híbrido constitui um terceiro espaço, o da autonomia. Ele defende que só se pode garantir autonomia pela capacidade de se organizar no espaço livre das redes de comunicação, na qual o cidadão reclama o espaço da cidade.

Para Pleyers (2013), às subjetividades políticas e os atores dos movimentos sociais surgem de uma articulação entre a vida cotidiana e política, entre a internet e o espaço público, nesse convívio entre os espaços de militância. Ele levanta um olhar contrário a questão do determinismo tecnológico para o “internet-centrismo”, na qual a internet acaba contaminando e transformando o mundo real e defende que os convívios entre os espaços (urbanos e da internet) é o que devemos considerar.

Pleyers (2013) coloca que todas essas constatações não minimizam o impacto das novas tecnologias, através da internet e das redes sociais, mas é necessário obter esse olhar da intersecção entre o *online* e *offline*, entre participação na internet e nas ruas.

As mobilizações recentes seriam bem diferentes sem a explosão do número de usuários da internet no mundo árabe, particularmente no Egito (Gerbaudo, 2013) ; na Rússia (Lonkila, 2012) ou sem os jovens ativistas (Mason, 2012; Olesen, 2013) que difundiram as imagens e as reivindicações no YouTube e no Facebook, “twitando” ao vivo as manifestações, a repressão a elas ou as assembleias dos acampamentos de ativistas. No entanto, para compreender o papel da internet nas “revoluções árabes”, nos movimentos dos indignados e Occupy ou nos movimentos democráticos na Rússia, na Turquia e no Brasil, é preciso ultrapassar as oposições binárias entre o mundo “virtual” do ciberativismo e o mundo “real” das mobilizações nas ruas e nas praças. Ativismo online e ancoragem territorial, conexões globais e quadros nacionais, usos de mídias alternativas e referências à mídia estão bem mais articulados do que em oposição. (PLEYERS, 2013, p.88).

Para Castells (2013), como os meios de comunicação de massa são amplamente controlados por governos e empresas de mídia, na sociedade em rede, a autonomia de comunicação é basicamente construída nas redes da internet e nas plataformas de comunicação sem fio. As redes sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma mais ampla e desimpedida. Entretanto, ele expõe esse apenas um dos processos comunicativos pelo qual os movimentos sociais se relacionam com a sociedade em geral, os atores sociais precisam do espaço público, criando comunidades livres no espaço urbano. Ou seja, se esses espaços estão ocupados pela elite dominante, é necessário que os movimentos sociais abram um novo espaço para além da internet, que seja visível à vida social. Esse é o motivo de ocupar os espaços urbanos, no qual desempenham papel importante

na mudança social: a criação de uma comunidade baseada na proximidade, não há necessidade de ter questões ideológicas ou organização, apenas estando lá por suas próprias razões; segundo, os espaços ocupados não precisam de significados, são carregados do poder simbólico de invadir áreas do poder do Estado ou de instituições financeiras. Quando assumem esse espaço, os atores sociais reivindicam a própria cidade. Por último, construindo uma comunidade em um espaço simbólico, os movimentos sociais criam um espaço público, tornando-se um espaço político. Esse espaço público é um híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado, conectando-os entre si, tecnologicamente e culturalmente (CASTELLS. 2013, p.20).

Outra característica dos movimentos em redes é o uso das **novas tecnologias da comunicação e informação**. As redes sociais da internet são ferramentas importantíssimas para organizar, mobilizar, debater, coordenar e decidir. Mas o papel da internet vai além da ferramenta. As redes sociais da internet criam condições para uma forma de prática comum, permitindo que um movimento sem liderança sobrevive, coordene, expanda-se (CASTELLS, 2013).

Para Gohn (2017) a internet e o uso de aparelhos móveis são geradores de mobilizações da sociedade civil, criando novas formas de sociabilidade, fugindo dos grandes meios de comunicação, na qual o indivíduo tem acesso às informações e conteúdo, inexistentes anteriormente.

Pleyers (2013) abre o olhar para a onda dos movimentos sociais que surgiram a partir de 2010 e a grande importância da internet e as redes sociais, mas constata que esses movimentos foram além do ativismo online, eles adotaram a ocupação física dos espaços públicos e urbanos; a internet é um espaço virtual global e as redes sociais ajudaram a construir movimentos nacionais e locais; as redes sociais da internet não substituíram a imprensa. Ele levanta a questão que quando a imprensa se articulou com as mídias alternativas elas tiveram maior expressão. Ou seja, os movimentos mesmo sendo articulados online criou força ao ocupar o espaço público local, em todos os movimentos a maioria das pautas era local, mesmo utilizando uma rede global como a internet e que ao se articular com a mídia tradicional, os movimentos foram ganhando mais força.

Castells (2013) acredita que com a ocupação do espaço e o uso das novas tecnologias nos movimentos em rede, o ator social constitui um terceiro espaço que é o espaço da autonomia. Os atores individuais constroem sua **autonomia** quando se une a uma rede de pessoas com posições ideológicas parecidas com as suas. Sendo a comunicação de extrema importância para a criação dessas redes e conseqüentemente desse movimento.

Esse novo espaço em rede, situado entre os espaços digital e urbano, é um espaço de comunicação autônoma. A autonomia da comunicação é a essência dos movimentos sociais, ao permitir que o movimento se forme e possibilitar que ele se relacione com a sociedade em geral, para além dos detentores do poder sobre o poder da comunicação. (CASTELLS, 2013, p.20).

Esse espaço da autonomia construído ao ocupar o espaço e o uso das redes sociais da internet faz surgir um novo espaço, o da autonomia individual e coletiva. Para Castells (2013) essa autonomia se refere ao ator social, na qual ele torna-se sujeito se posicionar em torno daquilo que acredita, independente das instituições da sociedade.

Castells (2013) argumenta que há uma conexão fundamental e mais profunda entre os movimentos em rede, na qual ele denomina a cultura da autonomia, são essencialmente movimentos culturais, que conectam as demandas de hoje com os projetos futuros, transformando os atores sociais em sujeitos da própria vida, quando afirmam sua autonomia às instituições da sociedade. Castells (2013) defende que essa autonomia é a forma social dos movimentos sociais em redes.

Sorj e Fausto (2015) defendem que as novas tecnologias digitais abriram inúmeras possibilidades de acesso à comunicação e à informação, encurtando fronteiras, derrubando barreiras, encurtando distâncias no espaço urbano e social, e diminuindo a falta de transparência das empresas e governos, minando hierarquias e formas de controle social. Ele acredita que isso ajudou os movimentos sociais e de protesto no mundo, mas nada indica que estejamos diante de uma transformação de vida política, e também acredita que não caracteriza que esses atores sociais sejam autônomos.

Existem muitos questionamentos sobre o papel das novas tecnologias nos movimentos sociais em rede e sua continuidade, há uma problematização se esses movimentos, mobilizações ou ações políticas possuem continuidade para que os torne legítimos. São movimentos efêmeros? Até onde percebe-se mudanças sociais? Há uma complexidade grande em tratá-los.

Essa efemeridade das redes, as mudanças sociais surgidas junto com as novas tecnologias da informação e comunicação, como falado anteriormente a categoria movimentos sociais estão perdendo espaço para ações coletivas, mobilizações. Talvez não haja necessidade de denominarmos os tipos de movimentos, mas sim, entendê-los dentro do tempo e da sociedade que atua. Acreditamos que o processo de transformação dos atores sociais seja a peça chave para entender esses novíssimos movimentos sociais, na qual a partir

das redes sociais online e offline democratizam o acesso às informações, mobiliza, interage e dá voz e vez a sociedade, na construção cidadã, de uma nova democracia.

Para Barbero (2009), o fato mais importante que está acontecendo nas novas tecnologias da informação e comunicação não é o que está acontecendo na tecnologia e sim a comunicação como peça chave na transformação política, de uma nova democracia.

As pessoas sabem que, na comunicação, começam a ter um poder que nunca tiveram, que não é só a palavra, são os contos, músicas, narrativas, não apenas a transmissão da palavra mas, a visibilidade política para se fazerem presentes com novas formas de cidadania (BARBERO, 2009, p.161).

Percebe-se a importância da internet nos movimentos em rede, transnacionais, na qual o uso dessa mídia democratiza as vozes dos atores sociais, informa, conecta, divulga, interage. Porém como já dissemos aqui, a força do movimento está na ocupação do território, do espaço e na interação e troca entre os jovens. O mais importante é a troca de experiência entre si e com o mundo, interagindo e compartilhando nas redes sociais da internet, onde há o processo de empoderamento dos jovens contra a hegemonia dos poderes instituídos. Essa talvez seja a grande riqueza dos novíssimos movimentos sociais, a possibilidade de aprender e constituírem-se cidadãos, dono e dona de suas vozes, de forma democrática, compartilhando com a sua cidade, com o Brasil e com o mundo suas ideias.

Consideramos que esses novíssimos movimentos sociais criam redes, são horizontais, ou seja, não possuem uma liderança específica. Utilizam-se da ocupação do espaço público e o uso de plataformas digitais para questionar seus direitos, suas causas e o poder hegemônico e totalitário, usa a internet para democratizar sua luta pelos direitos e sobre questões locais e globais, desde o neoliberalismo e o totalitarismo no mundo discute educação, terras, ecologia, mulheres, negros, saúde, mobilidade até o bairro ou a rua onde moram. São movimentos glocalis¹¹ (global e local). Das redes sociais da internet para as ruas. E vice-versa. Os novos protestos que aconteceram no Brasil a partir de 2013, com as manifestações de junho, às ocupações nas escolas, as marchas pela vida podem fazer parte dessa categoria.

¹¹ “Glocal é um neologismo usado para indicar a superposição de um conceito global a uma realidade local, a partir de um meio de comunicação, prioritariamente (mas não exclusivamente) operando em tempo real. No ambiente glocalizado, o sujeito se vê em um contexto simultaneamente local (o espaço físico do acesso, mas também o seu meio cultural) e global (o espaço mediático da tela e da rede, convertido em experiência subordinativa da realidade). Sem o fenômeno da glocalização, suporte comunicacional das trocas em escala global, a derrubada das fronteiras para a circulação de produtos, serviços, formas políticas e ideias estaria prejudicada ou impossibilitada” (CAZELOTO, 2007, p.49) CAZELOTO, Edilson. A Inclusão digital e a reprodução do capitalismo contemporâneo. São Paulo. 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/4980/1/Edilson%20Cazeloto.pdf> Acessado em: 30.Nov.2018.

Contextualizar as ocupações dentro da categoria movimentos sociais é uma tarefa complexa, possuem as características de um movimento estudantil, e também dos novíssimos movimentos sociais, pois criaram redes de mobilizações, manifestações, atos e ações coletivas. Além das ocupações terem como pauta principal o modelo de educação no Brasil, tinham outras pautas menores que iam desde a infraestrutura da escola, o passe livre, e outras questões de cidadania e identitárias que foram abordadas e construídas dentro das ocupações. Os movimentos estudantis são históricos e relevantes para educação. Não conseguimos analisar as ocupações de forma isolada e sim dentro de todo o contexto da educação no País desde o surgimento da UNE, bem como as insurgências estudantis e as reformas educacionais do século passado até os dias de hoje. Por isso acreditamos que as ocupações das escolas foi uma grande mobilização social, liderada por estudantes secundarista, que faz parte da história do movimento estudantil, uma das maiores mobilizações da história do País, na qual mais de 1.000 escolas ocupadas construíram a primavera secundarista, da qual fez parte a Revolta das Canetas, nosso objeto de estudo. Começou a partir de São Paulo e espalhou-se pelo Brasil, onde tinham como pauta principal a qualidade da educação no País e os problemas que estavam sofrendo a partir da crise de 2008 no mundo e a crise econômico-político-social no Brasil a partir de 2013. Essa grande rede de mobilização formada pelos secundaristas utilizou-se das redes sociais da internet, ocupação do espaço, atos coletivos e manifestações de rua na luta pelos seus direitos. A caracterização das ocupações se dava por não existir uma liderança definida, todas as pautas eram decididas nas assembleias, pelo coletivo, o uso das novas tecnologias, a criação de redes de mobilização e a busca pela autonomia de comunicação dos atores sociais e do movimento.

2.4 Primavera secundarista

Nos anos de 2015 e 2016, a educação começa a viver ameaças concretas no Brasil, com a redução dos gastos federais, estaduais e municipais. Dentre eles, podemos citar a reorganização escolar em São Paulo, a reforma do ensino médio, a medida provisória (PEC 241 - PEC 55) que congela com os gastos com educação e saúde para os próximos 20 anos e o projeto de lei (PL n. 193/2016), idealizado por Miguel Nagib e de autoria do Senador Magno Malta, “Escola sem partido”, que buscava inclusão na lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Projeto que buscava censurar a educação e proibir o debate sobre política dos professores com os alunos. É dentro desse cenário da educação, no País, que levou ao ressurgimento do movimento dos estudantes do ensino médio.

A Secretaria de Educação do Estado de São Paulo anunciou, no dia 23 de setembro de 2015, o plano de reorganização escolar da cidade, que tinha como objetivo de separar as escolas por ciclo da educação (ensino fundamental I e II e ensino médio), o que acarretaria no fechamento de várias escolas e a transferência dos alunos para outras escolas. Essa troca dos alunos nas escolas seria automática. Em nenhum momento, o governo sugeriu um debate com os alunos, pais e professores, causando uma indignação por parte dos atores sociais. A visão deles era que seria reduzida a qualidade do ensino através de cortes de verbas. A postura do governo provocou um movimento de ocupação nas escolas, denominado “Não fechem a minha escola”, que causou uma comoção social. Durante três meses, foi criada uma rede horizontal entre estudantes, sociedade e professores, massificando o movimento através das plataformas de comunicação digital e da ocupação de escolas públicas, onde mais de duzentos prédios foram tomados, os alunos criaram uma série de páginas nas redes sociais. O movimento pautou a grande mídia e, com tanta pressão, o governo Alckmin recuou nas muitas tentativas de “reintegração de posse” das escolas e com a rede pública, quase em sua totalidade, paralisada.

Em 2016, o Governo Federal impôs uma reforma do Ensino médio a MP 746 (Medida Provisória) e o congelamento dos investimentos com educação por vinte anos e a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241 e 55 e o projeto de Lei “Escola sem partido” fez eclodir em todo o país uma nova onda de ocupações. Foram mais de 1.000 escolas, em 19¹² estados do Brasil e o Distrito Federal. Além das pautas nacionais, cada escola possuía pautas individuais.

Em Minas Gerais, em janeiro de 2016, a militarização das escolas alcançou 22 colégios. Estudantes ocuparam, durante 10 dias, a Escola Estadual Ricardo de Souza Cruz, em Belo Horizonte. O esforço conseguiu reverter a ação do projeto que dividiria o prédio escolar no Colégio Militar.

No Rio de Janeiro, 74 escolas foram ocupadas, dentre elas instituições estaduais e técnicas. Os estudantes reivindicavam as eleições diretas para diretor, a reativação do passe livre estudantil (Rio Card), o fim do Sistema de Avaliação da Educação do Estado (SAERJ) e a manutenção de cada escola estadual. Os estudantes resistiram à violência policial e às tentativas da Secretaria de Educação em desmobilizar as ações. Com apoio de diversos artistas, a Primavera Secundarista, neste estado, conquistou os seus pleitos.

¹² ELOY, Denise. As ocupações estudantis e a gestão democrática no Ensino Médio.: Gestão Escolar, 2019. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/1650/as-ocupacoes-estudantis-e-a-gestao-democratica-no-ensino-medio> 17.Jan. 2019.

Na Bahia, foram ocupadas 12 escolas e a Secretaria de Educação do Estado. Os estudantes reivindicavam o pagamento dos salários atrasados e a recontração dos funcionários terceirizados.

No Paraná, a primeira ocupação foi em maio de 2016, eles lutavam contra a falta de merenda nas escolas e o desvio de milhões de reais na construção de escolas, além da má administração dos recursos públicos. Os estudantes conquistaram a retomada das obras, participação dos estudantes no conselho estadual de alimentação escolar. No segundo semestre, após o anúncio da medida provisória da Reforma do Ensino médio o Estado do Paraná retomou as ocupações, na qual concentrou mais de 800 instituições ocupadas contra a MP 746, a PEC 241, agora PEC 55 e a Lei da Mordada.

No Rio Grande do Sul, os estudantes ocuparam mais de 170 escolas. Eles queriam suspender a votação da PL 44/16 que visava privatizar os serviços das escolas estaduais e eram contra PL 190/2015, ou Lei da Mordada. Além disso, lutavam pelo repasse de verbas para compra de merenda e reforma das instituições. Os estudantes conseguiram suas reivindicações.

Em Goiás, o movimento das ocupações aconteceu no fim de 2015 e ocupou 24 escolas por 3 meses, eles conseguiram barrar o projeto de privatização imposto pelo Governo do Estado. As Organizações Sociais (OSs) foram impedidas de assumir a administração das escolas públicas.

No Ceará, o Governo do Estado anunciava, ao final de 2015, o contingenciamento de 20% do financiamento referente à pasta da Secretaria de Educação para o ano de 2016, o que acarretou na redução do número de professores temporários. Em abril, os professores do estado, após uma assembleia decidem paralisar as atividades. As reivindicações eram aumento salarial¹³, recontração dos professores temporários e melhores condições de trabalho. Oito dias após o início da greve dos professores, os estudantes ocupam o CAIC Maria Alves Carioca. No mesmo dia, estudantes da escola Presidente Geisel, em Juazeiro do Norte, ocupam o prédio e aderem ao movimento. Antes do processo de ocupação, os estudantes criaram páginas nas redes sociais, visitaram salas, realizaram assembleias, para decidir juntos qual seria a melhor solução. Os estudantes foram ocupando uma a uma até chegar a mais de sessenta escolas ocupadas no Estado do Ceará em três meses. Os estudantes tinham as pautas locais e também de cada escola. Em geral, eles reivindicavam a implantação do passe livre,

¹³ Referente a cobrança de aumento salarial para os professores. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/escolasceumluta/videos/501793840031789/> Acessado em: 20.Out.2016

diversificação no cardápio da merenda, reforma das escolas, recontração de professores demitidos, contratação de vigilantes noturnos, discussão de gêneros dentro do currículo de ensino, melhoria na qualidade da alimentação fornecida pelas escolas e gestão democrática. Com uma semana de mobilização, dez prédios foram ocupados e o movimento ganhou força e apoio de estudantes, professores e demais integrantes da sociedade. Os estudantes resistiram durante três meses, até o momento que a Secretaria de Educação (SEDUC) foi, de escola em escola, negociar as solicitações, pois cada escola tinha reivindicações específicas. A Secretaria de Educação fez pressão e solicitou aos diretores das escolas a relação dos estudantes que estavam ocupando. Com essa relação, a SEDUC fez intimações a 320 estudantes sobre supostos danos cometidos ao patrimônio público. O CEDECA conseguiu reverter o processo e o movimento finalizou com acordo entre os estudantes e o governo através da TAC, no qual o governo teria que atender a algumas reivindicações dos estudantes. Os estudantes criaram o FUMEP, para acompanhar o processo de implantação das solicitações.

Ao final de 2016, em setembro, uma nova fase da Primavera Secundarista iniciou. Ao todo, foram mais de mil escolas ocupadas em todo o Brasil. Os estudantes lutavam contra os seguintes projetos do governo federal: a Lei da Mordaza, a Medida Provisória de “Reforma” do Ensino Médio (MP 746) e a PEC 55.

Os movimentos estudantis que aconteceram no Brasil, entre 2015 e 2016, tanto no Ceará quanto em São Paulo e no restante do país, tiveram como referência os movimentos estudantis na Argentina e no Chile (Revolta dos Pinguins), em 2006 e 2011, as manifestações em junho de 2013 e as ocupações que surgiram a partir de 2011, com a primavera árabe e podem ser identificados como movimentos transnacionais ou movimentos em rede que se utilizam da ocupação do espaço e o uso das novas tecnologias, para lutar por diversas causas. A partir das experiências de ocupação e uso das redes sociais, os estudantes de São Paulo, traduziram os manuais elaborados pelos estudantes da Argentina que construíram um passo a passo de como ocupar sua escola, como fazer um grêmio de luta e como fazer uma manifestação na rua e compartilharam com todo o Brasil. O manual explicava o plano de ação e dividia as ocupações por comissões (segurança, comida, imprensa, informação, limpeza e relações externas). O documento sugeria que os estudantes fizessem assembleias periódicas, coordenadas em todas as cidades para serem realizadas manifestações simultâneas.

Os secundaristas romperam o isolamento individualista do cotidiano escolar e criaram uma nova sociabilidade no processo de luta: uma sociabilidade baseada na

co-responsabilidade, na horizontalidade dos processos decisórios e no cuidado do patrimônio público (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016: 13).

E foi com toda essa troca de experiência que os estudantes ocuparam as escolas públicas, iniciando em São Paulo e se espalhando por todo o Brasil, conectando-se através da internet principalmente pelas páginas no *Facebook*, criadas por cada escola, constituindo uma grande rede de escolas.

2.5 Ocupar e Resistir – Revolta das Canetas

A Revolta das Canetas, como é denominado as ocupações dos estudantes nas escolas do Ceará, teve sua primeira ocupação no dia 28 de abril de 2016. Iniciou-se a partir de uma greve dos professores decidida em assembleia e os estudantes que aconteceu no Ginásio Paulo Sarasate. Em dezembro de 2015, o governo do Estado do Ceará anunciou o contingenciamento de 20% do repasse de verbas na secretaria de educação do Estado do Ceará. Isso acarretou na demissão de profissionais terceirizados, problemas com a merenda escolar, falta de manutenção da infraestrutura das escolas e o reajuste de 12,67% que deveria ser efetivado dia 1º de janeiro de 2016 e não foi respeitado. No dia 25 de abril, os professores se reúnem com alunos em uma Assembleia no Ginásio Paulo Sarasate na qual decidem fazer greve. A partir desse dia, estudantes decidiram iniciar o processo de ocupação nas escolas. A ocupação deveria ser voluntária e debatida com cada grupo de estudantes de cada escola, através de assembleias. Nesse processo, os grupos de estudantes criam páginas no *Facebook* de cada escola, levam a discussão visitando as salas dos colégios e marcam assembleias, para que fossem votadas as ocupações. Somente após a votação eram realizadas as ocupações.

A primeira escola a ocupar foi o CAIC Maria Alves, localizado no bairro Bom Jardim. Iniciou a ocupação no dia 28 de abril, com uma média de 40 estudantes. No mesmo dia, estudantes ocupam a escola Presidente Geisel, em Juazeiro do Norte. A cada dia, uma nova escola era ocupada, e o ato era postado em páginas no *Facebook*, realizando uma grande pressão para que mais escolas fossem ocupadas, criando assim uma grande rede, conectada e, a cada dia, mais fortalecida. Ao todo, o movimento mobilizou mais 60 escolas no Ceará.

Nessa reunião no Paulo Sarasate quando acabou a gente decidiu paralisar as escolas, chegou o momento é hoje a gente vai ter que aumentar mais as assembleias e começar o movimento de ocupação. Aí nesse dia a gente teve várias reuniões em sedes de escolas pra gente começar a conscientização as pessoas. A primeira escola foi o CAIC, a quinta foi o Adauto, como a gente estava se organizando direitinho a gente viu que precisava de um coro de estudantes (200) estudantes na assembleia,

foi passado em sala e convocando todo mundo pra assembleia, onde conversamos sobre a ocupação mostramos o que era a ocupação, demos exemplos das ocupações de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais. inclusive a gente recebeu um panfleto de orientação sobre as ocupações em São Paulo. a gente estudou um pouquinho sobre a organização deles e a gente trouxe pra cá pro nosso contexto. Aí a gente explicou pra galera e nesse dia a gente decidiu ocupar. colocamos a faixa. nesse dia a gente decidiu ocupar. e daí começou o processo de ocupação, nesse dia algumas pessoas dormiram na escola. eu fui uma das pessoas que após a reunião eu já dormi lá. a gente começou a se organizar em comissões e tinham outras escolas que já estavam ocupadas a gente começou a receber informações de lá. a gente recebia as informações pela internet pois todas as escolas tinham uma página. assim: ocupadauto ocupacaic, essas páginas a gente entrava em contato com elas. (Depoimento do aluno do colégio Adata Bezerra, no dia 19/05/2018).

Em todo o processo a mobilização se constituiu de forma horizontal, desde o início das ocupações até o final delas, todas as decisões eram tomadas pelo coletivo, de forma democrática. Os estudantes fizeram um grupo no *WhatsApp* na qual atualizava o que acontecia nas ocupações, conectava as escolas entre si, marcavam os atos, decidia data, hora e local das reuniões e assembleias.

A gente fez um grupo no WhatsApp pra ter controle das reuniões, assembleias, a cada escola ocupada a gente colocava no grupo...Tinham as reuniões por regional, a partir das reuniões regionais, após isso passavam para as assembleias. As reuniões duravam 5 horas, eram muitas reuniões diárias. As reuniões eram importante para a organização, a nossa base era organização, a gente tinha que fazer um trabalho de base, muita gente não sabia o que estava fazendo ali. As reuniões serviam para desenvolver esse trabalho de base. Por isso tínhamos inúmeras reuniões, todos os dias” (Depoimento da aluna do Colégio Liceu do Conjunto Ceará, no dia 05/05/2018).

Era primordial que fosse discutido todo o processo de organização da ocupação, garantindo que as tarefas fossem cumpridas no prazo. Então, era sugerido que fossem divididas as comissões, tendo claro o objetivo e os processos de cada uma delas. “Os secundaristas romperam o isolamento individualista do cotidiano escolar e criaram uma nova sociabilidade no processo de luta: uma sociabilidade baseada na co-responsabilidade, na horizontalidade dos processos decisórios e no cuidado do patrimônio público. (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, p. 13).

No final de 2015 e durante todo o ano de 2016, diversos estados do Brasil realizaram ocupações nas escolas, fortalecendo uma grande rede de escolas ocupadas, na qual reivindicavam pautas locais, estaduais e nacionais. Essa grande mobilização ficou conhecida como Primavera Secundarista e as ocupações tinham a mesma característica, ocupavam o espaço das escolas e usavam as novas tecnologias da informação e comunicação para se conectarem, fortalecer o movimento, trocar experiências e dar voz e vez aos estudantes.

Esses movimentos são formados a partir de uma rede horizontal, multimodal (*online* e *offline*). Esses novos atores sociais, jovens, não possuem liderança. Atuam tanto na internet quanto no espaço urbano. “Não precisam de uma liderança formal, de um centro de comando ou controle, nem de uma organização vertical. Essa estrutura descentralizada maximiza as chances de participação do movimento, já que ele é constituído de redes abertas.” (CASTELLS, 2013, p. 164).

“Os movimentos sociais em rede têm exigido uma nova forma de democracia, novos tipos de movimento democrático, reconstituindo a esfera pública no espaço da autonomia, constituído em torno da interação entre localidades e redes da internet.” (CASTELLS, 2013, p. 181). Também estabelecem redes de articulações. Na prática cotidiana, esses movimentos realizam diagnósticos sobre a realidade social. Atuando em redes, constroem ações coletivas de resistência em busca da inclusão social. “Constituem e desenvolvem o chamado empowerment de atores da sociedade civil organizada à medida que criam sujeitos sociais para essa atuação em rede.” (GOHN, 2010, p. 336). Ocupavam as escolas pesquisando na internet e compartilhando as experiências com as escolas no Brasil, no Ceará e em Fortaleza. Nas assembleias era decidido as atuações coletivas, as manifestações de rua, os atos, durante os meses do movimento existiram várias atividades para resistência das ocupações e na luta pelas pautas.

Na página do site do Jornal Mal Educado, mídia alternativa de apoio às ocupações em São Paulo, existia um manual “Como ocupar um colégio?”¹⁴ criado pelos estudantes da Argentina e traduzido pelos estudantes em São Paulo e que foi usado como referência para os estudantes de todo o Brasil e também do Ceará.

O manual¹⁵ fornecia informações sobre como ocupar as escolas, traçava uma plano de ação onde debatia o porquê de ocupar, como o movimento deveria ser visto, a importância de formar as comissões (segurança, imprensa, informação, comida, relações externas, limpeza), as atividades, assembleias, ou seja, toda a organização da ocupação.

Uma das comissões constituídas foi a comissão de imprensa, que tinha a responsabilidade de divulgar a ocupação para os meios de comunicação, outras escolas/universidades e para quem considerasse necessário. A relação com a imprensa era responsabilidade dessa comissão, que era responsável por redigir uma carta à imprensa explicando o porquê da ocupação.

¹⁴ LIVRE, Grêmio. Como ocupar um colégio. 2015. Disponível em: <https://gremiolivre.files.wordpress.com/2015/10/como-ocupar-um-calc3a9gio.pdf> Acessado em: 05. Mar. 2018.

¹⁵ Id. Como ocupar um colégio. 2015002E Disponível em: <https://gremiolivre.wordpress.com/2015/10/17/como-ocupar-um-colegio/> Acessado em: 05. Mar. 2018.

Também era responsável pela criação de páginas, no *Facebook* e pela colocação de cartazes nas fachadas da escola, pois a preocupação de informar, comunicar e interagir com a sociedade era considerada importantíssima para as ocupações. As páginas no *Facebook* das escolas no Ceará eram criadas sempre com a palavra ocupa e o nome da escola: @ocupaadauto, @ocupacaic. Além das páginas das escolas, também foi criada uma página no Ceará (@escolasdelutace), que fazia uma conexão entre todas as escolas do Estado e com escolas de todo o Brasil, postando e compartilhando informações sobre o movimento, trocando experiências, formando uma grande rede de escolas que se conectavam entre si na mesma cidade, no estado e com as escolas de todo o País. Criando assim uma rede de resistência nacional, a primavera secundarista.

Nas páginas dos *Facebook*, os estudantes mostraram a força dessa grande rede formada, ao postar informações e compartilhar postagens de várias escolas no Ceará e no Brasil, com a *hashtag* #ocupesuaescola #ocupareresistir #escolascemluta, divulgava o que estava acontecendo nas ocupações em tempo real.

A Revolta das Canetas utilizou as redes sociais para fortalecer, fazer conexão com outros movimentos estudantis, conseguir alimentos, palestras, oficinas, produzir saberes e conquistar os direitos dos estudantes. Através das redes sociais se formou uma grande união, de forma horizontal, com os estudantes se conectando entre si e com outras escolas do país, compartilhando as postagens, curtindo e escrevendo comentários, e fazendo com que a opinião pública sobre o movimento fosse positiva. “Uma vez consolidada a permanência dentro da escola, os estudantes passavam a compartilhar suas experiências cotidianas no *Facebook*, criando páginas “para divulgar a ocupação” (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

Nas atividades dentro das escolas, eles interagiram entre si e com a sociedade, promoveram atividades culturais, debates, assembleias, criaram cartazes, material audiovisual, manuais, dentre eles fizeram um fanzine “Por uma educação pública de qualidade” que orientava os estudantes sobre seus direitos e deveres nas ocupações e compartilhado nas páginas do *Facebook*. O conteúdo do material continha informações sobre reintegração de posse das escolas e o que a polícia poderia fazer e era compartilhado nas redes sociais da internet nas páginas das escolas.

Os atores sociais estão conectados em rede de múltiplas formas, internet, telefones celulares, redes sem fio. A forma de se conectar é multimodal, redes sociais on-line e off-line, preexistentes ou formadas durante as ações do movimento. “Formam-se redes dentro do

movimento, com outros movimentos do mundo todo, com a blogosfera da internet, com a mídia e com a sociedade em geral.” (CASTELLS, 2013. p. 62).

Através das ocupações, os estudantes exercitam a cidadania a partir de debates e discussões, abordando temas sobre direitos, participação, igualdades, minorias. Os estudantes realizaram, de forma horizontal, uma conexão com diversos movimentos e causas da cidade (questão de gênero, movimento LGBTT, questões raciais; e até ONGs e instituições que deram apoio jurídico, no caso o CEDECA), porém sem hegemonia de nenhum partido, organização política, movimento sindical ou social. Isso é decorrente do desejo destes estudantes de construir uma identidade própria. Com cita uma aluna da escola CAIC No Bom Jardim:

O empoderamento das minas na ocupação. Os coletivos feministas. Foi algo incrível. As minas saíram de lá muito empoderada. Tinha muito menino que dizia, os meninos vão ficar na segurança e as meninas vão cozinhar. E a gente é o que? As meninas ficavam na segurança e os meninos iam cozinhar. O empoderamento foi lindo, com a questão de cabelo, de se assumirem como mulheres negras. A gente teve informação sobre a negritude. Eu não usava cabelo cacheado e desde os 8 anos que eu aliso o cabelo. E eu tenho 17. Empoderamento da negritude, da periferia. do respeito LGBTT. A questão das educações que nós tivemos em questão ao respeito da questão LGBTT. LGBTTfobia, com machismo foi desconstruído. Foi incrível! (Depoimento da aluna da Escola CAIC Bom Jardim, no dia 06/05/2017).

Além da conexão através das redes sociais, esses movimentos se conectaram a partir das trocas de experiências nas ocupações. Interagiram entre si, com estudantes de outras escolas. Se havia necessidade de fazer uma manifestação na rua próxima à escola Aduino Bezerra, estudantes do CAIC ficavam na ocupação, substituindo quem fosse para rua. Assim, a escola não ficaria desocupada. A cada quinzena, eram realizadas assembleias com todas as escolas, cada vez em um local diferente e representantes (escolhidos através de uma assembleia) de cada escola ocupada participavam do evento. Cada escola foi tendo sua autonomia e participando de uma grande rede.

A interação entre as escolas da cidade, do estado, do País era tamanha, que estudantes das ocupações em São Paulo formaram uma caravana que veio visitar estudantes no Ceará. O objetivo da visita foi realizar trocas de experiências nas ocupações, de intercâmbio além do mundo virtual. Esses estudantes de São Paulo visitaram escolas em Fortaleza, dentre elas o Colégio Liceu do Conjunto Ceará.

O dia a dia das escolas era cheio de atividades, oficinas, aulas, limpeza, cuidados com horta, palestras e debates. Compartilhavam informações e atividades, agendaram assembleias, manifestações de ruas e visitas de uma escola a outra.

Poucas vezes na história social recente um movimento soube utilizar um espectro tão amplo de táticas e se metamorfosear em tão curto espaço de tempo. O movimento dos estudantes soube explorar a grande simpatia que despertou na população (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016, p. 14).

Esses movimentos querem reinventar a democracia, encontrar maneiras que possibilitem aos seres humanos administrar coletivamente suas vidas de acordo com os princípios amplamente compartilhados em suas mentes e, em geral, negligenciados em sua experiência diária. (CASTELLS, 2013, p. 167-168).

São movimentos que utilizam da ocupação do espaço urbano e o uso das redes sociais da internet para fortalecer, interagir, criar redes, conectar-se com o mundo. São movimentos globais e locais. Possuem características diferentes dos movimentos sociais do século passado. Buscam autonomia, horizontalidade, são multimodais, se conectam em redes e usam das novas tecnologias da comunicação.

Essa transformação dos movimentos sociais no início do século XX para os dias atuais é algo que precisamos aprofundar para entender as ocupações nas escolas em 2016 no Brasil e no Ceará, contextualizar historicamente o que alguns autores pensam sobre movimento social, entender as transformações atuais, estudar as categorias que foram criadas a partir de novas formas de organização e de comunicação dos movimentos sociais e mobilizações no século XXI é fundamental para entender as ocupações nas escolas em 2016 no Ceará.

2.6 A insurgência dos estudantes - Porque ocupar?

“A Crise da educação no Brasil não é uma crise é um projeto” essa frase de Darcy Ribeiro estava escrita nos cartazes nas escolas ocupadas. Os alunos discutiam sobre o formato de educação voltada para o mercado de trabalho e que esquecia o pensar crítico. Eles lutavam por uma gestão democrática, na qual pudessem participar das decisões das escolas. Dentre elas a discussão curricular e extracurricular, os investimentos na escola e os debates nas decisões das avaliações dos alunos, em busca de uma gestão democrática.

Desde o início a gente se posicionava contra as posições da escola, professores com privilégio onde falam o que quiser e não há discussão com os alunos. O conselho de classe que avaliam o desenvolvimento da sala (dos estudantes) da qual não participamos. No começo do ano eles (professores e diretoria) fotografam todos os alunos e no conselho de classe cada professor a partir das fotos avaliavam os alunos. A nossa avaliação sobre o que poderia melhorar na escola era online (Depoimento do aluno Colégio Adauto Bezerra, em grupo focal no dia 19/05/2017).

Um dos pontos sempre citados nas entrevistas dos estudantes que ocuparam as escolas no Ceará em 2016, era que queriam ter maior participação nas decisões das escolas. Essa era uma pauta importantíssima para mobilização, onde se discutia o tempo todo a democracia na educação e o sistema educacional no Brasil. Outra pauta de extrema importância era o currículo escolar, a infraestrutura das escolas e as atividades extracurriculares na formação dos alunos e alunas.

A crise estrutural do capitalismo, desencadeada nos anos 1970, passou a ver a educação não somente como uma importante fronteira a ser explorada, mas com funcionalidade aos grandes capitalistas para formar nova geração de trabalhadores, no qual se adequem a conhecimento e técnicas às novas exigências produtivas e organizacionais. (MOTA; MAUES, 2014).

A força do neoliberalismo expandido a partir dos EUA e da Inglaterra e a decadência do mundo socialista, com a desestruturação da União Soviética, a queda do Muro de Berlim, entre outros acontecimentos, trouxeram consigo uma grande influência na reorganização da educação em vários países do mundo. Outra agenda passa a ser discutida para a educação pública a partir do contexto de globalização, havendo um deslocamento para um modelo baseado na responsabilização e na avaliação, com ênfase nos resultados de desempenho escolar dos estudantes (VIEIRA, VIDAL; 2016, p.157).

A partir de 1990, a gestão da educação no Brasil passa a ser tratada de acordo com as tendências mundiais, com influências dos organismos internacionais (Banco mundial e fundo monetário internacional), por meio da “Declaração Mundial de Educação Para Todos” que tem o objetivo de promover a universalização da educação e melhorar a qualidade do ensino a partir de critérios gerenciais. “Nessa reforma educacional, configura-se o modelo empresarial que tem no seu bojo a eficiência e a eficácia, o discurso da qualidade para fins quantitativos, a racionalização econômica e instrumental”. (PIOLLI; PEREIRA; MESKO, 2016. p 22). Esses critérios foram consolidados nas políticas públicas educacionais (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), Sistema de Avaliação da Educação Básica(SAEB), Financiamento para o Ensino Fundamental (FUNDEF) e na redefinição curricular baseado na formação voltada para o mercado de trabalho. Atendendo assim a demanda produtiva do capital.

Os fios das atuais reformas foram tecidos ao longo dos anos 1990 e culminaram com a proposta da “Nova gestão pública” (Bresser-Pereira, 1998), a qual focaliza os processos de desconcentração, descentralização, publicização, privatização, terceirização, controle e avaliação dos serviços prestados pelo estado como prioridades para melhorar o que se tornou um bordão jargão: “a qualidade da educação” (GOHN, 2017. p. 89).

A influência do Banco Mundial sobre as políticas educacionais no Brasil dos anos 1990 foi bastante significativa, tanto em sua concepção quanto em sua operacionalização. “Em linhas gerais, investindo e melhorando a qualidade da educação e de outros serviços sociais tornar-se-ia possível manter o apoio dos eleitores às reformas econômicas como a privatização e a liberalização comercial, o que asseguraria a estabilidade política e econômica” (BURKI; EDWARDS, 1996: 20 apud MOTA; MAUES, 2014).

Nos últimos três anos o Brasil sofreu uma grande crise na educação brasileira, uma série de medidas e reformas impostas pelo governo federal vem indignando estudantes, professores, sociólogos e profissionais da educação. Como consequência desse momento em 2015/2016 os estudantes do ensino médio no Brasil ocuparam ao todo 1.000 escolas reivindicando melhores condições estruturais, passe livre, gestão democrática, currículo escolar, educação integrada, merenda escolar, eram contra a reforma do ensino médio e a medida provisória que congelava os gastos com educação nos próximos 20 anos.

Neste ano de 2015, vivemos em tempos difíceis com os cortes previstos no orçamento da pasta da educação anunciados pelo Governo Federal no início do ano, podendo chegar a 9,42 bilhões de reais. Com as medidas de ajuste fiscal, os primeiros setores que sofreram foram os das áreas sociais, como a previdência social, a saúde e a educação. Essa agenda resultou em cortes também em nível dos Estados e municípios, resultando em greves e mobilizações dos profissionais da educação em todo Brasil. (PIOLLI; MESKO, 2015, p. 465).

As pautas coletivas eram voltadas para as questões locais, estaduais e nacionais. O debate principal era o projeto de lei (PL n. 193/2016) idealizado por Miguel Nagib e de autoria do Senador Magno Malta, “Escola sem partido”, na qual queria implantar nas escolas que os professores não debatesse pautas políticas e ideológicas com os alunos, durante o processo de ocupações em 2016 também surgiriam pautas com a medida provisória (PEC 241 - PEC 55) que congela os gastos com educação e saúde para os próximos 20 anos limitando o orçamento ao reajuste inflacionário. Na prática, isso significa reduzir investimentos em saúde, educação e seguridade social, congelar concursos públicos, inviabilizar as metas do Plano Nacional de Educação, inclusive para que se busque chegar a 10% do produto interno bruto (PIB) em educação, com cortes drásticos no valor que hoje é investido e por fim a reforma do ensino médio medida provisória (MP 746/16), propõe uma reforma no ensino médio para que as escolas sejam apenas espaços de instrução profissionalizante, retirando a possibilidade de uma educação com pensamento crítico. Além de ser feita sem diálogo, de forma autoritária, essa medida reduz o ciclo básico e cria obstáculos para o acesso ao conhecimento amplo e

diversificado, com a retirada da obrigatoriedade de educação física, artes, sociologia e filosofia.

No Ceará, o Governo do Estado anunciava, ao final de 2015, o contingenciamento de 20% do financiamento referente a pasta da Secretaria de Educação para o ano de 2016, o que acarretou na redução do número de professores temporários, “tem sido promovida uma onda de demissões de temporários (no Diário Oficial de 19/02 se informa a demissão, ao todo, 3,3 mil de servidores da educação), desmantelamento das atividades de apoio pedagógico (laboratórios, bibliotecas etc.”. No entanto, o mesmo explica que com a Portaria nº1169/2015), existe um impedimento de acesso à formação continuada “(com a Portaria nº299/2016, que reduz a 2% a liberação para a pós-graduação) e negação do ajuste regulamentado por lei para os servidores estaduais” (PCB, 2016.) que desencadeou em abril na greve dos professores e nas ocupações nas escolas pelos estudantes em 2016. O Ceará possuía em 2016, 645¹⁶ escolas públicas de ensino médio, com um total de 290.045 estudantes matriculados no Estado do Ceará.

Somando-se a isso, em visitas realizadas pelo CEDECA Ceará às escolas, foi possível perceber e ouvir dos estudantes uma série de denúncias sobre a violação dos direitos a educação, como a infraestrutura precária das salas de aula e dos espaços escolares, água contaminada em bebedouros, a suspensão de merenda escolar, alimentação escolar de má qualidade que não atende os parâmetros do PNAE, a desvalorização dos professores e a demissão de professores terceirizados, dentre outras. (CEDECA, 2016)¹⁷

Todas essas questões educacionais no País, desde a discussão curricular, contingenciamento da educação, a gestão democrática, a falta de pensamento crítico, o baixo salário dos professores, a infraestrutura precária desencadeou nesse grande movimento dos estudantes secundaristas no Brasil.

O movimento e a organização estudantil colocam, portanto, em xeque o modelo gerencial da Secretaria e do Governo Estadual centrado em metas, resultados e estreitamento curricular como referência de qualidade. Os jovens querem uma outra qualidade mais substantiva que os incluam, juntamente com os professores, pais e a comunidade, como sujeitos. (PIOLLI; MESKO, 2015, p. 469).

A ocupação das escolas por todo o Brasil e no Ceará utilizou-se das novas tecnologias para trazer autonomia aos estudantes nas escolas, construindo uma identidade

¹⁶ CEARÁ, Governo do. Matricula e Infraestrutura.: QEduc. http://www.qeduc.org.br/estado/106-ceara/censo-escolar?year=2016&dependence=0&localization=0&education_stage=3&item= Acessado em: 08. Mar. 2017

¹⁷ CEARÁ, CEDECA. Nota Técnica. Disponível em: <http://www.cedecaceara.org.br/wp-content/uploads/2018/09/Nota-t%C3%A9cnica-educa%C3%A7%C3%A3o-2016-curvas.pdf> Acessado em: 10. Mar. 2017.

própria, uma relação de pertencimento com a sua escola. Eles criaram a escola com a educação que acreditam ser a ideal, aberta, participativa, livre, com debates sobre seus direitos, questões de gênero, étnicas, feminismo e diversos debates na construção cidadã. Os estudantes trocaram experiências com pessoas que visitavam as ocupações, com os professores, com os pais, artistas, intelectuais, educadores, a sociedade civil de forma horizontal. Respeitando o coletivo, aprendendo a construir juntos e lutar pelos direitos de cidadãos. Em busca de uma educação descolonizada, integrada com o ambiente em que vive, uma educação libertadora, na qual estimulava a construção cidadã dos estudantes. No documentário Sintera¹⁸ de Fellipe Farias, ele faz entrevistas com os estudantes das escolas ocupadas, em um dos depoimentos os estudantes questionam o aprendizado: “Na escola eu aprendo fórmula, é claro que é muito necessário aprender tudo isso, mas existem outras coisas que são de extrema importância também que não são ensinada no nosso modelo de educação” SINTERA, 2017. Freire (1996) faz um debate sobre essa questão ao associar tanto os saberes curriculares quanto a experiência social na formação educacional:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? (FREIRE, 1996. p. 15).

Os estudantes também lutavam por uma educação com pensamento crítico, na qual possam desenvolver questionamentos, eles não queriam uma educação bancária. Sobre a educação bancária, Freire (1997) questiona em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, uma educação que o educador não troca experiências, não se comunica com o estudante, os estudantes recebem depósitos para que memorizem e possam repetir e ficar arquivados. “Não é de estranhar, pois que nesta visão “bancária, os homens sejam vistos como seres de adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo como transformadores dele.” (FREIRE, 1997. p. 34).

Pra gente o conceito de aula, mudou, aula é aprendizado, é vivência, é participação. Tirar a centralidade do professor da sala de aula e que os alunos troquem entre si e

18 SINTERA. Direção: Fellipe Farias. Fortaleza/CE: UNILAB, (11min39seg), son, color.2017.

com o professor, com fóruns, aulas em círculo em que todos sentem iguais.” (Depoimento aluno Colégio Aduino Bezerra, coletado no dia 19/05/2017).

É dentro desse contexto que os estudantes criam a mobilização de ocupação das escolas, com questionamentos sobre a educação atual no país, desde a infraestrutura, ao pensamento crítico e o currículo, ao debater e discutir todos os aspectos da educação.

Analisando a fala da primavera secundarista, pode-se perceber que os estudantes de todo o Brasil querem um novo currículo que dialogue com as experiências, expectativa e necessidades dos alunos e alunas. “Através das ocupações os estudantes indicam que é preciso uma nova concepção de currículo que dialogue com suas experiências, expectativas e necessidades reais. Querem apropriar-se da ciência, mas com consciência.” (PIOLLI; MESKO, 2015, p. 469). Essa afirmação fica mais clara a partir do depoimento dos estudantes e a vontade de ter participação no currículo e na gestão democrática das escolas, seja nas atividades curriculares como nas atividades extracurriculares. Nas ocupações os alunos e alunas abrem a escola para construir junto com a sociedade, onde o debate é realizado a partir das aulas, eventos, reuniões e assembleias, construindo de forma horizontal, coletiva e democrática.

3 ESCOLAS EM LUTA NO CEARÁ: OS PROCESSOS COMUNICACIONAIS

Ao refletir sobre quais teorias da comunicação nos daria suporte para desenvolvimento da pesquisa sobre os processos comunicacionais das ocupações nas escolas em 2016, foi estabelecido um desafio. Essa mobilização possuía uma complexidade grande, pois havia uma relação híbrida entre as ocupações nas escolas físicas e o virtual. Que de uma certa forma se complementam e têm seus processos comunicacionais mediados ao mesmo tempo em várias ambiências. Começa-se a entender como os estudos culturais da América Latina a partir dos estudos de recepção e as novas tecnologias da informação e comunicação, com conceito de cibercultura e a CMC (comunicação mediada pelo computador) poderiam nos ajudar nessa análise. O grande desafio foi como encontrar uma relação dos estudos de recepção com a cibercultura e a comunicação mediada pelo computador. Na pesquisa, encontramos alguns autores que fizeram essa convergência de conceitos. Entender que esses dois conceitos parecem ser chaves e capazes, para englobar as dimensões sociais, culturais e técnicas do fenômeno.

3.1 Estudos de recepção: Comunicação, política e cultura

Segundo Lopes (2014), profunda estudiosa de Martin-Barbero, os estudos de recepção e a teoria latino-americana das mediações trazem uma tentativa de ultrapassar abordagens teóricas fragmentadas e simplificadas das teorias da comunicação, posicionando as mediações dentro de uma perspectiva teórica integrada da produção, produto e audiência dentro dos estudos comunicacionais. Esse conceito leva a comunicação à produção de sentido da vida, deixando de ser reprodutivista, saindo da visão dos meios, e mostrando que, hoje, a comunicação é uma questão de mediações. Esse estudo resulta em pesquisas complexas, que envolvem produção de conteúdo, usos e apropriações desses conteúdos e composição textual. “Esta perspectiva teórica, vale repetir, vai muito além de uma proposta para os estudos de recepção, adquirindo o estatuto de uma proposta específica para os estudos de comunicação.” (LOPES, 2014, p. 67)

A visão dos estudos de recepção latino-americana nasce a partir de uma reflexão alternativa sobre a comunicação e a cultura de massas, através da perspectiva gramsciana, em contraponto as análises funcionalistas, semióticas e frankfurtianas. Segundo Lopes (2014), os estudos de recepção é um fenômeno profundamente político e cultural, que devem ser vistos

como parte integrante das práticas culturais, com as quais as práticas de recepção sejam articuladas com as relações de poder.

os processos de recepção devem ser vistos como parte integrante das práticas culturais que articulam processos tanto subjetivos como objetivos, tanto de natureza micro (o ambiente imediato controlado pelo sujeito) como macro (a estrutura social que escapa a esse controle). A recepção é por isso um contexto complexo, multidimensional em que as pessoas vivem suas vidas diárias e em que, ao mesmo tempo, se inscrevem em relações de poder estruturais e históricas que extrapolam suas atividades cotidianas. Sobretudo foi dentro da temática das culturas populares que uma teoria complexa e multifacetada da recepção começou a ser desenvolvida, tendo como eixos básicos de reflexão o deslocamento dos meios às mediações (MARTÍN- BARBERO, 1987)¹ e os processos de hibridização cultural (GARCÍA CANCLINI, 1990). (LOPES, 2014, p. 66).

Lopes (2014) aponta que os estudos de recepção da América latina não se reduzem só à vida cotidiana e fatores psicológicos. Ele é um fenômeno político e cultural. A recepção deve ser vista como parte integrante das práticas culturais. “A recepção é por isso um contexto complexo, multidimensional em que as pessoas vivem suas vidas diárias e em que, ao mesmo tempo, se inscrevem em relações de poder estruturais e históricas que extrapolam suas atividades cotidianas.” (LOPES, 2014, p. 67)

Jacks e Escoteguy (2007) apontam que os estudos de recepção latino-americanos surgem da insuficiência dos modelos importados, concebidos para outras realidades que não dando conta da vida cotidiana e seus agentes na América Latina. Em um momento, no qual a América Latina sofre várias mudanças, Martin-Barbero (2015) aponta essas mudanças a partir das experiências culturais e fatos sociais específicos, como os movimentos sociais e as mobilizações populares que pressionam o sistema político pelas demandas sociais.

Martin-Barbero (2015) traz o conceito de mediação para os estudos da recepção. Ele abre o pensamento para a necessidade de entender o lugar onde se articulam os sentidos, nesse deslocamento teórico e metodológico dos meios às mediações. Ele começa a enxergar a pluralidade das matrizes culturais em suas diferentes temporalidades e as práticas de comunicação e dos movimentos sociais.

O olhar se desloca para o contexto da vida social, no cotidiano dos sujeitos, nos espaços da cultura e política. Martin-Barbero (2015) propõe o deslocamento de eixo de análise dos meios às mediações, isto é para as articulações entre as práticas de comunicação. “O eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais”. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 258 apud BRIGNOL 2010).

O que eu comecei a chamar de mediações eram aqueles espaços, aquelas formas de comunicação que estavam entre a pessoa que ouvia rádio e o que era dito no rádio. Não havia um indivíduo ilhado sobre o qual incidia o impacto do meio, que era a visão norte-americana. Mediação significa que entre estímulo e resposta há um espesso espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana. Era essa espessura da cultura cotidiana, que, para mim, na América Latina, era muito rica.” (MARTIN-BARBERO, 2000, p. 3 apud BRIGNOL, 2010).

Segundo Brignol (2010), esses estudos trouxeram a mudança principal que foi a complexificação do processo comunicativo, saindo a lógica da simples emissão de mensagens para o receptor. Este receptor deixa de ser objeto e passa a ser sujeito.

A ideia de mediação redefine o papel do receptor como sujeito ativo no processo de produção de significados. Trata-se da constatação da existência de uma série de elementos que colaboram para definir a maneira como os conteúdos são recebidos para cada indivíduo dentro do seu grupo social. É por meio das mediações, variáveis de acordo com o receptor, que se produz o sentido - não definido somente no momento da produção, mas estabelecido a partir do modo como vai sendo apropriado. Para Martin-Barbero (2001, p.304), as mediações são os lugares onde se produz o sentido da comunicação: “lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural” (BRIGNOL, 2010, p. 48).

A recepção começou a ser entendida não apenas uma etapa do processo de comunicação, e, sim, como um lugar novo, onde devemos repensar os estudos e a pesquisa de comunicação. Segundo Jacks e Escoteguy (2007), a investigação da recepção na América latina passa por quatro conceitos de investigação: os estudos da vida cotidiana, os estudos sobre consumo, os estudos sobre estética e semiótica e os estudos sobre a história social e cultural dos gêneros.

Para Martín-Barbero (2015), mediação não possui uma única definição. Para compreender tal conceito, é melhor começar por pensá-lo como uma noção plural, ou seja, mediações. “É um conceito síntese que capta a comunicação a partir de seus nexos (“nós”), dos lugares a partir dos quais se torna possível identificar a interação entre os espaços da produção e do consumo da comunicação. (LOPES, 2014, p. 68).

Os "usos", portanto, são inalienáveis da situação sociocultural dos receptores que reelaboram, ressignificam e ressemantizam os conteúdos massivos, conforme sua experiência cultural, suporte de tais apropriações. Ao considerar o receptor também como produtor, o autor revisa a noção de consumo, dizendo que não é só reprodução de forças, como também produção de sentidos: lugar de uma luta que não se esgota na posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem demandas e dispositivos de ação que provêm de diferentes competências culturais (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 231 apud JACKS; ESCOTEGUY, 2007, p. 11).

Martin-Barbero (2015) aborda que no estudo da comunicação, inserido na realidade cotidiana, começa a ganhar força a ideia de natureza comunicativa da cultura, mudando o caráter do processo, deixando de ser mero instrumento de circulação de informações, passando a produzir significados. Ele reconhece que a comunicação estava mediando todos os lados e as formas da vida cultural e social dos povos. Essa mudança de paradigma, que compreende uma valorização cultural, nova compreensão das relações políticas e culturais e o pensamento dos processos de comunicação a partir da cultura, deixando de analisar apenas os meios, instaura uma mudança radical nos estudos dos meios de comunicação. (BRIGNOL, 2010).

Na redefinição da cultura, é fundamental a compreensão de sua natureza comunicativa. Isto é, seu caráter de processo produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor. O desafio apresentado pela indústria cultural aparece com toda a sua densidade no cruzamento dessas duas linhas de renovação que inscrevem a questão cultural no interior do político e a comunicação, na cultura (MARTÍN-BARBERO, 2015, p.287).

Para Martin-Barbero (2015) a comunicação é o mais eficaz motor de desengate e de inserção das culturas no espaço/tempo do mercado e nas tecnologias globais. Assim há a necessidade de pensar o lugar estratégico que a comunicação passou a ocupar na sociedade.

A comunicação e a cultura constituem hoje um campo primordial de batalha política: o estratégico cenário que exige que a política recupere sua dimensão simbólica - sua capacidade de representar o vínculo entre os cidadãos, o sentimento de pertencer a uma comunidade - para enfrentar a erosão da ordem coletiva: (MARTIN-BARBERO, 2015, p. 15).

Durante esses anos de estudo sobre as mediações na América Latina, Martin-Barbero (2015) cria mapas que se vão modificando conforme as transformações da sociedade. Para ele, não existe uma definição única de mediação, pois a sociedade é mutável. Daí o primeiro mapa metodológico em que Martín-Barbero (2015) propõe o enfoque epistemológico da comunicação a partir da cultura ou o estudo das mediações culturais da comunicação. Martin-Barbero (2015) traz como eixo principal as seguintes mediações constitutivas: comunicação, cultura e política impondo-se como uma dimensão da articulação entre produtores, mídia, mensagens, receptores e cultura. Esse estudo propõe três tipos de mediações: a cotidianidade familiar, o compartilhamento cultural e a temporalidade social, como forma de captar as referências culturais onde elas se concretizam. “No centro do mapa estão as mediações constitutivas: comunicação, cultura e política que remetem a dois eixos: o

diacrônico ou histórico, entre matrizes culturais e formatos industriais; e o sincrônico entre lógica da produção e competências da recepção ou consumo cultural.” (LOPES, 2014, p. 70).

Após dez anos, Martin-Barbero (2009, 2015) muda o olhar do mapa, e o objetivo, agora, é estudar a cultura a partir da comunicação, deslocando o estudo das mediações culturais da comunicação para o das mediações comunicativas da cultura. A comunicação estava mediando todos os lados e as formas da vida cultural e social dos povos era necessário repensar a noção de comunicação. “O olhar não se inverte no sentido de ir das mediações aos meios, senão da cultura à comunicação. É a própria noção de comunicação que é repensada. Passa-se a dar mais densidade epistemológica ao momento de conhecer o que vem da comunicação.” (LOPES, 2014, p. 71).

A noção de comunicação sai do paradigma da engenharia e se liga com as «interfaces», com os «nós» das interações, com a comunicação-interação, com a comunicação intermediada. A linguagem é cada vez mais intermedial e, por isso, o estudo tem que ser claramente interdisciplinar. Ou seja, estamos diante de uma epistemologia que coloca em crise o próprio objeto de estudo. Porque acreditávamos que existia uma identidade da comunicação, que se dava nos meios e, hoje, não se dá nos meios. Então, onde ocorre? Na interação que possibilita a interface de todos os sentidos, portanto, é uma “intermedialidade”, um conceito para pensar a hibridação das linguagens e dos meios. (MARTIN-BARBERO, 2009, p. 153).

Para Martin-Barbero (2015), a mediação é um espaço entre a cultura, a comunicação e a política que coloca em relação dialética as lógicas da produção e do consumo, os formatos industriais e as matrizes culturais. “A importância desse mapa está em reconhecer que a comunicação está mediando todas as formas da vida cultural e política da sociedade. Portanto, o olhar não se inverte no sentido de ir dos meios para as mediações e nem das mediações aos meios, senão para ver a complexa teia de múltiplas mediações.” (LOPES, 2014, p. 72).

A novidade é que estas quatro dimensões básicas da mediação são articuladas por múltiplas mediações. A relação entre as matrizes culturais e a lógica da produção é mediada por diferentes regimes de institucionalidade, enquanto a relação entre as matrizes culturais e as competências da recepção é mediada por várias formas de socialidade. Entre a lógica da produção e os formatos industriais media a tecnicidade e entre os formatos e as competências da recepção media a ritualidade. (LOPES, 2014, p. 72).

O principal debate está na identidade dos estudos da comunicação que, antes, era achada nos meios, e, hoje, ela se dá para além dos meios. Ela acontece nas interações, é uma inter-mediação, que é um conceito para pensar a hibridização das linguagens e dos meios. Em todos os espaços comunicacionais, nas redes eletrônicas, na nação e suas identidades, na

cidade moderna, na mobilidade, nos trânsitos das migrações e das navegações virtuais, em diversos fluxos de informação, das imagens, linguagens e escrituras virtuais em todas as culturas escolar ou letrada. (MARTIN-BARBERO, 2015).

Martin-Barbero (2015) vem tentando entender essa complexidade nas relações constitutivas entre comunicação, cultura e política. Dessa forma, para entender essas novas complexidades, ele busca criar um novo mapa das mediações comunicativas da cultura, divididas em socialidade, ritualidade, tecnicidade e institucionalidade.

Em 1998, no que chama de “pistas para entrever meios e mediações”, propõe observar as mediações que se estabelecem entre comunicação, cultura e política. Dessa forma, identifica, entre as matrizes culturais e as competências de recepção, a existência de diversas formas de sociabilidade, constituídas no cotidiano e que remetem à mudanças na sensibilidade e na subjetividade dos atores; entre as matrizes culturais e as lógicas de produção, a institucionalidade, lugar de enfrentamento de interesses do Estado com os dos cidadãos; entre as lógicas de produção e os formatos industriais, a tecnicidade; e entre os formatos e as competências de recepção, a ritualidade. (ESCOTEGUY; JACKS, 2007, p. 12).

A mediação é o lugar das práticas sociais, onde Martin-Barbero (2015) coloca a dimensão de socialidade, ritualidade e tecnicidade. A socialidade diz respeito à apropriação cotidiana. É gerada por essas relações cotidianas, que tecem os homens, que resulta nos usos coletivos da comunicação, “com suas multiplicidades de modos e sentidos que a coletividade se faz e se recria, da diversidade e da polissemia da interação social” (SILVA; CARDOSO, 2016, p. 88). Referem-se a movimentos, na construção e desconstrução da sociedade. A ritualidade refere-se aos diferentes usos dos meios: “media a relação da audiência com os meios, a partir de suas socializações e os formatos industriais utilizados pelos meios, regula a interação entre as práticas de recepção e os formatos da produção” (SILVA; CARDOSO, 2016, p. 88). A tecnicidade foi pensada a partir desse novo cenário de globalização, se dá não só na internet, mas também na conexão dos meios, como o telefone e a televisão: relaciona as inovações inerentes ao campo da produção e o modo como elas afetam as linguagens midiáticas. Ao transformar o material discursivo e o ambiente onde ele ocorre, promove novas práticas sociais. (SILVA; CARDOSO, 2016, p. 88).

E a institucionalidade refere-se à produção de discursos públicos, densa de interesses e poderes contrapostos, afetando a regulação dos discursos, “que tendem a atender às lógicas hegemônicas dos interesses privados, mesmo que atuem sobre ideais contraditórios”. (SILVA; CARDOSO: 2016, p. 88).

Outro autor que também estuda mediações é Gómez (1991). Ele propõe as múltiplas mediações, onde as fontes de mediação começam da mente do sujeito, suas emoções

e experiências, além da cultura, classe social, economia, política, idade, etnia, nos meios, nas condições situacionais e contextuais, nos movimentos sociais e nas instituições. Ele inicialmente aponta a existência de seis mediações: cognoscitivas, culturais, de referência, institucionais, vídeotecnológicas e situacionais. Depois Orozco (1996) diminui para quatro mediações: individual (que uniu a cognoscitiva e a de referência), a situacional, a institucional e a vídeotecnológica. “A denominação de mediação cultural cai pela justificativa de que “a cultura impregna todas elas [mediações]”. (OROZCO, 1996, p. 85) Já a mediação institucional parte do contexto social ao qual os indivíduos estão sujeitos ao longo de sua vida.” (LOPES, 2014, p. 88).

Detalhando o conceito de cada mediação proposta por Orozco (1998), temos as seguintes mediações: **mediações individuais**, leva em consideração as dimensões cognitivas e subjetivas dos atores sociais, articuladas a categoria de gênero, idade, etnicidade, classe social, orientação sexual: “são esquemas mentais mediante os quais as pessoas percebem, prestam atenção, assimilam, processam, avaliam, memorizam ou inclusive se expressam” (LOPES, 2014); **mediações institucionais**, fala dos sistemas estruturais em jogo e o papel desempenhado pelas diversas instituições: família, escola, empresa, grupos de amigos, vizinhança, e demais instituições sociais que atuam como cenários que medeiam a recepção aos meios; **mediações situacionais** considera os diferentes cenários em que ocorre a interação entre a mídia e as audiências: lar, boteco, quarto, sala de estar, escola, igreja etc., ou seja, diz respeito ao espaço, situação e modos de recepção e a **mediação vídeotecnológica** que aborda as distintas tecnologias, linguagens e gêneros de cada meio.

Para Jesús Martín-Barbero (2015), o estudo da comunicação é muito mais do que apenas o estudo dos meios. O estudo da comunicação é o estudo das mediações. Dentro desse contexto de que a própria mediação é a forma de comunicação, pretende-se estudar as mediações estabelecidas nas ocupações, a partir da comunicação estabelecida pelos estudantes, desde a produção e apropriação e a ressignificação dos estudantes nas ocupações, a partir da criação de uma nova cultura, de um novo cotidiano, uma nova vivência, apropriando-se da ocupação do espaço da escola e das redes sociais da internet.

E quem seria esse estudante dentro do estudo da recepção? Como chamá-lo de receptor, se o estudante era produtor de mensagem, atuante. Esse usuário, como explicado anteriormente, não é mais somente receptor. Brignol (2010) nos coloca que uma das principais características da comunicação mediada pelo computador é a interatividade, elevando a participação do usuário. Dessa forma, não é possível separar emissores de receptores. Segundo ela, esses papéis se alternam em uma lógica dinâmica.

Segundo Brignol (2010), a complexidade dos processos comunicativos na internet nos exige repensar as abordagens teóricas e metodológicas, em um novo olhar sobre a comunicação. As inter-relações que se dão com o uso das redes sociais da internet permitem múltiplas interações e possibilidades de produção de sentido. A necessidade de repensar a denominação desse ator social, que produz, comenta, compartilha, curte e tem reações a partir da comunicação mediada pelo computador.

A complexidade desses usos sociais pode ser facilmente expressa pela dificuldade de nomear o sujeito que faz uso da internet. Uma primeira definição pode ser associada a figura do “internauta”, termo em desuso que se refere o movimento de navegação empreendido no ciberespaço, ou do “usuário”, categoria também redutora - embora bastante empregada por associar o lugar de uso como distinto ao da produção - limite que chega a ser driblado com a referência a “usuário-produtor” Para alguns pesquisadores aparece o conceito de “interagente” (PRIMO, 2007) como o que mais abarcar o lugar de participação e troca entre tecnologia -sujeito e sujeitos entre si na internet. Em outra abordagem, Garcia-Canclini (2008) considera o papel do Internauta na redefinição das condições de leitura na atualidade. (BRIGNOL, 2010, p. 51).

Orozco (2014) aborda, em seu livro sobre educomunicação, a mudança de papel ou status das audiências, antes audiência-receptiva, ele utiliza o termo audiências-usuários ou “prossumidores”, na qual a interatividade permite transcender apenas a interação simbólica, desconstruindo, reconstruindo, ressignificando, modificando as possibilidades de transformação, de criação e de participação real possível e desejável dos sujeitos-audiências.

Primo (2007), a partir conceito de interação mediada pelo computador, procura estudar a relação entre os participantes da interação, no qual ele compreende que seja uma “ação entre”, dessa forma ele não utiliza o termo “usuário” e propõe o uso do termo “interagente”:

O termo “usuário”, tão utilizado nos estudos da “interatividade”, deixa subentendido que tal figura está à mercê de alguém hierarquicamente superior, que coloca um pacote a sua disposição para uso (segundo as regras que determina). Isso posto, este trabalho defende o abandono desse problemático conceito e preferirá adotar o termo “interagente”, que emana a idéia de interação, ou seja, a ação (ou relação) que acontece entre os participantes. Entretanto, ao fazer-se a citação de algum autor que use aquele termo, respeitar-se-á a preferência terminológica do autor, apresentando-o entre aspas: “usuário” (PRIMO, 2007, p. 15).

Acredita-se que o uso do termo irá depender de qual ambiente analisado está o ator social. Dentro da análise, foi decidido usar o termo interagente de Alex Primo (2007), no qual estuda as interações mediadas pelo computador. Percebendo que os estudantes em todos os momentos das ocupações produziram conteúdos, dentro das próprias escolas, vídeos, cartazes, manuais, imagens, faixas, e compartilharam nas redes interagindo com outros atores

sociais, através da comunicação mediada pelo computador. Os estudantes das escolas foram interagentes, utilizam das novas tecnologias da comunicação para interagir, comunicar, dar voz e vez.

3.1.1 Comunicação e Cotidiano na construção cidadã

Os seres humanos criam significados interagindo entre si, em suas diversas ambiências, conectando suas redes neurais com as redes da natureza e com as redes sociais. Essas redes são constituídas pelo ato da comunicação. Comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações (CASTELLS, 2013).

Essa troca de experiências de informações e comunicação é o que faz criar significados, as pessoas relacionarem-se, é a partir dessa troca, dessas interações que as pessoas juntamente com os movimentos sociais se formam e se transformam. É a empatia de pessoas que têm pensamentos ideológicos em comum que se estrutura o tecido social.

Para Mafesoli (2013), a vida social se baseia na atração e repulsão, vibra-se na comunicação com alguns e não com outros. Essa relação de empatia é decisiva na estruturação do tecido social. Essa cola do mundo pós-moderno é a comunicação, pois não podemos nos compreender individualmente, nós só podemos existir na relação com o outro. Para ele, o comunicar é estar em relação, estar em vibração comum, comungar em torno de algo.

Thompson (2014), com base no pensamento de Geertz sobre o homem como um animal suspenso em teias de significados tecidos por ele próprio, afirma que “os meios de comunicação são rodas de fiar o mundo e, ao usar estes meios, os seres humanos fabricam teias de significados para si mesmos” (THOMPSON, 2014, p. 36). Para ele, o uso dos meios de comunicação cria novas formas de ação e interação, transforma a organização espacial e temporal da vida social.

É nessas relações sociais que se constroem a comunicação. Essa comunicação amplia a construção cidadã, resultando em um processo educativo para além dos bancos escolares. Ao inserir-se nesse processo, o ator social muda a forma de ver o mundo e de se relacionar com eles, agregando novos elementos à sua vida, sua cultura.

Kaplun (2002) intensifica o nosso debate, quando coloca que a verdadeira comunicação não se dá apenas pelo emissor que fala e o receptor que escuta e, sim, pela troca e compartilhamento de experiência, conhecimentos, sentimentos das pessoas, mesmo que seja a distância com auxílio de meios artificiais. “A través de ese proceso de intercambio los seres

humanos establecen relaciones entre sí y pasan de la existencia individual aislada a la existencia social comunitaria” (KAPLUN, 2002, p. 58).

O uso dos meios de comunicação comunitários/populares tem o potencial de serem um processo de organização popular carregados de conteúdos informacionais e culturais, possibilitando a participação direta no planejamento, produção e gestão, contribuindo, ainda mais, para a construção cidadã. Peruzzo (1999) acredita que o processo educativo de produção de conteúdo das mensagens dá vazão à socialização do conhecimento e à compreensão das relações sociais, esclarecendo sobre os direitos, sobre o País e a possibilidade de debater sobre esses direitos e deveres, levando a uma participação política.

A participação das pessoas na produção e transmissão das mensagens, nos mecanismos de planejamento e na gestão do veículo de comunicação comunitária contribui para que elas se tornem sujeitos, se sintam capazes de fazer aquilo que estão acostumadas a receber pronto, se fazem protagonistas da comunicação e não somente receptores. (PERUZZO, 1999, p.219).

Segundo Peruzzo (2009), o meio de comunicação serve muito mais do que difundir conteúdos, mobilizar e conscientizar a participação dos atores sociais na elaboração de conteúdo e todo o processo comunicativo é educativo, pois possibilita que a pessoa se sinta sujeito, aprendendo a compreender o mundo, perceber a sociedade, desenvolvendo-se intelectualmente, tornando-se cidadão e a partir daí pode interferir em seu entorno, visando assegurar os direitos.

Como diria Paulo Freire, o sujeito age como cidadão ativo, essa voz do sujeito deve ser difundida, não apenas através da voz humana, mas também através dos meios de comunicação. Para ela o ser humano é um ser em construção, assim como a sociedade e os direitos humanos, ampliam esse processo social. (PERUZZO, 2009, p. 42).

Kaplun (2002) cita Paulo Freire e propõe uma pedagogia da comunicação, na qual faça o sujeito pensar junto com quem ensina, na qual cada sujeito é educando-educador e vice-versa. Nesse processo construtivo, as pessoas juntas vão aprendendo a partir do momento que se comunicam, é que há a troca de experiências, formando, assim, um processo pedagógico autogestor.

Como se ha visto, tiene que ser así, participativo, no sólo por una razón de coherencia con la nueva sociedad democrática que busca construir, sino también por una razón de eficacia: porque sólo participando, involucrándose, investigando, haciéndose preguntas y buscando respuestas, problematizando y problematizándose, se llega realmente al conocimiento. Se aprende de verdad lo que se vive, lo que se recrea, lo que se reinventa y no lo que simplemente se lee y se escucha.

Sólohayunverdaderoaprendizajecuandohayproceso; cuandohayautogestión de los educandos. (KAPLUN, 2002, p. 47).

Interagindo entre si e conscientes de sua participação no mundo, esses atores tornam-se cidadãos. E o que é cidadania?

Carvalho (2008) abre a discussão sobre o tema cidadania dizendo que é um fenômeno complexo e historicamente definido. Uma cidadania plena que combine liberdade, participação, e igualdade para todos é um ideal ocidental e talvez inatingível, mas serve de parâmetro para o julgamento de cada país e de seu momento histórico. E, complementa, costumou-se desdobrar a cidadania em direitos civis, políticos e sociais. São direitos cuja garantia se baseia em uma justiça eficiente, barata e acessível a todos.

Para Canclini (1999), ser cidadão não tem a ver apenas com direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais, mas, também, com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento. Ele cita os estudos norte-americanos que se destinam a legitimar as minorias, não reconhecidas pelo Estado e aborda a experiência dos movimentos sociais na América Latina, que estão redefinindo o que se entende por cidadão, não apenas em relação aos direitos à igualdade, mas também em relação aos direitos às diferenças.

Sobre cidadania, Peruzzo (2013) começa o debate abordando o direito internacional, na qual cidadania diz respeito à nacionalidade, ou seja, o direito de pertencer a uma nação. Mas complementa que a cidadania incorpora a garantia de se ter proteção, na perspectiva da igualdade perante a lei; de ir de um lugar para o outro livremente; de votar e ser votado e o direito de expressão. “Em sua essência, cidadania funda-se em concepções de sociedade e, como tal, são essas concepções que orientam a cidadania” (PERUZZO, 2013, p. 207).

Em suma, cidadania inclui: a) direitos no campo da liberdade individual: liberdade, igualdade, locomoção e justiça; b) direitos de participação no exercício do poder político: participação política em todos os níveis: eleições, plebiscitos, participação em órgãos de representação, tais como sindicatos, movimentos e associações; c) direitos sociais: direito e igualdade de usufruto de um modo de vida digno, através do acesso ao patrimônio social, ligado ao consumo, ao lazer, condições e leis do trabalho, à moradia, à educação, à saúde, à aposentadoria etc. (PERUZZO, 2013, p.207).

Na busca pela cidadania, os estudantes lutavam pelo direito à educação, em uma série de debates e reivindicações já ditas aqui, como infraestrutura escolar, gestão democrática e participativa, passe-livre, melhoria na merenda escolar. Mas obtiveram, para além dos direitos, uma construção cidadã, educando-se a si e na troca de experiências do coletivo, das

relações sociais, nos três meses de debates dentro da escola, nos atos da rua e nas redes sociais, na qual entenderam seus direitos e lutaram pelas igualdades, contra os preconceitos. Essa educação formada pela (con)vivência cotidiana, nas interações e relações sociais estabelecidas.

Peruzzo (2013), ao debater a comunicação para cidadania, traz-nos o conceito de educação, significa educar para sociedade. “É a socialização do patrimônio de conhecimento acumulado, o saber sobre os meios de obter o conhecimento e as formas de convivência social. E também educar para a convivência social e a cidadania, para a tomada de consciência e o exercício dos direitos e deveres do cidadão” (PERUZZO, 2013, p. 211).

a escola, além de dedicar-se a ensinar os saberes científicos e a habilitar pessoas para a vida profissional, deve ter um objetivo maior, o de preparar as pessoas para o exercício de seus direitos. Dos direitos humanos, direitos de cidadão, ou seja, direitos civis, sociais e políticos. (MORETII, 1999, p.60 apud PERUZZO, 2013, p. 211).

Barros (1997, apud PERUZZO, 2013) coloca que as formações culturais dos seres humanos nas sociedades contemporâneas são desenvolvidas pelas relações sociais cotidianas, pelas intermediações através da comunicação interpessoal, de grupos e massiva e que se ampliam com as novas tecnologias. Porém os indivíduos ou atores sociais, em outras dimensões, educam-se a si mesmo, complexificando o tema:

Educar-se é envolver-se em um processo de múltiplos fluxos comunicativos. O sistema será tanto mais educativo quanto mais rica for a trama de interações comunicacionais que saiba abrir e por à disposição dos educandos. Uma Comunicação Educativa concebida a partir dessa matriz pedagógica teria como uma de suas funções capitais a provisão de estratégias, meios e métodos destinados a promover o desenvolvimento da competência comunicativa dos sujeitos educandos. Esse desenvolvimento supõe a geração de vias horizontais de interlocução". (KAPLÚN, 1999, p.74 apud PERUZZO, 2013).

A inserção das pessoas no processo de comunicação, onde elas se tornam sujeitos do seu processo de conhecimento, para Peruzzo (2013), é o âmago da questão da educação para cidadania nos movimentos sociais. Os atores sociais podem educar-se através de seu engajamento em atividades e partilhar dessas relações sociais. “Tudo isso diz respeito a uma mudança de postura, de uma "cultura do silêncio" das majorias, como já disse Paulo Freire (1981), ou à cultura da submissão, do cidadão ausente, de um cidadão sem voz, para uma nova cidadania” (PERUZZO, 2013, p. 216).

Peruzzo (2013) coloca que a participação na comunicação é um facilitador da ampliação da cidadania, uma vez que possibilita a pessoa tornar-se sujeito, o que resulta num processo educativo, onde a pessoa inserida no processo de fazer tende a mudar o olhar para o mundo e relacionar-se com ele.

A participação das pessoas na produção e transmissão das mensagens, nos mecanismos de planejamento e na gestão do veículo de comunicação comunitária contribui para que elas se tornem sujeitos, se sintam capazes de fazer aquilo que estão acostumadas a receber pronto, se fazem protagonistas da comunicação e não somente receptores. (PERUZZO, 2013, p. 219).

Para Peruzzo (2013), os meios de comunicação comunitários, além de ser um processo de organização popular, com canais carregados de conteúdos informacionais e culturais possibilitam a prática direta nos mecanismos de planejamento, produção e gestão, contribuindo assim, duplamente, para construção da cidadania. Dessa forma, oferecem um potencial educativo enquanto processo e também pelo conteúdo das mensagens que transmitem. “Por seus conteúdos podem dar vazão à socialização do legado do histórico do conhecimento, facilitar a compreensão das relações sociais, dos mecanismos da estrutura do poder (compreender melhor as coisas da política), dos assuntos públicos do país, esclarecer sobre os direitos da pessoa humana e discutir os problemas locais.” (PERUZZO, 2013, p. 218).

Os veículos de comunicação produzidos por setores organizados das classes subalternas, ou a elas organicamente ligados, acabam por criar um campo propício para o desenvolvimento da educação para a cidadania. As relações entre educação e comunicação se explicitam, pois as pessoas envolvidas em tais processos desenvolvem o seu conhecimento e mudam o seu modo de ver e relacionar-se com a sociedade e com o próprio sistema dos meios de comunicação de massa. Apropriam-se das técnicas e de instrumentos tecnológicos de comunicação, adquirem uma visão mais crítica, tanto pelas informações que recebem quanto pelo que aprendem através da vivência, da própria prática. (PERUZZO, 2013, p. 219).

Peruzzo (2013) cita Paulo Freire quando diz que ele fala que a comunicação é um ato pedagógico e a educação é um ato comunicativo. Para ela, dessa forma, Paulo Freire sintetiza toda a complexidade e as inter-relações entre comunicação e educação. Essa inter-relação ultrapassa as instituições de ensino e penetra nos meios de comunicação e nas práticas associativas e comunitárias. Para Peruzzo (2013), a escola já não é o principal espaço para educar, pois os meios de comunicação começam a partilhar tal poder, embora nem sempre seja positivo. Mas importante salientar que a comunicação comunitária estimula a

participação popular, o engajamento, ajudando a construir e reconstruir valores, compreendendo melhor o mundo:

A participação popular é algo construído dentro de uma dinâmica de engajamento social mais amplo, em prol do desenvolvimento social e que tem o potencial de, uma vez efetivada, ajudar a mexer com a cultura, a construir e reconstruir valores, contribuir para maior consciência dos direitos humanos fundamentais e dos direitos de cidadania, a compreender melhor o mundo e o funcionamento dos próprios meios de comunicação de massa. Revelam-se, assim, como espaço de aprendizado das pessoas para o exercício de seus direitos e a ampliação da cidadania. (PERUZZO, 2013, p. 255).

Ainda citando Paulo Freire, Peruzzo (2017) coloca os princípios básicos incorporados pelos estudos de comunicação comunitária com base na pedagogia freireana: diálogo (relação horizontal de comunicação); do ser humano como sujeito; da comunicação-ação para a prática da liberdade; criticidade; aderência à realidade; e comunicação para a transformação social.

O princípio do diálogo é a base de atuação, comunicação e alicerce dos movimentos populares. Os assuntos precisam ser dialogados e combinado com o coletivo.

Ao fazer parte desse processo, a comunicação popular incorporou o princípio do diálogo, ao se valer da comunicação interpessoal e grupal, ao instituir a horizontalidade, ao transformar receptores em emissores-receptores e ultrapassar a ideia de que existe comunicação apenas quando ela se dá por intermédio de artefatos tecnológicos ou de “meios” de comunicação. (PERUZZO, 2017, p. 9-10).

O sujeito enquanto membro da comunidade são sujeitos coletivos, onde podem participar ativamente, debater, tomar decisões, aprender e ensinar para o benefício próprio, da comunidade e do lugar (PERUZZO, 2017).

A comunicação-ação para a prática da liberdade na comunidade e movimentos populares se ancora na prática da liberdade, no exercício do direito de comunicar, diante do seu saber e da própria voz, se apropriando das novas tecnologias de comunicação para defender, mediar, interagir e debater sobre suas lutas e as lutas coletivas.

Esse direito de comunicar refere-se à recuperação do direito a ter voz, expressar-se autonomamente, sem esquecer que, em geral, o próprio resgate da voz, do poder de se manifestar e de ser ouvido, antecede e vai além de aparatos tecnológicos, mas os inclui. As tecnologias ampliam o potencial comunicativo, não resta dúvida e, ao mesmo tempo, o seu uso representa o acesso social ao patrimônio da humanidade e o exercício do direito à cidadania. A comunicação não acontece de forma isolada, ela implica sempre em ação. A ação de agir sobre a realidade, para reconhecê-la e transformá-la.” (PERUZZO, 2017, p.11)

O princípio da aderência e criticidade, diz respeito respectivamente o primeiro ao trabalho educativo-comunitário se orgânico e estar em sintonia com a realidade das pessoas e o lugar que está sendo desenvolvido. E o segundo fala que é necessário, os educandos terem leitura crítica da realidade.

Por último a comunicação e transformação social um princípio que fala que a comunicação popular, alternativa e comunitária, inseridas dentro da mobilização social contribui para fomentar um processo de educação informal que favorece a conscientização, o desenvolvimento social e a ampliação da cidadania. Desalienando as pessoas para um novo conhecimento. “Os princípios que norteiam uma educação libertadora também contribuem para uma comunicação libertadora porque incentivam a capacidade humana de agir, criar e transformar.” (PERUZZO, 2017, p. 15).

3.1.2 A mediação escolar e suas múltiplas mediações

Ao iniciar o estudo das mediações e interações no fenômeno das ocupações, foi decidido trabalhar a partir das múltiplas mediações de Orozco (1991) e Martin-Barbero (2000, 2004, 2006, 2015). Optou-se por escolher duas que contemplarão as múltiplas mediações: a mediação escolar e a mediação videotecnológicas/tecnicidade, onde ocorreu a união entre o conceito de comunicação mediada pelo computador e cibercultura.

a) Mediação Escolar

Segundo Orozco (2014), o quadro das múltiplas mediações e dos processos de recepção tem relação próxima com as temáticas da educação e da própria escola. A escola é uma instituição primária, bem como a religião, família, onde são lugares de interpretação e aprendizagem, lugar onde ações são mediadas e, muitas vezes, invasivas das mídias nas dinâmicas cotidianas dos jovens. A escola é um lugar para o exercício das múltiplas mediações, onde diálogos são ativados, e uma das questões centrais é quando a escola instaura modelos pedagógicos ultrapassados, unilaterais, centrados apenas na figura do diretor ou professor. Quando isso ocorre, a mediação deixa de acontecer, pois a troca fica inexistente.

A escola não é somente um centro de educação, mas de socialização, expressão e formação cognitiva, ocorrendo nas ambiências da escola uma troca constante de conhecimento e informação, onde novas mediações são criadas todos os dias. É um espaço que sobrepõe todas as mediações, institucional, individual, situacional, socialidade, ritualidade, dentre outras.

Segundo Orofino (2005) a escola é um encontro de muitas culturas, que provêm tanto de identidades quanto de diferenças socioculturais; há múltiplas mediações na escola, então é preciso buscar entendê-las. Nesse encontro de culturas e de muitos sistemas simbólicos, desde a identidade individual dos alunos, alunas, professores, diretores, na cultura popular regional do local onde a escola está situada, na cultura erudita que é ensinada, acrescida da cultura midiática das novas tecnologias da comunicação e informação de hoje, torna bem mais complexos os processos comunicacionais no ambiente escolar.

Ali se entrelaçam as mediações principalmente a institucional (afinal, a escola é uma instituição social das mais rígidas e estruturadas ao longo da história). Mas não apenas esta, pois as múltiplas possibilidades de negociação de sentido nem sempre emergem da esfera institucional, mas também e principalmente da situacional e individual (Orofino, 2005, p. 65).

Orozco (2014) e Martin-Barbero (2000, 2014) trabalham essa relação comunicação e educação, sendo um espaço de diversas possibilidades de aprendizagem e expressão. Um encontro de muitas culturas, onde até valores que são produzidos na sociedade desenvolvem-se dentro da escola. Esses valores produzidos e mediados na escola vêm também dos meios de comunicação, da televisão, do rádio, jornal, notícias e da internet.

Orozco (2014) aborda o conceito de educomunicação para pensar os fenômenos de ensino-aprendizagem, diante da vida contemporânea, com as novas tecnologias da informação e comunicação, e diversos estímulos midiáticos, a partir dos processos comunicacionais, através das trocas de experiências, intensificando o conceito de múltiplas mediações. Para ele, a sala de aula e a relação professor/aluno (a) não se deve reconhecer apenas nessa relação de mediação docente e discente, mas também entrecruzar as outras mediações constituidoras de campos de sentido: internet, redes sociais, televisão....

Segundo Orozco (2014), o campo educucomunicativo é capaz de ativar capacidades e competências voltadas a produzir discursos e linguagens que coloquem em linha os conteúdos escolares e a sociedade inclusiva. Uma escola que eduque para a vida. Ele fala da importância da educação para a mídia, de pensar as relações entre sala de aula e comunicação e tantas outras formas. É necessário formar audiências para que se assumam emissores e interlocutores reais e não simbólicos, pois as redes sociais estimulam essa cultura da participação, que a escola ainda não assumiu plenamente. “A escola é, portanto, um cenário social em que se efetiva esta circulação de significados e sentidos produzidos pelas e sobre as mídias.” (Orofino, 2014, p. 34).

b) Mediação Videotecnológicas/Tecnicidade

Segundo Silva e Cardoso (2016), a tecnicidade relaciona as inovações no campo da produção e o modo como elas afetam as linguagens midiáticas, a partir da transformação do material discursivo e o ambiente onde ele ocorre, promovendo novas práticas sociais.

A tecnicidade proposta do Martin-Barbero (2015) também pode ser relatada por Orozco (1991, 2002, 2005) com a mediação videotecnológica, ela volta-se aos meios tecnológicos de comunicação.

Para Lopes (2014), é necessário aprofundar a visão teórica da tecnicidade, trazendo algumas reflexões para o alargamento do estatuto teórico e metodológico da pesquisa de comunicação nos países latino-americanos. “Através da noção de tecnicidade é possível entender a técnica como constitutiva, como dimensão imanente de uma noção antropológica de comunicação.” (LOPES, 2014, p. 74).

Lopes (2014) traz o olhar para a complexidade da categoria tecnicidade. Abre a discussão, abordando a noção grega de *techné* que remetia à destreza, habilidade de fazer, argumentar, expressar, criar e comunicar-se através de formas materiais, com base nos novos modos de lidar com a linguagem. Hoje, a noção técnica encaminha-se como aparato, “objetivação da *techné* nas máquinas ou nos produtos” (LOPES, 2014, p. 74). Para a autora, nenhuma das duas noções é suficiente para expressar a complexidade da noção de tecnicidade. Hoje, as novas formas de perceber, ver, ouvir, ler, aprender novas linguagens, novos modos de expressão, de textualidades e escrituras. “O sentido da tecnicidade não se relaciona à ideia de mero aparato tecnológico, mas à competência na linguagem (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 237), às materialidades no discurso que remetem à constituição de gramáticas que dão origem aos formatos e produtos midiáticos.” (LOPES, 2014, p.74).

A tecnicidade não é da ordem do instrumento, mas da ordem dos saberes, da constituição de práticas produtoras de inovações discursivas, dos modos de percepção social. Afasta-se, portanto, da noção de técnica como mero aparato, recuperando o original sentido do termo grego *techné*. Haveria uma espécie de intermediação como experiência comunicativa, ou seja, de muitas interfaces entre os diferentes meios e destes nos diferentes espaços comunicativos do consumo e da criação. O que está aí implícito é a recusa do sentido instrumental de tecnologia tão desenvolvida nos estudos de comunicação. (LOPES, 2014, p. 74).

A tecnicidade, hoje, com as novas tecnologias da informação e comunicação, não é mais um instrumento, ela faz parte da vida cotidiana, e da estrutura do conhecimento. Na sociedade multiconectada, por meio do computador ou celular e acesso às novas mídias

digitais, há novas formas de ação e novos tipos de relacionamento sociais, permitindo novos modos de interação.

O mundo digital antes restrito a quem tinha maior poder aquisitivo, hoje chega às demais classes sociais, e cria uma massa de consumo. “Dentre outros fatores, isso decorre muito especialmente da competitividade tecnológica e dos usos da tecnicidade (MARTÍN-BARBERO, 2001), por onde passa hoje em grande medida a capacidade de inovar e de criar.” (LOPES, 2014, p. 75).

Desse modo, ao aplicar as categorizações de mediação de Orozco (1998) e Martin-Barbero (2015), identificou-se algumas mediações dentro do nosso universo da pesquisa empírica, dentre elas temos a forma como as matrizes culturais se manifestam nos indivíduos (mediações individuais), a forma como esses indivíduos se relacionam entre si e as trocas (socialidade), as situações de interação da audiência no ambiente virtual (mediações situacionais), a mediação escolar/institucional e as linguagens midiáticas a partir da mediação pelo computador/celular (mediações videotecnológicas/tecnicidade).

Como queremos aproximar os estudos culturais e de recepção na América Latina aos estudos da comunicação mediadas pelo computador/celular, de forma integrada, pois acredita-se que os fenômenos são similares, foi notado que a questão da tecnicidade é uma forma de aproximar esses dois campos. Compreende-se que através dos estudos culturais e a cibercultura é possível estudar os processos de interação que são permeados pelas múltiplas mediações e que estão organizados de acordo com o fluxo determinado pelos estudos ciberculturais. Essa integração nos estudos culturais, que tem um vasto debate e pesquisa junto a cibercultura, pode ampliar a visão das fronteiras online e offline. (SILVA; CARDOSO, 2016).

A pesquisa empírica nos mostra que o cotidiano nas ocupações, as atividades, aulas, workshops e ações, dentre outras atividades, dentro da escola, com os alunos entre si e com os demais professores, simpatizantes da mobilização, artistas, em um discurso a partir do diálogo de todos, reproduzidos, produzidos, ressignificados em formatos como vídeos, imagens, cartazes, textos e compartilhados nas redes sociais da internet, onde através do computador/celular havia uma outra mediação, a mediação pelo computador/celular.

Nas ocupações, as redes sociais da internet, foram para além de ser um meio de comunicação, um aparato, através da comunicação mediada pelo computador, veremos que o uso social da internet foi um espaço de mediação cultural. Nela podemos identificar as práticas sociais proporcionadas pelas tecnologias de comunicação online, investigando como as linguagens midiáticas se estabelecem e as interações no ambiente online.

3.2 Novas tecnologias da Informação e Comunicação nas Ocupações das escolas

A rede é a mensagem, a internet é o tecido das nossas vidas. Com essa afirmação Castells (2004) acredita que as novas tecnologias da informação e comunicação são o equivalente a eletricidade na era industrial, isso devido a sua capacidade de distribuir o poder da informação por todos os âmbitos da atividade humana. A internet não é apenas tecnologia, ela é um meio de comunicação e constitui a infraestrutura material de uma forma organizativa concreta, a rede. “A internet constitui atualmente a base tecnológica da forma organizacional que caracteriza a era da Informação: a rede”. (CASTELLS, 200, p. 15).

Levy (1999) chama de “rede” e também ciberespaço o meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. “O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.” (LEVY, 1999, p. 17).

Para Castells (2004), uma rede é um conjunto de nós interligados, as redes são formas antigas de atividade humana; mas, atualmente, essas redes ganham uma nova vida, ao se converterem em redes de informação, impulsionadas pela internet. “As redes têm enormes vantagens como ferramentas organizativas, graças a sua flexibilidade e adaptabilidade.” (CASTELLS, 2004, p. 15).

Levy (1999) compreende que o conjunto de técnicas, práticas, modos de pensamento, valores, atitudes que se desenvolvem no ciberespaço, são denominados de cibercultura. Para Lemos (2014), a cibercultura é como um conjunto de processos tecnológicos, midiáticos e sociais, que criam a cultura contemporânea.

A internet é um meio que permite a comunicação de muitos para muitos em uma escala global. As principais atividades econômicas, sociais, políticas e culturais de todo o planeta estão a estruturar-se através da internet e de outras redes informáticas. Segundo Castells (2004), as pessoas, instituições, empresas, sociedade em geral transforma a tecnologia apropriando-a, modificando-a e experimentando-a, especialmente a internet, por ser uma tecnologia da comunicação.

Diante dessa cultura de compartilhamentos das redes, mobilidade, velocidade, o conceito de sociedade em rede se amplia e toma a esfera política. Essa comunicação autônoma, dentro de um conceito que Castells (2004) chamou de autocomunicação de massa traz autonomia na emissão e recepção das mensagens, da organização das redes sociais próprias. Ele acredita que consegue se alcançar uma audiência massiva a partir das redes das

redes. A internet dá voz ao receptor, que deixa de ser receptor para ser um interagente. A mídia não é mais privilégio dos veículos de comunicação e nem de políticos, intelectuais etc. “Em nenhum momento da história, estivemos tão imersos num sistema de comunicação que configura nossos pensamentos, nossas mentes, nossas decisões” (CASTELLS, 2013).

As informações existentes na internet não possuem mais filtro dos meios de comunicação tradicionais, formadores de opinião, artistas, intelectuais, empresas e governos. Há uma nova configuração na comunicação. Castells (2013) cita que essa comunicação deixa de ser linear para ser dialógica, de mão dupla, fazendo com que os antigos donos do poder da comunicação tenham que dialogar com todas as vozes.

Na esfera política, Castells (2013) acredita que atualmente há uma crise hegemônica dos partidos, onde ficam suscetíveis a intervenção e participação dos cidadãos. Esses partidos continuam reproduzindo na internet a mesma publicidade da TV, desconsiderando que a Internet é mais ativa e não tão passiva. Além disso, os escândalos de corrupção dos políticos causam incredulidade e desconfiança. Surgem, então, novas formas de contrapoder e os movimentos sociais se fortalecem. Ele cita que o papel da internet e da comunicação sem fio na formação e prática dos movimentos sociais é fundamental, pois as pessoas só desafiam a dominação conectando-se entre si.

Os movimentos sociais em rede de nossa época são amplamente fundamentados na internet, que é um componente necessário, embora não suficiente da ação coletiva. As redes sociais digitais baseadas na internet e nas plataformas sem fio são ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir. (CASTELLS, 2013, p. 171).

Castells (2013) acredita que esses movimentos sociais em rede estão propondo uma nova utopia, a utopia da autonomia do sujeito em relação às instituições da sociedade. “Quando as sociedades falham na administração de suas crises estruturais pelas instituições existentes, a mudança só pode ocorrer fora do sistema, mediante a transformação das relações de poder” (CASTELLS, 2013, p. 170). A internet encarna a cultura material, sendo uma plataforma privilegiada para construção da autonomia.

3.2.1 Processo comunicacionais na Internet: uma cultura autônoma.

As novas tecnologias da informação e da comunicação e, especificamente, a internet é uma categoria fundamental a ser analisada dos movimentos em redes, responsáveis por organizar, deliberar, coordenar e expandir-se. As redes sociais da internet ultrapassam a

instrumentalidade e criam condições para que um movimento sem uma liderança definida sobreviva, delibere, coordene e expanda, através da comunicação entre as pessoas, para além do mesmo espaço físico. (CASTELLS, 2013).

A relação da internet com os movimentos em rede tem uma conexão fundamental e mais profunda, Segundo Castells (2013), eles comungam de uma cultura da autonomia.

Os movimentos que observamos encarnam o projeto fundamental de transformar pessoas em sujeitos de suas próprias vidas, ao afirmar sua autonomia em relação às instituições da sociedade. É por isso que, embora ainda exigindo medidas terapêuticas para as atuais misérias de um amplo segmento da população, os movimentos como atores coletivos, não confiam nas instituições atuais e se envolvem no caminho incerto de criar novas formas de convivência, na busca de um novo contrato social. (CASTELLS, 2013, p. 171).

Ele coloca que o conceito de autonomia se refere à capacidade dos atores sociais se tornarem sujeitos, independentes das instituições da sociedade.

O conceito de autonomia é mais amplo, já que pode se referir a atores individuais ou coletivos. Autonomia refere-se à capacidade de um ator social tornar-se sujeito ao definir sua ação em torno de projetos elaborados independentemente das instituições da sociedade, segundo seus próprios valores e interesses. A transição da individualização para a autonomia opera-se por meio da constituição de redes que permitem aos atores individuais construir sua autonomia com pessoas de posição semelhante nas redes de sua escolha. Eu afirmo que a internet fornece a plataforma de comunicação organizacional para traduzir a cultura da liberdade na prática da autonomia. Isso porque a internet incorpora a cultura da liberdade. (CASTELLS, 2013, p. 172).

Segundo Castells (2013), a construção da autonomia, a mais profunda transformação social promovida pela internet, ocorreu na primeira década do século XXI, com a passagem da interação individual e empresarial na internet (o uso de correio eletrônico, por exemplo), para a construção autônoma de redes sociais controladas e guiadas por seus usuários. Para ele a comunicação sem fio conecta dispositivos, dados, pessoas, organizações, nas nuvens. São espaços vivos que conectam pessoas e transformam cultura. “Esses interagentes transcendem tempo e o espaço, produzem conteúdo, estabelecem vínculos e conectam práticas.... temos agora um mundo em rede em cada dimensão da experiência humana. Essas pessoas evoluem em interações múltiplas e constantes.” (CASTELLS, 2013, p. 173). Essas redes autoconstruídas com base na conectividade não são só virtuais, elas se relacionam também no mundo real. Em um mundo híbrido.

Para Castells (2013), quanto mais usa a internet, mais aumenta o seu grau de autonomia. Há de fato um círculo virtuoso entre as tecnologias da liberdade e a luta para

libertar a mente das estruturas de dominação. É uma outra noção de cidadania que se forma. Os usuários da internet que constroem essas relações sociais não são mais receptores, e vão além de ser emissores, eles são usuários produtores ou interagentes.

Essa comunicação autônoma talvez seja a principal transformação dos movimentos sociais no século XXI, no qual a partir da produção de conteúdo e da conversação nas redes provoca a transformação do ator social, onde através das novas tecnologias da comunicação e informação ele consegue ter voz, produzir e reproduzir sua opinião tornando-se interagente.

Para Castells (apud RECUERO, 2003) o surgimento e a posterior popularização da Internet enquanto meio de comunicação, especialmente no início dos anos 90, trouxe mudanças profundas para a sociedade. Essas mudanças são marcadas pela apropriação e ressignificação das ferramentas de comunicação mediadas pelo computador, trazendo impacto para as formas sociais. Como exemplo podemos citar as redes sociais da internet (*Facebook*, *twitter*, dentre outras).

Como abordado no primeiro capítulo, as redes sociais da internet são uma categoria importante, quando estudamos os novos movimentos sociais em rede. É nesse processo de apropriação das redes sociais da internet que os atores sociais, no caso da pesquisa que realizamos, os estudantes conseguiram conectar-se, mobilizar, articular, informar as pessoas sobre as ocupações. Para Castells (2004), as sociedades mudam através do conflito e gerem-se através da política.

Como a internet se está a converter num meio essencial de comunicação e organização em todos os âmbitos da atividade, é óbvio que os movimentos sociais e os agentes políticos a utilizam e a utilizarão cada vez mais, transformando-a numa ferramenta privilegiada para atuar, informar, recrutar, organizar, dominar e contradominar. O ciberespaço está a converter-se num terreno disputado. Mas a internet não desempenha apenas um papel puramente instrumental na expressão dos protestos sociais e dos conflitos políticos ou, pelo contrário, estamos a assistir a uma transformação das regras do jogo sócio político no ciberespaço, que acabará por afetar o próprio jogo, ou seja, as formas e os objetivos dos movimentos e atores políticos. (CASTELLS, 2004, p. 169).

A primavera secundarista criou uma rede de escolas ocupadas em diversas cidades do Brasil, a partir das trocas de experiências utilizando como referência movimentos sociais como a Revolta dos Pinguins no Chile, as ocupações na Argentina, e demais mobilizações no mundo. Os estudantes conectam-se em rede, sendo importante para organização, mobilização, informação, articulação para que pudessem exercer seu espaço no terreno de disputa de direitos. Nas ocupações das escolas em todos os lugares do Brasil e no Ceará, os jovens

criaram um sistema de convivência, debateram em assembleias, ocuparam as escolas cuidando delas, criaram cozinhas comunitárias, realizaram apresentações artísticas, culturais, aulões, eventos, sessões de cinema, reuniões, oficinas, dialogaram sobre seus direitos, deveres, minorias. Produziram manuais, cartazes, fanzines, vídeos, fotos e utilizaram a Internet para compartilhar em tempo real o que eles estavam vivendo. Apropriando-se do espaço das escolas e das redes sociais, surgindo um terceiro espaço, o espaço de comunicação autônoma.

3.2.2 Como ocupar uma escola? Aproprio-me da internet.

Durante a mobilização dos estudantes, além das ocupações nas escolas e nos atos de rua e assembleias, a internet foi uma das ambiências interacionais dos estudantes, entre si e com a sociedade e a imprensa. A sociedade que aqui falamos são todas as pessoas que se envolveram nas ocupações, professores, artistas, profissionais, comunidade e diversas pessoas que de alguma forma estiveram interagindo com o movimento. Para além da ferramenta, as relações sociais construídas na internet, com a troca das experiências, com diversas apropriações na rede, dentre elas podemos citar as conversações, o uso das hashtags, produção de conteúdo, compartilhamento, downloads, desde cartazes, textos, faixas até vídeos sobre as ocupações e debates de construção cidadã, manuais de como fugir da polícia, como fazer uma manifestação e as conversações com estudantes e a sociedade que foram construídas entre as ocupações no Brasil. Segundo Recuero (2014) mais do que meras interações, essas trocas entre pessoas, que não se conhecem ou que se conheceram ali no ciberespaço, representam conversações que permeiam, estabelecem e constroem as redes sociais da internet.

Segundo Recuero (2014), esses espaços conversacionais nas redes sociais da internet, de interação com outros indivíduos, adquirem contornos semelhantes àqueles da conversação, buscando estabelecer e/ou manter laços sociais. No caso das ocupações nas escolas, passou a representar um espaço de debate sobre a mobilização, de troca de informações, de pedido e manifestações de apoio, de incentivo, de divulgação sobre o cotidiano dos estudantes nas ocupações, de conversação em rede, como veremos no próximo capítulo. E, principalmente, de criação de laços sociais, em uma nova forma de “ser” social, causando impactos na sociedade contemporânea. Acredita-se que essa interação dos estudantes entre si, a partir da apropriação do ciberespaço, criou uma nova cultura, dentro e fora das ocupações.

Essa apropriação para Lemos (2002) é a essência da cibercultura, é o produto do uso das redes sociais da internet pelo interagente, em duas dimensões: simbólica e técnica. O aprendizado do uso da ferramenta é a apropriação técnica. E a simbólica é a construção de sentido no uso dessa ferramenta. “A apropriação, em sua dimensão simbólica é, portanto, criativa, inovadora e capaz de suplantar os limites técnicos da CMC.” (RECUERO, 2014, p. 36).

Segundo Recuero (2014), a conversação no ciberespaço simula elementos da conversação oral. “Convenções são criadas para suplementar, textualmente, os elementos da linguagem oral e da interação, gerando uma nova “escrita oralizada”. Contextos são convencionados pelos interagentes através da negociação. É uma conversação em rede” (RECUERO, 2014, p. 36).

Essas novas tecnologias da comunicação e informação, que transformaram os movimentos sociais, vão além das ferramentas, elas evoluíram para espaços conversacionais. Pois, segundo Recuero (2014), o uso delas reelabora a conversa que passa a ter novas feições.

A conversação virtual deve ser entendida como um caso de apropriação, ou seja, as ferramentas da CMC são apropriadas com caráter conversacional pelos usuários. Percebe-se que a conversação na Web resulta muito menos da determinação das ferramentas computacionais e mais dos usos que as pessoas fazem dela. (RECUERO, 2014).

Os contextos, além de definirem os rumos da interação, convocam e provocam os interagentes a se engajarem em um exercício conjunto e constante de (re) construção, recuperação e negociação dos contextos de suas conversas. “As redes sociais são estruturas dos agrupamentos humanos, constituídas pelas interações, que constroem os grupos sociais. Nessas ferramentas, essas redes são modificadas, transformadas pela mediação das tecnologias e, principalmente, pela apropriação delas para a comunicação” (RECUERO, 2014, p. 16).

Com a popularização dessas ferramentas, o uso dos celulares, computadores e demais aparelhos, para trocar ideias e conectar-se a outras pessoas, passaram a fazer parte do dia a dia das pessoas, incorporados ao cotidiano, proporcionando espaços conversacionais, espaços de interação, estabelecendo laços sociais. (RECUERO, 2014, p. 16). Lugares virtuais onde as práticas sociais acontecem, seja por limitações da vida, seja por comodidade. São novas formas de “ser” social que possuem impactos na sociedade, a partir das práticas estabelecidas no Ciberespaço. “Essas práticas são também dependentes das limitações técnicas dos espaços construídos para interação que vão reconstruir, através da apropriação

sentidos e convenções para a conversação online”. (RECUERO, 2014, p. 17). Essas conversações constroem, permeiam e estabelecem as redes sociais da internet.

Essas conversações nas redes são rastreáveis e permanentes mais do que outras. Essas características e sua apropriação são capazes de delinear redes, trazer informações sobre sentimentos coletivos, tendências, interesses e intenções de grandes grupos de pessoas. São essas conversas públicas e coletivas que hoje influenciam a cultura, constroem fenômenos e espalham informações e memes, debatem e organizam protestos, criticam e acompanham ações políticas e pública. É nessa conversação em rede que nossa cultura está sendo interpretada e construída. (RECUERO, 2014, p. 18).

Compreender as práticas do que estava sendo discutido nas escolas e nas páginas das escolas e a apropriação dos estudantes na rede vai nos fazer enxergar a construção dessa rede e seu impacto na sociedade. Essa mediação sai de uma análise técnica de uma ferramenta para uma análise social, de um grupo social, dentro de uma rede, da qual faz parte de nossa sociedade. Ou seja, mais do que uma ferramenta de pesquisa o computador é uma ferramenta social.

3.2.3 Comunicação mediada por computador - Uma conversação em rede

A Comunicação Mediada por Computador, abreviada de CMC, é um conceito amplo, aplicado à capacidade de proporcionar trocas entre dois interagentes via computadores, que compreende práticas conversacionais demarcadas pelas trocas entre os atores sociais. (RECUERO, 2014). Ao utilizar o termo computador, de certa forma, não estamos excluindo o celular, pelo contrário, busca-se incluir o celular, que, hoje, em estudos sobre acessos¹⁹, no mundo, passou o uso do computador, como ferramenta. Além do que o celular foi a principal ferramenta de uso nas ocupações, por conta da mobilidade e praticidade. Porém a CMC vai além da ferramenta, como veremos a seguir.

Segundo Recuero (2014) a CMC não é influenciada somente pelas suas ferramentas, mas também é um produto de apropriação social, onde são geradas ressignificações construídas pelos atores sociais no seu cotidiano. A CMC não é constituída de um conjunto de ferramentas, mas é um motor de relações sociais, que não apenas estrutura essas relações sociais, mas também proporciona um ambiente para que elas ocorram. “É na CMC que as relações sociais são forjadas pelas trocas de informação entre indivíduos e é

¹⁹AMPUDIA, Ricardo. Celular é mais utilizado que computador para acessar a internet no Brasil.: Folha, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/celular-e-mais-utilizado-do-que-computador-para-acessar-internet-no-brasil.shtml> Acessado em: 22.Dez. 2018

principalmente através das conversações, que essas práticas são estruturadas.” (RECUERO, 2014, p. 24).

A conversação é uma das apropriações mais evidentes na CMC. Os interagentes estão conectados às informações que auxiliam a perceber e interpretar aquilo que é dito e a negociar o que dizemos, em um diálogo. A conversação que acontece fora da rede percebemos alguns elementos como o tom de voz, entonação, pausas de falas (elementos prosódicos), gestos e palavras. Essa conversa acontece entre a fala onde os agentes alternam-se, negociando o processo. (RECUERO, 2014).

Segundo Recuero (2014), a conversação é parte do processo de comunicação, essa conversação é a interação verbal que promove uma interação social e estabelece uma relação social. É um processo negociado, organizado pelos atores, que seguem determinados rituais culturais.

No ciberespaço, a conversação possui elementos da conversação oral. Segundo Recuero (2014), essa similaridade se dá pela incorporação dessas ferramentas ao cotidiano das pessoas, construída pela ressignificação de suas potencialidades diante dos interesses e motivações dos grupos sociais. Por isso, ela defende que a conversação nas redes é uma apropriação. Ou seja, as ferramentas da CMC são apropriadas com caráter conversacional pelos usuários. “A linguagem da CMC apresenta uma linguagem “digitada, escrita, mas rápida e informal como a linguagem falada”. constituindo a criação de elementos únicos, como o uso de *emoticons*, elementos gráficos, léxicos especiais e acrónimos.” (RECUERO, 2014, p. 33).

Recuero (2014) cita que, embora a tecnologias não tenham sido criadas para simular conversações, elas são utilizadas deste modo, construindo esses ambientes conversacionais, proporcionando trocas interacionais. Essas práticas são oriundas do advento da interconexão na rede dos atores sociais, gerando um novo contexto de negociação. Esses atores aprendem a conversar em redes, apropriando-se do espaço. Esse ambiente de apropriação é um novo ambiente de conversação mediado.

A conversação mediada pelo computador é mutante, produtora e transformadora de novas redes sociais. “A primeira mudança no processo de conversação mediada pelo computador é a utilização e a criação de um novo ambiente de conversação. Trata-se de um ambiente mediado, que, portanto, possui características e limitações específicas, que serão apropriadas, subvertidas e amplificadas pela conversação. O ambiente da conversação, assim, é o ciberespaço. E, por isso, muitos rituais construídos no espaço digital perpassam várias ferramentas utilizadas para a conversação. (Recuero, 2014, p. 40).

O ciberespaço é um espaço relacional, mesmo sendo virtual, onde os fluxos de informação e comunicação circulam. Esse ambiente de conversação é construído enquanto ambiente social e apropriado enquanto ambiente técnico.

Há, portanto, duas dimensões que nos são relevantes: como esse espaço fornece elementos para a construção da conversação através das ferramentas utilizadas pelos grupos sociais e como esses grupos constroem e se apropriam do contexto gerado por elas e por sua experiência no ciberespaço como elementos de conversação. Enquanto os aspectos técnicos, de certa forma, podem direcionar a interação, os aspectos sociais e culturais podem perpassar diversas ferramentas. (RECUERO, 2014, p. 41).

A conversação é uma apropriação, não apenas um fato. Ela é construída, significada e moldada de acordo com as limitações e possibilidades da mediação, mas também a subverte e reconstrói.

As redes sociais da internet como o *instagram*, *Facebook*, *twitter*, todos esses serviços representam formas de Comunicação Mediada pelo Computador (CMC), ou seja, ferramentas que estão focadas nas interações entre pessoas. Recuero (2014) acredita que o conceito, utilizado por diversos autores, foca a capacidade do ciberespaço de proporcionar um ambiente de interação e construção de laços sociais. As ferramentas de popularização e as pessoas em todo mundo incorporam essas redes sociais da internet no seu cotidiano, ou seja, passam a ser utilizadas, também, como espaços conversacionais. Esses espaços são decorrentes de práticas sociais que vão reconstruir sentidos e convenções para a conversação online. (RECUERO, 2014).

Segundo Recuero (2014), a Comunicação Mediada Por computador (CMC) é discutida por diversos autores com um ambiente comunicacional, capaz de proporcionar trocas entre os interagentes. As ferramentas proporcionam ambientes com apenas texto, outras som, outras imagens e outras que têm todos os elementos. Segundo Baron (2002, apud RECUERO, 2014) a “CMC é definida de modo amplo como quaisquer mensagens de linguagem natural que sejam transmitidas e/ou recebidas através de um computador. Falando de modo geral, o termo CMC se refere à linguagem natural escrita enviada via Internet”. December (1996 apud RECUERO, 2014) também foca nos aspectos técnicos da mediação.

Para Jones (1995, apud RECUERO, 2014) a CMC também é um produto social, não é apenas constituída de um conjunto de ferramentas. “É na CMC que as relações sociais são forjadas através das trocas de informação entre os indivíduos. Ela não é, portanto, apenas uma estrutura técnica de suporte à linguagem, mas, igualmente, um conjunto de ferramentas

cujo sentido é construído pelos interagentes. E parte dessa construção foca as práticas de conversação.” (RECUERO, 2010, p. 2).

Enquanto interagentes, estamos constantemente conectados a todas as informações que nos auxiliam a perceber e a interpretar aquilo que é dito pelos outros e a negociar aquilo que dizemos de forma a apontar algum sentido que desejamos transmitir (RECUERO, 2014, p. 28).

Sobre conversação Recuero (2010) apud Maruschi (2006) e Pridham (2001) coloca que a conversação é uma parte importante do processo de comunicação de dois ou mais indivíduos. É uma interação verbal que se desenvolve em dois ou mais interlocutores que voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum. Então Recuero (2010) define que a conversação é uma porta da qual as interações sociais acontecem, onde as relações sociais são estabelecidas, porém ela complementa que não é constituída apenas da linguagem oral, mas de uma série de elementos como tom de voz, entonação, silêncios e elementos não verbais, fornecendo pistas do sentido da conversa. A ocorrência de uma conversação necessita que os participantes compreendam e legitimem o diálogo de um e do outro, ou outros, alternando a fala e negociando o contexto.

No caso da conversação no ciberespaço, não é imediata e evidente, pois operam de forma diferente, com características próprias, que influenciam as práticas conversacionais. “A conversação mediada pelo computador opera sobre várias ferramentas, com características e limitações próprias, que vão também influenciar as práticas conversacionais que emergem no ciberespaço.” (RECUERO, 2014, p. 31).

A primeira concepção de conversação no ciberespaço deu-se através da percepção da interação e do diálogo como construídos através da linguagem escrita possibilitada por essas tecnologias. Herring (2010) argumenta que, no início, essa concepção era polêmica, e a percepção das trocas textuais no ambiente da comunicação mediada por computador era vista simplesmente como uma metáfora para a conversação, mas não como uma conversação em si mesma, que só acontecia através da fala. Entretanto, com o desenvolvimento da pesquisa na área, a autora explica que há evidências no ciberespaço possui elementos típicos da conversação oral e que, portanto, é e deve ser compreendida como conversação e não como simulação ou metáforas. (RECUERO, 2014, p. 32).

Podemos observar que a incorporação da internet no cotidiano das pessoas ressignifica o uso das redes sociais da internet de acordo com cada grupo social. Dessa forma, Recuero (2014) defende que a conversação é uma apropriação dos atores sociais. A similaridade da conversação oral com a conversação nas redes sociais da internet se dá por

muitas similaridades, como exemplo podemos citar o uso de elementos gráficos, *emoticons* dentre outras.

Recuero (2014) cita que a conversação no ambiente mediado pelo computador assume idiosincrasias, ou seja, possui um comportamento peculiar característico da prática, que é “subvertido pela apropriação, que lhe dá sentido e lhe confere formas de organização e estruturação coletivamente estabelecidas, transformando a prática e, subseqüentemente, as próprias apropriações.” (RECUERO, 2014, p. 38).

Embora o ciberespaço, em princípio, seja um espaço virtual, constituído pelos fluxos de informação e comunicação que circulam pela infraestrutura da comunicação digital (Levy, 1999), ele é um espaço também construído e negociado pela participação dos atores através da conversação. (RECUERO, 2014, p. 40).

Recuero (2014) percebe que o ciberespaço é um ambiente conversacional, há sua construção como ambiente social e apropriado enquanto ambiente técnico. Nesse espaço simbólico da internet são construídas práticas que ampliam a negociação de sentido dos interagentes, criando convenções, que ajustam e permitem a conversação. Em diversos contextos de apropriação diferentes de linguagem ressignificando os elementos de acordo com a percepção do universo contextual. Criando alguns padrões de uso para as práticas conversacionais mediadas por computador que nos auxiliam a perceber as interações. Cito, dentre elas, a escrita oralizada, a unidade temporal elástica, a representação da presença, multimodalidade e a própria conversação em rede.

A Escrita “Oralizada” é uma apropriação do ciberespaço que foca no uso limitado dos caracteres do teclado para simular a linguagem oral. A conversa mediada no ambiente online traz algumas dificuldades, não há o contato direto dos interagentes. Então, a falta de contexto leva à criação de convenções para elementos paralinguísticos. O uso de *emoticons* que representam emoções, onomatopeias podem ser considerados análogos a diversas características típicas da conversação oral, como expressões faciais, entonação e tom de voz (RECUERO, 2010).

Essa simulação do oral e dos elementos característicos da conversação falada dá às trocas interacionais realizadas no ciberespaço elementos semelhantes à conversação oral. A estrutura aparente dessas trocas é semelhante à de uma conversação, com uma estrutura relativamente organizada, onde há turnos e convenções de contexto (como demonstra o trabalho de Herring, 1999). Há a construção de relações sociais e agrupamentos (vide Rheingold, 1995; Recuero, 2009). Assim, podemos dizer que, embora não seja constituída de “fala”, na maioria das vezes, a conversação no ambiente virtual é constituída de interações próximas desta, que simulam a organização conversacional oral. Tais elementos são aparentes em todas as ferramentas de CMC. (RECUERO, 2010).

As ferramentas de comunicação mediada pelo computador, inicialmente suportavam apenas a linguagem escrita, com a apropriação para a conversação. Essa linguagem precisou ser adaptada, precisou incorporar formas de indicar elementos que são essenciais para a tradução da língua escrita em língua falada. Com elementos que podem representar gestos e expressões, com objetivo de diminuir os ruídos no ciberespaço. (RECUERO, 2014).

Nas páginas das ocupações das escolas, como veremos no próximo capítulo, há o uso de emoticons como: <3 (coração), :) (sorriso), e os próprios ícones que representam o braço levantado com o muque, representando a força, dentre outras. Essas trocas interacionais dão contornos semelhantes às conversas orais. “O que podemos dizer é que embora não exista a fala o contexto virtual, é constituído interações que simulam a conversação oral e têm efeitos semelhantes as interações sociais e constituições de grupos.” (RECUERO, 2014, p. 49).

Outro elemento apresentado na conversação é **unidade temporal elástica**, que, segundo Recuero (2014), está relacionada a característica de acontecimentos, pois compreende trocas em uma unidade temporal na qual os participantes encontram-se, constroem e dividem um contexto. No ciberespaço, essa “unidade temporal” torna-se elástica. Onde colocamos os conceitos de CMC síncronas e assíncronas. Baron (2002 apud RECUERO, 2014), explica que formas síncronas são aquelas que possuem o potencial para a interação “em tempo real” dos participantes, enquanto as assíncronas são aquelas ferramentas que não possuem esse potencial. Herring (1999 apud RECUERO, 2014) refere-se aos “ambientes” da CMC como síncronos ou assíncronos, dentro da mesma perspectiva de Baron (2002), demonstrando que ambientes com potencial de tempo real ainda são capazes de simular mais a conversação.

Segundo Recuero (2014), essa diferenciação é importante para que se compreenda que a conversação no ambiente do ciberespaço nem sempre ocorre em uma unidade temporal onde há a co-presença dos participantes; portanto, essas trocas conversacionais podem acontecer em um período de tempo maior ou menor, já que não existe a presença física dos agentes, é uma presença virtual.

A conversação síncrona é aquela que as respostas dos interagentes são imediatas e a conversação assíncrona se estende no tempo, muitas vezes por anos e migrando através de vários softwares. Dessa forma, o sequenciamento da conversação fica espalhado no tempo. Isso acontece porque o ambiente registra as mensagens e as representações, permitindo que

indivíduos que visitem o ambiente em momentos diferentes possam dar continuidade à conversação.

A co-presença, assim, não acontece apenas quando os indivíduos estão sincronizados na mesma ferramenta ao mesmo tempo, mas, igualmente, quando estes estão acessando a conversação em tempos diferentes. Ou seja, o que permanece é o ambiente da conversação e não os interagentes. (RECUERO, 2014, p. 54).

Dessa forma, a comunicação mediada pelo computador pode ter contextos “ampliados”, ou seja, podem ser buscados, atualizados com novas interações, onde essas interações podem ser estendidas pelo tempo.

Recuero (2014) abre uma observação: que o conceito de sincronia e assincronia é um tanto quanto limitado, já que em algumas ferramentas digitais elas podem ser caracterizadas assíncronas, mas ter uma conversação síncrona: por exemplo, o e-mail. Você tanto pode obter respostas imediatas, quanto por um maior período de tempo.

Essa diferenciação de síncrona e assíncrona é importante para que possamos compreender que a conversação no ciberespaço nem sempre acontece onde os interagentes estão co-presentes. Segundo Boyd (2007 apud RECUERO, 2014) a predominância da escrita oralizada faz com que as interações sejam capazes de persistir no tempo como registro de trocas.

Um elemento que chama atenção como característica da mediação do computador é o tipo de conversação: **pública ou privada**. Mesmo acontecendo nas redes sociais da internet, é importante perceber que nessas conversas podem existir alguns limites de acesso. As conversas privadas acontecem em espaços delimitados, fechados, que envolvem apenas os interagentes participantes, somente os atores que têm permissão ou participam de um grupo e são amigos têm acesso a essas conversas. Já as conversações públicas podem ser vistas por qualquer ator social que esteja ligado à ferramenta. Nessa conversação pública, quem fala não sabe quem é a audiência; nas conversas privadas, há uma limitação de visualização. Importante destacar que as ocupações utilizaram o *Facebook* como principal ferramenta social, uma rede aberta de conversação e também informacional, que cria laços fortes, segundo Recuero²⁰. Para as conversas privadas, os estudantes utilizaram o *WhatsApp*, por ser uma ferramenta fechada de conversação e informacional. Acredita-se que o uso do *Facebook* foi importantíssimo no processo de construção cidadã dos estudantes que estavam na

²⁰ RECUERO, Raquel. Site de Rede Social e Apropriação: uma discussão. 2010. Disponível em: http://www.raquelrecuero.com/arquivos/sites_de_rede_social_e_apropriacao_uma_discussao.html. Acesso em: 20. Out. 2018.

ocupação e fora dela, a partir dessa conversação, ao engrandecer o debate sobre a educação no País.

Outro elemento característico da mediação do computador é a construção de **representações da presença** dos interagentes. Segundo Recuero (2014), os interagentes não se conhecem de imediato no ciberespaço. Essa presença é construída a partir de atos performáticos e identitários, construindo a representação do eu. Essa construção se dá a partir de um perfil de um site de rede social, de blog, *nicknames*, uma foto, onde delimita o indivíduo na ferramenta. Essas representações auxiliam na individuação dos interagentes, sejam como pessoas ou grupos.

Essas representações do self têm características semelhantes às explicitadas por Goffman (1967) em sua construção: elas referenciam indivíduos que interagem através da CMC e são cuidadosamente montadas como espaços personalizados, que trazem impressões construídas para dar uma ou outra impressão para a possível audiência através de pequenas pistas, através das performances de identidade. Trata-se de uma reinscrição de elementos que são característicos dos indivíduos no ciberespaço. (RECUERO, 2014, p. 59).

Estas se dão através de elementos que representam os indivíduos no ciberespaço, não necessariamente conectados com sua presença online naquele momento. Essa representação pode ser constituída de um perfil em um site de rede social, um *weblog* pessoalizado, um *nickname* em uma sala de chat, uma foto e etc. Ela delimita o indivíduo naquela ferramenta, o Outro, o interagente. “As conversações estudadas pelos atores seriam, também, formas de construir performances que constroem para a audiência impressões a respeito de quem são os interagentes” (RECUERO, 2014, p. 59).

Outro elemento da comunicação mediada pelo computador é a **multimodalidade e migração** que se refere ao fato de a comunicação fazer o uso de várias interfaces (áudio, visual e audiovisual, dentre outras...) é os vários modos sobre os quais a conversação se estrutura. Essa multimodalidade refere-se às formas de linguagem que podem coexistir, exemplo: imagem e texto. Você pode digitar no *Messenger* ou no *WhatsApp* enquanto faz uma chamada de vídeo. A migração de redes sociais da internet, no caso um interagente começa a falar nas mensagens do *instagram* ou na *timeline* do *Facebook* que leva para o *WhatsApp*.

A multimodalidade aponta para o fato de que a conversação não possui estrutura fixa, estática, mas sim dinâmica. Tem uma estrutura fluída, sistêmica, capaz de se adaptar e se readaptar. Depende das práticas sociais que vão valorizar e construir um espaço de interação e que pode ser negociada diante de vários contextos. (RECUERO, 2014, p. 63).

O **contexto das interações** vai ajudar dentro das limitações técnicas e uso das ferramentas. O uso de hashtags seguidas de uma ou mais palavras, assim, provê o contexto da mensagem, informando à rede social sobre o que se trata. Outras formas de apropriação para a construção do contexto são a numeração das mensagens que são publicadas na ferramenta e o direcionamento da mensagem a outros interagentes através do sinal “@”.

Segundo Recuero (2010), a negociação e a construção do contexto são uma parte importante da conversação como apropriação das ferramentas de CMC. Nas ferramentas assíncronas, o desenvolvimento do diálogo necessita de um contexto que seja provido de forma permanente.

Como a maior parte das CMC é dotada de permanência e muitas dessas ferramentas possuem ainda sistemas de busca, os novos participantes da conversação facilmente conseguem interpretar as pistas do contexto e tomar parte no diálogo. Em ferramentas síncronas, por outro lado, as interações são menos permanentes e acessíveis. Por isso, o contexto é muito mais fluído e menos perceptível. Em canais de chat, por exemplo, como é o caso do IRC, o contexto é negociado durante as interações (vide HERRING, 1999 e RECUERO, 2001). Já em outras ferramentas, como os weblogs, o contexto é referenciado por links e permanece (vide PRIMO e RECZEK, 2006). (RECUERO, 2010, p. 9).

A conversação na rede possui um outro elemento importante, a própria estrutura de rede, gerada pelas interações entre os indivíduos, que proporciona a conversação diante das “audiências invisíveis” (BOYD, 2007). Segundo Boyd (2007 apud RECUERO, 2010), há algumas características nos processos comunicacionais no ciberespaço, como a permanência e a buscabilidade, que proporcionam observar as trocas em pequena e grande escala, permitindo que as redes sejam delineadas com maior precisão, através das conexões, como os nodos ou nós da rede e as conexões entre esses perfis (sejam elas listas de amigos ou diálogos realizados textualmente). Essas conexões representadas deixam explícitas no ambiente do ciberespaço através das interações que são construídas e negociadas entre os interagentes. Segundo Boyd (2007 apud RECUERO, 2010), essas conexões implicam no surgimento das chamadas “audiência invisíveis”. A partir da buscabilidade e replicabilidade, que permitem que aquilo que é publicado no ambiente virtual seja também visível para audiências que não estavam presentes na época da publicação e que, muitas vezes, não são percebidas pelos atores. Essas audiências implicam em um alcance da conversação que vai além dos indivíduos envolvidos.

A conversação, portanto, como as mensagens, tem um caráter de maior permanência, ao contrário da conversação oral que, como explica Pridham (2001), é basicamente efêmera. Essa capacidade da conversação online de permanecer implica

também na capacidade de envolver muito mais do que apenas dois interagentes, multiplicando a participação. A conversação, no ambiente online, acontece em rede. Ela pode migrar entre os vários ambientes (RECUERO, 2009a), espalhar-se entre as várias redes sociais e acontecer em escalas que só são possíveis porque é possível buscar aquilo que foi dito. (RECUERO, 2010, p.10).

Segundo Recuero (2010), a conversação também possui o efeito de publicizar as relações sociais construídas entre os interagentes, fornecendo um contexto social para interpretação dos grupos e das relações dos indivíduos. No caso dos estudantes, percebemos o quanto as conversas e debates foram realizados sobre a questão da educação no Brasil. Essa conversação é constitutiva das redes sociais. “Pelo seu caráter público, a conversação também referencia um determinado grupo social, contextos criados por esse grupo e divididos por ele.” (RECUERO, 2010, p. 11).

Algumas dessas características da Comunicação mediada por computador aparecem nas páginas criadas pelos estudantes nas ocupações das escolas em 2016. Porém, essas características não dão conta da integralidade dessa rede ou de alguns grupos sociais. Como Recuero (2010) fala que esses elementos são uma forma de auxiliar na compreensão dessas conversações em rede, são uma forma de sistematizar, mas não se fecham nessas características, elas são mutantes e transformadoras. A apropriação das redes sociais da internet como espaço de voz e fala dos estudantes a partir da demonstração de sentimentos e de luta em momentos com a escrita oralizada, a representação da presença, quando cada escola cria uma página com o @ocupa + o nome da escola, em momentos em qual a #ocupareresistir e #ocupaescolasce se faz presente na grande maioria das postagens, ampliando o contexto de interações e articulações do movimento, faz com que esses alunos reverberem com mais força a sua voz, a partir de técnicas na internet que constroem a identidade do movimento e dos estudantes.

4 NÓS SOMOS A REDE SOCIAL: UMA ANÁLISE SOBRE AS OCUPAÇÕES

As ocupações foram emaranhadas de conexões que formaram uma grande rede. Uma rede social, rede de relações sociais, rede de pessoas conectadas pelas novas tecnologias com vários atores sociais em várias escolas ligadas pela internet, interagindo juntas, entre “nós”²¹ e nós. E como analisar metodologicamente essa rede? São várias possibilidades, dentre tantas foi escolhido fazer uma análise da comunicação mediada pelo computador (CMC). Vamos identificar a dinâmica social a partir da conversação nas redes sociais da internet e da produção de conteúdo pelos estudantes, interagentes, que compartilharam sua rotina durante 03 meses de ocupação com intuito de mobilizar a sociedade. Os estudantes através das redes sociais da internet produziram conteúdo, compartilharam o dia a dia nas ocupações, mostrando as atividades desenvolvidas, pediram apoio, divulgaram suas ideologias, debateram e discutiram sobre o movimento estudantil e a educação, questionaram matérias dos veículos de comunicação tradicional, dentre outras ações.

Para entender as ocupações precisávamos realizar pesquisas quantitativa e qualitativa, utilizando um conjunto de metodologias online e offline. Com objetivo de entender a dinâmica do universo online, propomos o uso de duas metodologias, a ARS (análise de redes sociais) e a análise de conteúdo. Com a ARS descobrimos as dinâmicas da rede criada em todo o Brasil e também no Ceará, entendemos os nós ou atores sociais com mais relevância e influência nessa rede. Com a análise de conteúdo aprofundamos a discussão dos posts através da categorização dos mesmos e da análise da conversação em rede sobre os comentários do estudante a favor e contra as ocupações. Para dar maior suporte ao estudo e complementar a pesquisa, realizamos grupos focais, a partir de relatos do estudante resgatando a memória deles durante o período das ocupações.

Para realização da pesquisa empírica nas redes sociais da internet começamos por descobrir dentre tantas novas tecnologias da informação e comunicação qual delas foi uma importante ferramenta para os estudantes nas ocupações. A pesquisa exploratória nas redes nos fez perceber que duas redes sociais da internet foram bastante utilizadas nas mobilizações dos estudantes, *WhatsApp* e *Facebook*, o primeiro como forma de organização interna entre os estudantes e as escolas ocupadas e o *Facebook* para mobilização junto a sociedade.

Na escolha de quais novas tecnologias da comunicação e informação optamos por analisar a rede social que mais continha conteúdo e informações sobre a mobilização, no caso

²¹Nós, são os atores sociais, ou seja, as páginas das escolas ocupadas.

o *Facebook*. A partir desse site de rede social, poderíamos estudar o conteúdo produzido nas ocupações através de textos, vídeos, imagens, compartilhamento e comentários e analisar os processos comunicacionais desenvolvidos durante o período de 28 de abril a 30 de agosto de 2016.

A primeira aproximação, nas redes sociais, deu-se entre julho a agosto de 2016, já no fim do movimento, quando estávamos desenvolvendo o projeto para ingresso no mestrado. Nessa pesquisa inicial, identificamos algumas páginas que obtiveram destaques, dentre eles @ocupaadauto, @ocupacaic, @ocupajoaomattos e @escolasceemluta. Nesse primeiro momento, foi possível identificar uma rede criada pelas escolas, a partir das páginas das escolas no *Facebook* que linkava com diversas páginas, sites e blogs. Analisando, preliminarmente, os conteúdos das páginas percebemos algumas categorias importantes que deveriam ser trabalhadas como os posts voltados pro cotidiano das ocupações e também para pedido e manifestações de apoio. Nesse momento, percebemos a similaridade e aproximação com outras páginas no Brasil como @naofechemminhaescola e @maeducado. Na mesma época, percebemos uma grande conexão entre os estudantes das escolas com os coletivos de mídias alternativas, ongs, movimentos sociais que, unidos, criaram uma rede. Ao percebermos esse fenômeno entendemos que precisamos, em primeiro lugar, analisar essa rede, as relações sociais estabelecidas, as conexões entre os nós e como esse grupo social atuava. Para que pudéssemos compreender a rede de escolas, percebemos que seria importante a ARS (análise de redes sociais) como metodologia, fazendo uma análise sistemática obtendo uma visão dos grupos sociais que se fizeram presentes nas redes e/ou nas redes das ocupações. Entender a rede é entender a relação desses grupos, a sua estrutura e dinâmicas. Na análise de rede, a rede da qual o grupo social está inserido é responsável por uma grande parcela da qual influencia o ator social.

Essas relações são estabelecidas por interações e associações e vão conferir aos atores determinadas posições nas suas redes sociais, que vão sendo modificadas por essas mesmas ações. A posição desses atores é, ao mesmo tempo, produto e produtora de interações, ou seja, a rede influencia e é influenciada pela posição de seus usuários. (RECUERO, 2017, p. 17).

Segundo Recuero (2017), a ARS permite identificar os atores e suas ligações, as relações entre eles e as formas de interação entre si, dessa forma conhecemos mais sobre a rede social e o seu desenvolvimento. A Análise de Redes Sociais permite representar as redes sociais através da representação dos nós e das ligações entre eles. Os “nós” da rede social

representam os atores dessa rede (indivíduos ou organizações). As ligações representam as relações entre os atores componentes da rede representada.

Recuero (2017) defende que esses indivíduos que formam essas relações em rede estão inseridos em grupos sociais que são constituídos a partir das relações com vários ambientes (escola, amigos, famílias, trabalho). No caso das ocupações, as relações eram constituídas a partir da escola ou do bairro e de uma causa em comum, a luta pela educação no Brasil.

De início, partimos da construção da representação da rede, que é o Sociograma, nele formamos o grafo das escolas ocupadas no Ceará, onde colocamos os atores sociais ou nós como as páginas das escolas ocupadas, e as arestas ou conexões são as linhas que unem os nós ou seja, as linhas que unem essas páginas entre si e com os demais participantes, dentre eles podemos citar páginas de coletivos de mídia, ongs, movimentos sociais etc..

Na pesquisa das páginas das redes sociais, focamos estudar a dinâmica da rede de ocupação das escolas criadas, sua estrutura da rede e, por fim, analisar, qualitativamente, a dinâmica nas escolas, a partir da análise de conteúdo das páginas, no qual dividimos os posts por categoria e estudamos, a partir dessas categorias, os conteúdos produzidos pelos estudantes e, também, os comentários de estudantes que estavam e não estavam na ocupação. Então, optamos por fazer uma análise de redes social quantitativa e qualitativa, dividindo em categorias a análise de conteúdo.

Para identificar a rede de escolas no Ceará e suas conexões com as redes pelo Brasil, analisamos os nós que são as páginas das ocupações das escolas e as arestas que são as conexões que aquele nó estabelece com outros nós. Para definir de que páginas analisar os conteúdos, criamos uma tabela com todas as escolas ocupadas e as páginas formadas, no *Facebook*, por essas escolas. Identificamos trinta e quatro páginas criadas, no *Facebook*, pelas ocupações de cada escola:

Tabela 1: Escolas Ocupadas

Escolas ocupadas	Escolas Capital	Escolas Interior
Quantidade	56 (78,50%)	12 (21,50%)
Páginas no <i>Facebook</i>	32	2

Fonte: Pesquisa elaborada pelo autor.

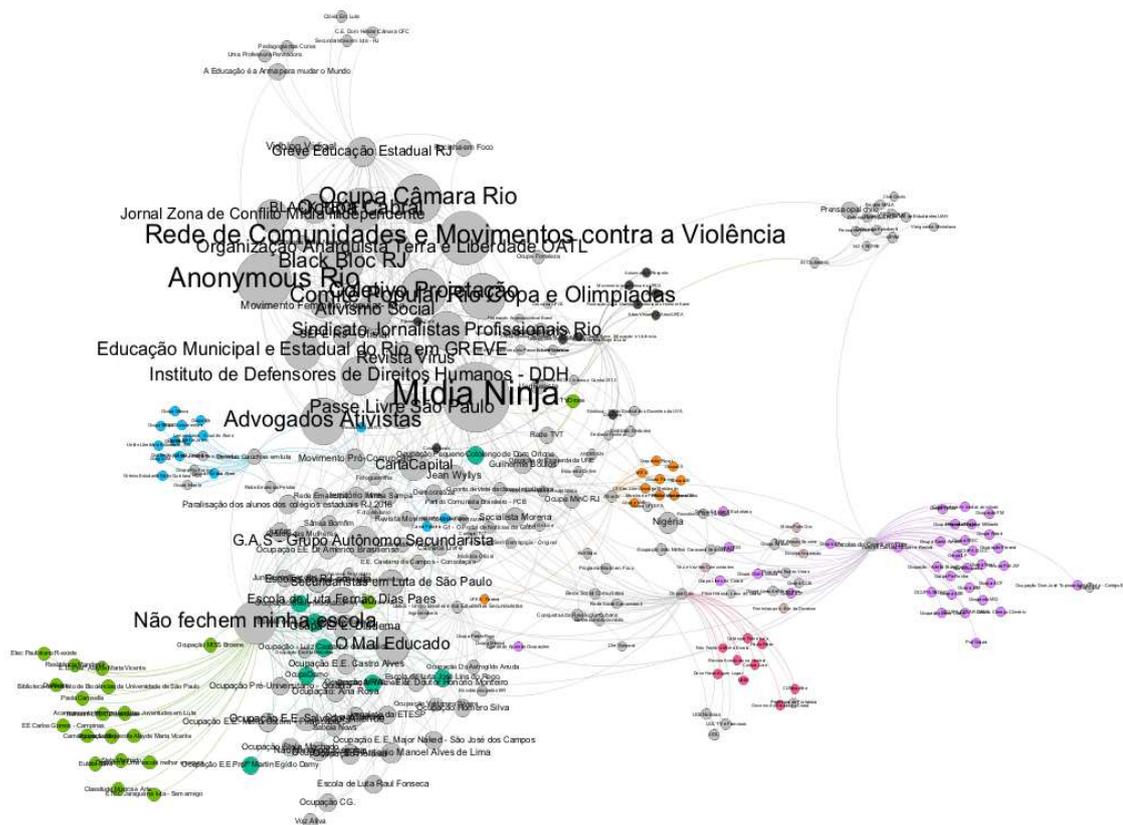
Em sua grande maioria, o nome das páginas continha a palavra ocupa + o nome da escola. Dentre eles, podemos citar: @ocupacaic, @ocupaadauto, @ocupajoaomattos, @ocupalcc, @ocupacesarcals, dentre outras.

Todas essas páginas poderiam ser analisadas, porém, ao fazer pesquisa exploratória no *Facebook*, identificamos uma página que compartilhava as postagens das ocupações nas escolas e que tinha mais de sete mil seguidores em maio de 2017. Então, decidimos montar a rede a partir da página @escolasceemluta. Utilizamos o programa Netvizz do *Facebook*, para criar a rede, e exportamos no programa Gephi, com a distribuição Force atlas 2, e construímos a rede a partir da centralidade eigenvector que, segundo Recuero (2017), são aqueles nós mais conectados e com as conexões mais relevantes, pois o objetivo era identificar que nós eram esses para poder realizar a análise s e análise de conteúdo.

Este tipo de centralidade avalia a importância de um nó na rede em cima da, digamos, qualidade de suas conexões. Nós com maior centralidade eigenvector são aqueles mais conectados a outros nós cujas conexões são relevantes. Em uma rede social, poderíamos considerar que essa centralidade adiciona a influência indireta (conexões das conexões) à influência direta (conexões diretas) de um determinado ator.....Essa métrica é muito utilizada para apontar influenciadores nas conversações, pois pode indicar nós que, pela sua participação, embora modesta, consigam dar visibilidade a uma mensagem para outros nós importantes, que podem aumentar essa visibilidade de modo exponencial pela sua quantidade de contatos, por exemplo. (RECUERO, 2017, p. 89).

A escolha por essa centralidade se deu porque queríamos identificar os nós mais relevantes e com maior influência na rede para definição das páginas que iríamos trabalhar a análise de conteúdo. Conforme podemos perceber abaixo:

Figura 1: Grafo a partir das páginas das escolas em luta CE.



Fonte: criada pela autora no dia 13 de outubro de 2018.

No Grafo²² acima, podemos perceber alguns “nós” e redes dentro das redes. Dentro da rede formada, identificamos a formação de um Cluster²³ importante para nossa análise, a página @escolasceumluta. Como podemos ver no Grafo acima, essa página foi criada para compartilhar e unificar todas as postagens das escolas ocupadas no Ceará. Em sua descrição, diz: “Página criada em defesa da educação no estado. Juntos na luta por uma educação pública de qualidade e pela valorização do professor!”. Podemos perceber que essa página é porta de entrada da rede para várias páginas de escolas no Ceará. Conectada a partir dela, conforme podemos ver no grafo, estão também as páginas @ocupacaic (um pouco mais distante e próxima das ocupações nacionais), e algumas páginas próximas como @ocupaadauto, @ocupaliceudoceara e, também, coletivos de mídia alternativas. Percebemos

²² Grafo produzido no dia 14 de outubro de 2018, com o programa Gephi, a partir da coleta de dados do Netvizz no Facebook. Foi utilizado o Force Atlas com a métrica de centralidade eigenvector que leva em conta as conexões de um determinado nó A, mas as conexões também dos nós que se conectam a ele. Assim, ela mede a importância do nó na rede também pela importância de seus vizinhos, e utilizamos como ponto de partida do grafo acima a página do site Escolas do Ceará em luta. @escolasceumluta.

²³ “Um cluster é um conjunto de nós mais densamente conectados (ou mais interconectados) do que os demais na rede” (RECUERO, 2017, p.44).

que a página @ocupacaic era a página que tinha mais conexão com as ocupações das escolas no Brasil.

O “Nós” roxo são as escolas do Ceará que estão bem próximo das páginas escolas do Ceará em Luta em cinza, na qual é o grande nó desse cluster. Próximo a página alguns coletivos de mídia alternativa e principais páginas do movimento no caso Mal Educado, Não Fechem Minha escola, Mídia Ninja, escolas do Rio de Janeiro, São Paulo e diversas cidades do Brasil, dentre outros coletivos de mídia alternativa e também movimentos populares que se utilizam do ativismo digital que apoiaram a primavera secundarista.

Ao analisarmos a página @escolaceemluta, percebemos que a página por compartilhar as postagens das escolas não eram páginas com uma riqueza de comentários. Nesse momento fizemos uma comparação com as páginas das escolas próximas a elas e percebemos que essas páginas eram riquíssimas em comentários. A partir daí percebemos que as páginas das escolas seriam o nosso objeto de estudo, ou seja, o nosso ator, o nó das redes sociais, isso excluiria a @escolasceemluta, pois não era página de uma escola específica.

Para escolher que páginas de escolas iríamos estudar, decidimos ir a campo e realizar uma pesquisa exploratória, para aprofundar o trabalho, já que ele tem como metodologia a formação de grupos focais, a análise de redes sociais (ARS) e análise de conteúdo.

Decidimos não fazer entrevistas em profundidade, individuais, porque as ocupações foram uma mobilização coletiva, em rede. O grupo decidia em conjunto. Para isso, precisamos entender como eles se comportavam no coletivo, no lugar de fala de cada um, na perspectiva do olhar de cada um junto ao grupo sobre as ocupações. Isso seria importante para entender a dinâmica do grupo.

Os pesquisadores encontram nos grupos focais uma técnica que os ajuda na investigação de crenças, valores, atitudes, opiniões e processos de influência grupais, bem como dá suporte para a geração de hipóteses, a construção teórica e a elaboração de instrumentos. Trata-se de uma técnica que pode ser usada quando o foco de análise do pesquisador é o grupo. (Gondim, 2003, p. 160).

Segundo Morgan (1997 apud Gondim 2003) grupos focais é uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir algo específico sugerido pelo moderador. “Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (Veiga & Gondim, 2001)” (Gondim, 2003, p. 151).

Segundo Gondim (2003) a noção de grupos focais está apoiada nas entrevistas grupais, a diferença está no papel do moderador e o tipo de abordagem, o pesquisador exerce um papel direto no grupo, assume um papel de facilitador no processo de discussão:

o moderador de um grupo focal assume uma posição de facilitador do processo de discussão, e sua ênfase está nos processos psicossociais que emergem, ou seja, no jogo de interinfluências da formação de opiniões sobre um determinado tema. Os entrevistadores de grupo pretendem ouvir a opinião de cada um e comparar suas respostas; sendo assim, o seu nível de análise é o indivíduo no grupo. A unidade de análise do grupo focal, no entanto, é o próprio grupo. Se uma opinião é esboçada, mesmo não sendo compartilhada por todos, para efeito de análise e interpretação dos resultados, ela é referida como do grupo. (Gondim, 2003, p. 151).

Dessa forma compreendemos que antes de ir a campo havia a necessidade de conhecer em profundidade o fenômeno, seria necessária uma pesquisa exploratória, então em maio de 2017, fomos convidados a participar de um seminário com os estudantes das escolas no Bom Jardim. O Seminário era composto por cinco estudantes das escolas ocupadas no Bairro Bom Jardim, a equipe do CEDECA, profissionais da ONG Artigo 19 e mais de trinta estudantes das demais escolas do Estado.

Era um sábado pela manhã, em maio de 2017, fui até o Bairro Bom Jardim, cheguei ao Centro em defesa da vida Herbert de Souza, para um seminário. O nome do seminário era “porque os estudantes lutam”? Havia uma grande roda de cadeiras com uma mesa próxima a parede, me apresentei a Marina Araújo, colaboradora do CEDECA e sentei em uma das cadeiras. As pessoas foram chegando, principalmente estudantes, vários. Todos sentaram e nessa mesma roda um grupo de estudantes iria relatar sobre as ocupações que aconteceram em maio do ano anterior. Havia cinco estudantes, das escolas do Bom Jardim, Senador Osíres Pontes, CAIC Maria Alves Carioca, Professor Eudes Veras, Júlia Alves Pessoa. Eles estavam sentados bem próximos e começaram a falar.

No seminário, um grupo de cinco estudantes das escolas do Bom Jardim passou o dia relatando as histórias vividas durante as ocupações. A programação do seminário se deu da seguinte forma: no primeiro momento os cinco estudantes relataram um sentimento geral sobre o que foram as ocupações para eles; e, logo depois, responderam perguntas do tipo: como a ocupação começou, as dificuldades enfrentadas, o cotidiano nas ocupações, a relação com os pais, governo, comunidade, imprensa, que ferramentas de comunicação eles utilizavam, como faziam para interagir entre eles, o que foi a TAC, e qual a melhoria após o movimento, que legado eles tiveram com as ocupações, dentre outras questões.

Após o término, houve um almoço com todos os presentes, no qual pude viver uma maior proximidade com eles. Em um dado momento, no intervalo do almoço, eles fizeram uma mini roda de música e começaram a dançar e cantar, lembrando as ocupações.

A segunda parte do seminário foi a apresentação do relatório das ocupações do Bom Jardim e, por último, um debate com o Jonas Medeiros, professor de História e autor do livro sobre as ocupações em São Paulo, “Baderna”; Marina Araújo, do CEDECA; e representantes da Ong Artigo 19.

Nesse seminário, conheci alguns estudantes fundamentais para minha pesquisa: dentre eles, o Dieuller e a Lane, ocupantes da escola Plácido Castelo no Conjunto Ceará e da escola CAIC Maria Alves, no Bom Jardim. Durante o seminário e analisando as páginas, nas redes sociais da internet, identificamos a participação de uma escola Central, Escola Aduino Bezerra, localizada no bairro de Fátima. Essa escola acolhe alunos e alunas de todos os bairros da cidade. É uma escola de maior porte que atende a maior quantidade²⁴ de estudantes da Região Metropolitana de Fortaleza. O terceiro bairro a ser estudado apareceu, nas entrevistas, devido à ativa participação dos estudantes. No bairro Conjunto Ceará, destacamos duas escolas nos chamaram a atenção: Liceu do Conjunto Ceará e Plácido Castelo.

Um outro ponto a ser destacado são os Índices de Desenvolvimento Humano (IDH)²⁵ dos bairros onde se localizam as escolas escolhidas. Bairros periféricos como Bom Jardim e o Conjunto Ceará tem IDHs muito baixos. Para fazer um contraponto, a escolha da escola Aduino Bezerra, em uma localização mais central, possui o IDH médio, localizada no bairro de Fátima. Fazendo a análise do IDHM da educação (índice de desenvolvimento humano municipal)²⁶ da cidade de Fortaleza, continuamos com a mesma avaliação dos índices, IDHs baixos nas regiões periféricas e médio na região central.

²⁴ CEARÁ, Governo do. Sobre.: QEDu. 1989 Disponível em: <http://www.qedu.org.br/escola/62097-governador-adauto-bezerra-eeem/sobre> Acessado em: 10.Out.2018.

²⁵ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma unidade de medida utilizada para aferir o grau de desenvolvimento de uma determinada sociedade nos quesitos de educação, saúde e renda. Em Fortaleza os IDHs do Bom Jardim é de 0,19, do Conjunto Ceará II é de 0,36, considerados muito baixo e no Bairro de Fátima é de 0,69, considerados médio. CEARÁ, Anuário. Big Data. 2018-2019. Disponível em: <http://www.anuariooceara.com.br/indice-bairros-fortaleza/> Acessado em: 10. Dez. 2018.

²⁶ IDH educação (A dimensão Educação do IDHM é uma composição de indicadores de escolaridade da população adulta e de fluxo escolar da população jovem.), nesse caso O Bairro Bom jardim tem 0,91, o Conjunto Ceará II é de 0,98, considerado IDHs muito baixo e o Bairro de Fátima é de 1,00, considerados IDHs médios. Fonte: IBGE:2010.

Durante a pesquisa exploratória, descobrimos que as escolas do Conjunto Ceará, principalmente o Colégio Liceu do Conjunto Ceará obteve presença marcante durante o movimento. O surgimento do movimento “Desocupa”²⁷ foi dentro da escola.

Diante desse contexto, optamos por realizar grupos focais com os alunos e alunas dos bairros de Fátima, através da Escola Aduino Bezerra e do Bairro Conjunto através da escola Liceu do Conjunto Ceará e do V7 - Escola Professor Plácido Aderaldo Castelo. A escolha dessas pessoas se deu pela vontade e disponibilidade de participar da pesquisa e contribuir com o desenvolvimento, bem como a participação dentro do movimento.

A partir da pesquisa exploratória, decidimos que trabalhar com relatos dos estudantes a partir de grupos focais, resgatando a memória dos estudantes nas ocupações, pois seria importante a participação dos grupos nas discussões sobre o movimento. A pesquisa exploratória nos deu grande suporte para elaboração das perguntas e bem como a preparação do moderador, que, no caso, seria eu, para conduzir o grupo e introduzir perguntas em momentos certos. Para isso, seria necessário conhecer bem a história das ocupações. Dessa forma, realizamos uma pesquisa aprofundada sobre a mobilização nas páginas do *Facebook* e também em diversas páginas de jornal, vídeos e demais informações e conteúdo que pudessemos encontrar para a preparação.

Com um pré-roteiro na mão, fomos ao nosso primeiro grupo focal. Entramos em contato com a página do @ocupaadauto e marcamos, no dia 19 de maio de 2017, na UFC com os estudantes da ocupação. Tivemos uma aproximação interessante e amigável, foram mais de duas horas de conversa com os estudantes e deixando bem à vontade para falarem sobre as ocupações. Esse grupo nos possibilitou a aproximação com um dos integrantes com quem ficamos constantemente em contato.

No ano seguinte, fizemos mais um grupo, dessa vez com os alunos e alunas dos colégios do Conjunto Ceará. A opção foi retornar à escola ocupada, para que pudessemos reviver e relembrar os momentos vividos pelos estudantes “em pesquisas comunitárias o foco maior é na conscientização para a ação prática que faz sentido para o próprio grupo. Desse modo, as locações em ambientes da comunidade são os preferidos.” (GONDIM, 2003, p. 155).

Era sábado pela manhã, a escola estava aberta, havia aulas extras para alguns alunos. Cheguei antes dos estudantes e passei pela escola, caminhei pelo pátio central. A escola possui uma arquitetura bonita, tem dois andares ao redor de toda escola, onde ficam as

²⁷ Desocupa foi uma mobilização dos estudantes da escola Liceu do Conjunto Ceará contra as ocupações. Fonte: Entrevista com os estudantes do Colégio no dia 05/05/2018.

salas que tem frestas nas paredes e, no meio, um grande pátio, com árvores e plantas, bancos e um espaço de auditório ao ar livre. A escola é colorida: azul, vermelho, amarelo se confundem com o verde das plantas. Fiquei ali pensando em como deve ter sido o cotidiano dos estudantes na escola. Eles chegaram um tempo depois sorridentes. Cumprimentei o Dieuller que era o único que já havia visto e conversado algumas vezes. Eles se apresentaram, eram seis estudantes: três mulheres e três homens. Levaram-me para uma sala, fizemos uma grande roda. Expliquei o objetivo da pesquisa, percebi o quanto estavam alegres e interessados por compartilhar esse momento entre eles e comigo. Durante o grupo focal, deixo-os à vontade para falar e interromper, realizava algumas perguntas e eles desenvolviam em uma conversa que se estendeu por 2 horas e 30 minutos. Sobre grupo focal, Gondim (2003) cita que um moderador deve procurar cobrir a máxima variedade de tópicos relevantes sobre o assunto e promover uma discussão produtiva. Foi isso que fizemos com o grupo, intervir o mínimo possível, apenas em momentos que havia necessidade de ser interrompidos, mas sempre com perguntas e estimulando a conversa.

A aproximação com o grupo foi tão intensa que fui chamada para fazer parte do grupo no *WhatsApp* formada por esses estudantes, denominado Comissão Popular de Educação, nele temos encontros semanais para tratar sobre o tema educação, porém não colocamos na pesquisa, pois não trata do período específico (28 de abril a 30 de agosto de 2016) do fenômeno que estamos estudando.

Foi nessas idas a campo que o fenômeno das ocupações ficou mais claro, atrelando a análise das redes sociais da internet, os acontecimentos se unificaram. Compreendendo que esse movimento era multimodal, *online* e *offline*: eles se complementam.

Como a escolha dos estudantes foi pelos colégios do Bom Jardim, Conjunto Ceará e Bairro de Fátima, precisávamos, agora, afinar que páginas, na rede social *Facebook*, iríamos realizar a análise de conteúdo. Decidimos trabalhar as páginas de três escolas, uma mais central e outras duas periféricas. Analisando o Grafo e, a partir de entrevistas, percebemos que o @ocupacaic e @ocupaadauto foram importantes tanto nas redes quanto nas ocupações das escolas. A dúvida inicial era: por qual segunda escola periférica optar. Optamos por trabalhar a página do @ocupalcc, para aprofundarmos o olhar dos estudantes contra o movimento e obtermos contrapontos que seriam interessantes na pesquisa. Dessa forma, optamos por escolher três páginas para a realização da análise de conteúdo: @ocupacaic, @ocupaadauto e @ocupalcc.

Após todos os dados coletados, iniciamos a análise do material. Identificamos que a seria importante para o trabalho inserir a pesquisa exploratória através dos depoimentos dos

estudantes na análise empírica. Pois ela nos ajudou a aprofundar e compreender o fenômeno, principalmente porque a ida ao campo se deu em um reencontro dos estudantes para dialogar sobre as ocupações nas escolas em 2016. A partir da pesquisa exploratória obtivemos uma visão macro do objeto, nos dando a capacidade de percebê-lo e identificar a amostra, perceber a problemática do fenômeno de forma mais clara e também traçar o desenho metodológico da pesquisa. A partir das pistas que a pesquisa exploratória nos deu consolidamos o objeto. Com toda essa riqueza desse material, a partir dos depoimentos dos estudantes e do diálogo com os participantes do seminário, decidimos utilizá-lo na pesquisa.

Segundo Bonin (2012) esses achados da pesquisa exploratória alimentam o amadurecimento do desenho investigativo. Seus resultados auxiliam na fundamentação da construção das amostras, na concretização do problema/objeto investigado, motivam o aprofundamento de dimensões importantes do fenômeno.

Entendendo que já tínhamos 03 páginas para analisar e mais de 8 horas de áudios com depoimentos dos estudantes, o passo seguinte foi a análise dos dados, para isso utilizamos a análise de conteúdo como método para decodificação das mensagens na pesquisa.

Segundo Bardin (1977) a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento, áudio, sites, páginas da internet dentre outras ferramentas. Para ele qualquer transporte de significações de um emissor para um receptor e vice-versa, controlado ou não, pode ser decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo. A análise de conteúdo sistematiza e objetiva a descrição do conteúdo das mensagens, sejam nas figuras de linguagem, reticências, entrelinhas, quanto dos manifestos.

A análise de conteúdo é um conjunto de métodos muito usado na pesquisa de internet pois auxilia na sistematização e objetivação de posts, ricos em mensagens, de diversos formatos, conseguindo enriquecer a pesquisa.

A partir da sistematização dos posts, percebemos alguns temas em comum que caracterizavam as mensagens. Eram eles: pedido de apoio, manifestação de apoio, cotidiano nas ocupações, posts com foco em posturas ideológicas, rede, eventos, atos e manifestações, reuniões/assembleias, mídia tradicional, mídia alternativa e a mídia estudantil. Explicaremos melhor o que categoriza cada post abaixo: Mídia Estudantes - todo post produzido pelos estudantes, seja através de fotos, layout criados por eles, vídeos, cartazes, faixas; Mídia Alternativa - que representa os veículos para além da grande mídia como Nós resistência, Mídia Nigéria, Quebrando Tabu, dentre outros; Mídia Tradicional - são os jornais, revistas,

televisões; Cotidiano - são posts voltados ao dia a dia das ocupações, como as limpezas, oficinas, aulas, atividades diárias; Reuniões/Assembleias - são momentos nos quais os estudantes estão reunidos com professores, pais, outros estudantes, debatendo sobre as ocupações; Ato/Marchas - são momentos em que os estudantes vão às ruas e chamam para o debate; Evento - são eventos realizados dentro das escolas ou em outras escolas com os estudantes para arrecadar alimentos, dinheiro, produzir e promover cultura, arte; Ideologia - são posts voltados à ideologia política e educação dos estudantes, aquilo que eles acreditam. Informação e Comunicação - são posts informativos sobre as ocupações; Manifestações de apoio - são manifestações de apoio feitas por artistas, pais, comunidade e a sociedade e compartilhados nas redes sociais; Resistência - Posts na qual houve violência contra os estudantes; Pedido de Apoio - Posts relacionados a apoio dentro das ocupações, seja com alimentos, material de limpeza, chamando para conhecer e interagir com os estudantes; e Agradecimentos - são posts agradecendo o apoio.

Além da categorização, dividimos os posts pelo tipo de mídia utilizada. Trabalhamos a partir da seguinte divisão: fotos, compartilhamento de links, eventos, vídeos, produções textuais, dentre outros.

Logo mais à frente, traremos, aqui, a análise empírica das páginas a partir das postagens e dos comentários dos posts que trazem a visão dos ocupantes e pessoas a favor das ocupações versus alunos das escolas e pessoas que eram contra as ocupações. A proposta é analisar e identificar as interações mediadas pelo computador a partir das postagens e comentários dos alunos nas redes e o processo de construção de cidadania nesses debates entre os estudantes. Para complementar a pesquisa, como dito anteriormente, abordaremos os relatos dos estudantes nos grupos focais, que enriquecerá o trabalho. À utilização das entrevistas nos grupos focais foi agregada a análise das postagens nas redes sociais, conforme a categoria que estava sendo analisada.

4.1 O Facebook para conectar, interagir, informar, compartilhar e construir cidadania

O Plural de nós somos nós. (Alessandro Sales)

“A Revolução não trará só pão, mas poesia”: essa e outras frases estavam escritas nos muros, cartazes e faixas das escolas ocupadas no Ceará. Todos os dias, os estudantes acordavam e já sabiam as atividades que iam desenvolver naquele dia, pois, a partir de uma

longa reunião no dia anterior, cada comissão e seus representantes já decidiam, no coletivo, as atividades, na limpeza, na comunicação, nas atividades de oficinas, aulas, nos atos e marchas, nos eventos como os saraus. A comissão de comunicação acompanhava a grande maioria das atividades, porque era necessário compartilhar com o mundo, através das redes sociais da internet, todo o cotidiano, como cita um estudante do Colégio Adauto Bezerra:

Acho que foi uma das coisas mais inteligentes que nós fizemos na ocupação foi ter criado as páginas, porque, nas páginas, quem queria acompanhar a ocupação sabia o que tava acontecendo. Clicava na página e seguia a página e tudo o que acontecia a gente postava: chegava alimento a gente postava. Chegou alimento de tal pessoa. Tava tendo reuniões, a gente tirava fotos; tava tendo limpeza, a gente tirava foto. Tudo que a gente fazia que estava acontecendo a gente publicava na página. As oficinas a gente fotografava; as programações a gente postava na página. Quem tava interessado em ir na ocupação pra conversar com a gente alguma coisa ia durante as oficinas, assistia às oficinas e depois ia conversar com a gente. (Depoimento do aluno da escola Adauto Bezerra, no dia 19/05/2017)

Pelo *Facebook* que eles se conectavam e sabiam o que estava acontecendo nas escolas pelo Brasil, pelo *Facebook* que eles colocavam suas opiniões, que eles conversavam entre si, com a comunidade, que eles se aproximavam dos coletivos, ou que nós, a sociedade, aproximamo-nos deles e, de alguma forma, vivenciávamos o cotidiano desses meninos e meninas. E foi assim que eles se apropriaram das redes sociais da internet.

4.1.1 Análise das redes de escolas

Ao realizar a pesquisa empírica detectamos a necessidade de obter informações sobre as redes de escolas e as conexões estabelecidas entre as páginas conforme abordamos anteriormente. Para isso criamos um grafo a partir da página @ocupalcc, nele temos claramente as páginas @ocupaadauto e @ocupacaic. A escolha do grafo a partir da página @oculalcc se deu porque percebemos dentre as 3 páginas esse grafo deixava mais clareza nas conexões e na rede formada dos nós que queríamos estudar. Para criação do grafo, utilizamos o programa netvizz e exportamos para o programa Gephi, na qual utilizamos a distribuição Force Atlas 2, com as seguintes métricas de rede e de nós: métrica de Rede - Modularidade (agrupamento de nós entre si) e métrica de nós - Centralidade eigenvector (centralidade de autovetor) e Grau de intermediação (Betweenness).

Essas medidas podem ser divididas em métricas de rede inteira e métricas de nó. Enquanto as primeiras são usadas para se obter perspectivas sobre a rede como um todo (por exemplo, o quão conectada é a rede analisada), as segundas visam

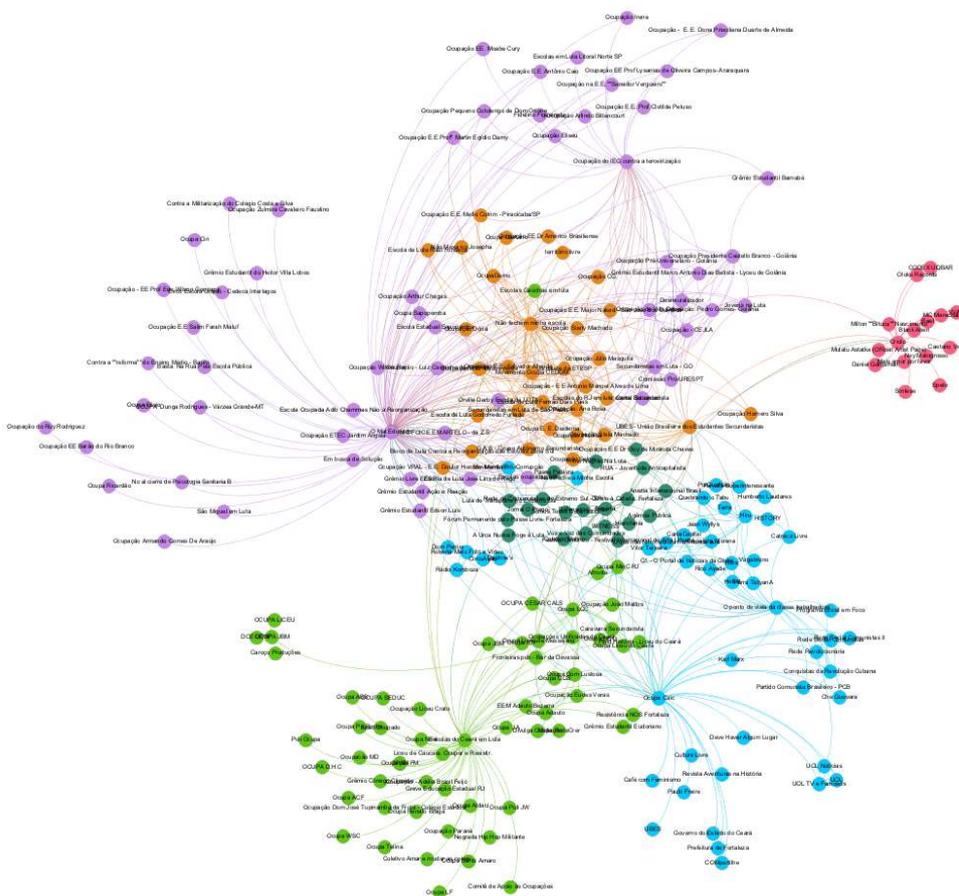
compreender características dos nós individualmente e de sua posição na rede (por exemplo, quais desses nós são mais conectados na rede). (RECUERO, 2017, p. 67).

A partir dessas 3 métricas teremos as seguintes análises, quais “nós” agrupam entre si na rede, quais as conexões relevantes desses “nós” e por fim quais “nós” são pontes, conectam grupos diferentes. Analisaremos a rede criada, os nós principais, a formação de clusters, e as interações entre as 03 (três) páginas que estamos analisando. Discutiremos o capital social dessa rede e as informações, trocas e conexões.

Sobre a modularidade Recuero (2017) cita que é uma métrica que auxilia na identificação de subgrupos dentro de grandes grupos, que representam os diferentes módulos da rede e mostram conjuntos de atores que tendem a se conectar mais entre si do que com os demais (clusters).

Na figura abaixo vemos um mapa da rede de páginas da Primavera secundarista, ou seja, as ocupações pelo Brasil. Temos grupos claramente formados, podemos perceber que os roxos são clusters das escolas de São Paulo relacionados com a página do @maleducado sendo um nó importante. No Ceará temos um grupo de destaque que são verdes claros, são as escolas do Ceará mais conectadas, dentre elas, @ocupaadauto, @ocupalcc, @escolaceemluta e outras escolas e alguns coletivos de mídia local. Depois percebemos os grupos azuis claro, no qual faz parte @ocupacaic, interessante perceber que ele é a única escola desse grupo, as demais páginas são coletivos de mídias alternativa local e nacional e mídias tradicionais. Importante destacar que o @ocupacaic obteve uma forte influência das páginas das mídias tradicionais e coletivos de mídia. Analisamos que isso ocorreu devido a ser a primeira escola ocupada, por ser uma das maiores escolas da periferia da cidade, no Bairro Bom Jardim e também por ter tido uma forte atuação de manifestações de apoio de artistas nacionais e locais. Analisando as conexões percebemos que o @ocupacaic possui conexão com o Uol notícias, G1, quebrando Tabu, cultura livre, dentre outras páginas e coletivos de mídia.

Figura 2: Grafo páginas Escolas do Ceará. Métrica. Modularidade.

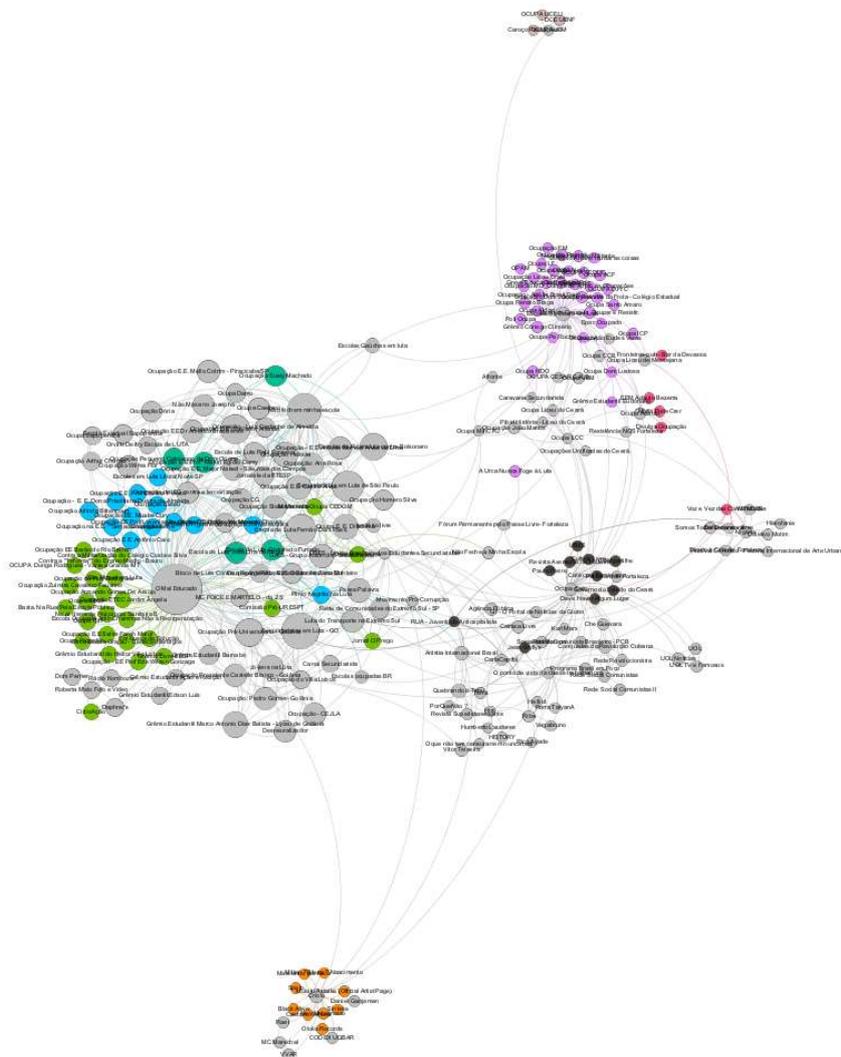


Fonte: Gephi e Netvizz

A outra métrica que iremos trabalhar é a centralidade autovetor que é uma métrica de nó, ela analisa os nós mais conectados cujas as conexões são mais relevantes. Essa centralidade avalia a importância do nó na rede em cima da qualidade de suas conexões. “Nós com maior centralidade eigenvector são aqueles mais conectados a outros nós cujas conexões são relevantes. Em uma rede social, poderíamos considerar que essa centralidade adiciona a influência indireta (conexões das conexões) à influência direta (conexões diretas) de um determinado ator.” (Recuero, 2017, p. 89) Com essa métrica apontaremos os influenciadores nas conversações, considerando que mesmo modesta esses “nós” consigam dar visibilidade a uma mensagem para outros nós importantes, aumentando a visibilidade de modo exponencial pela quantidade de contatos. (Recuero, 2017).

Na figura abaixo percebemos que @ocupacaic conseguiu ser um grande influenciador para as ocupações no Ceará. Suas conexões foram relevantes para dar visibilidade nacional as ocupações no Estado, um nó importantíssimo ao movimento. Percebemos que a escola obteve uma visibilidade grande nas redes, uma das hipóteses é que a Escola obteve manifestações de apoio de artistas e pessoas que tem uma grande visibilidade nacional e nas redes sociais, como no caso a visita do artista musical Criolo a ocupação do CAIC. Além do @ocupacaic, também colocamos em destaque as páginas dos coletivos locais como a do coletivo Nigéria, Voz e Vez da Comunidade, mídia pode crer, e principalmente as escolas @ocupaadauto, @ocupalcc e @escolasceemluta.

Figura 3: Grafo páginas Escolas do Ceará. Métrica. Centralidade Autovetor.



Fonte: Gephi e Netvizz

Na métrica de grau de intermediação ou Betweens conseguimos saber o quão “ponte”²⁸ é um nó. Ponte, segundo Recuero (2017), é o quanto um determinado ator conecta diferentes grupos, indicando, assim quais atores conectam diferentes clusters na rede.

Um ator que possui um alto grau de intermediação não necessariamente é aquele com maior grau de entrada ou saída. O grau de intermediação calcula outro tipo de centralidade. Aqui, a investigação é a respeito de quais atores são capazes de manter a estrutura da rede, cujo papel conectivo é mais central. Em uma estrutura de comunicação (por exemplo, uma empresa), esses atores são aqueles que conectam diferentes grupos/setores no processo. A função de “ponte” de um determinado ator é importante, pois mostra que aquele nó pode atuar como filtro de informação entre dois grupos, e indica um posicionamento fundamental na circulação de informação na rede.” (Recuero, 2017, p. 87-88).

Podemos perceber na figura abaixo que os grupos das escolas locais têm diversas pontes, o destaque mais uma vez vai para a página do @ocupacaic, como já falamos anteriormente uma página que fez uma ponte muito grande com as mídias tradicionais e os coletivos de mídia alternativo, e a também a página @naofecheminhaescola. Podemos também dar destaque para a @escolasceemluta onde criou nitidamente um clusters²⁹ de escolas, mostrando a importância dessa página principalmente para as escolas do Ceará, essa página compartilhava as postagens das escolas do Ceará, e possuía a maior quantidade de seguidores, em torno de 7 mil. Dentro do grafo abaixo precisamos destacar o @ocupaadauto como uma ponte menor do que as duas citadas acima, mas que fez uma conexão importante com os coletivos de mídia local. Outra ponte importante para o movimento foi a conexão criada entre o @ocupalcc e a caravana secundarista³⁰. Esses laços criados mais fortes ou mais fracos são importantes para a construção do capital social da rede.

²⁸ Ponte: Segundo Recuero (2017, p. 108), ponte é o quanto um determinado ator conecta diferentes grupos, indicando, assim quais atores conectam diferentes clusters na rede.

²⁹ Clusters: Segundo Recuero (2017, p.109) clusters são conjuntos de atores que tendem a se conectar mais entre si do que com os demais nas redes sociais da internet.

³⁰ Trailer do documentário Escola de Luta do Ceará. Caravana Secundarista. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/caravanasecundarista/videos/161491510927234/?fref=mentions> Acessado em: 10.Jun.2018

Essas relações sociais são constituídas de trocas, das quais esses atores sociais têm objetivos e interesses em comum. Quando há essa interação, colhem-se os benefícios. Nas ocupações, esse capital social em rede, formada a partir da internet e da elaboração de posts, manuais, vídeos, materiais de comunicação, criados pelos estudantes e até por coletivos de mídia alternativos, e um manual, onde as escolas interagiam entre si e ali contavam suas experiências de ocupação. Criando, assim, normas de comportamentos, participação, e ajudando aos estudantes a ocuparem suas escolas, utilizando a força da rede, que, unida a cada nova ocupação no Brasil e página criada da ocupação se fortalecia.

Segundo Recuero (2017) tanto os laços fortes quanto os laços fracos são considerados importante na construção do capital social da rede, gerando o valor da informação e a confiança na mobilização.

Diferentes tipos de laço social geram vantagens e elementos para os indivíduos na rede social, como veremos no decorrer deste livro. Laços fracos podem ser mais eficientes para circular informação nova e diferente na rede (GRANOVETTER, 1973), enquanto laços fortes são mais associados a valores como confiança e intimidade. (PUTNAM, 2000). (RECUERO, 2017, p. 48)

Para Recuero, “os tipos de capital social são dois: a confiança no ambiente social, no sentido do ambiente ser favorável aos atores pela confiança construída entre eles, e a institucionalização, relacionada ao reconhecimento do grupo enquanto grupo.” (RECUERO, 2017, p. 47-48).

Desse modo, as relações sociais são constituídas de trocas através das quais os atores buscam atingir objetivos e interesses, como um sistema econômico. É preciso investir (interagir) na estrutura social para colher os benefícios. Os valores de capital social são, desse modo, associados a normas de comportamento, participação e às próprias conexões que alguém possui, além de vantagens competitivas advindas desses valores. (BURT, 1992, p. 348 apud RECUERO, 2017, p. 47-48).

Para entender como um capital social é construído dentro de uma rede, podemos analisar a forma como a informação circula num determinado grupo e os atores mais influentes e importantes, para que a informação circule, é importante de ser analisado (RECUERO, 2017). Abaixo um conteúdo que aconteceu em uma das escolas ocupadas e compartilhado nas 03 páginas que estamos analisando, o tema é a desocupação da escola CAIC Maria Alves postada no @ocupacaic e compartilhada nas páginas @ocupaadauto e @ocupalacc, criticando a postura da diretora da escola que colocou a comunidade contra a ocupação dos estudantes do CAIC Maria Alves:

Figura 5: Desocupação do CAIC página @ocupacaic



Fonte: Facebook.

Figura 6: Desocupação do CAIC página @ocupaadauto



Fonte: Facebook.

Figura 7: Desocupação do CAIC página @ocupalcc



Fonte: *Facebook*.

Figura 8: Desocupação do CAIC página @ocupaadauto



Fonte: *Facebook*.

Ainda analisando as postagens da eede de escolas no Ceará, podemos perceber informações compartilhadas por outras ocupações no Brasil, como no caso dessa informação da página @caravanasecundarista que pedia apoio às pessoas em todo Brasil, para que estudantes de São Paulo fossem ao Ceará trocar as experiências sobre as ocupações.

Figura 9: Visita caravana secundarista - @ocupalcc



Fonte: *Facebook*.

Figura 10: Visita caravana secundarista - @ocupaadauto



Fonte: *Facebook*.

Acima, são dois momentos: o primeiro, no dia 20 de junho, no qual a página do @ocupaadauto compartilha um vídeo da página Caravana Secundarista, postado no dia 14 de junho, pedindo apoio para que os estudantes pudessem vir ao Ceará. Após nove dias, no dia

29 de junho, os estudantes visitam o Colégio Liceu do Ceará, no qual é compartilhado pela página @ocupalcc. Esses “nós” interagem entre si e criam o capital social do movimento. Em rede, eles fortalecem a mobilização criando, assim, o Capital Social da Rede.

Recuero (2017) que o mapeamento estrutural e as métricas, podemos compreender como o capital social está sendo gerado pelas conexões, onde se concentra e quem é mais importante na estrutura, identificando quem e como é influenciado a difusão de informações na estrutura e quais grupos existem nela.

A partir dessa análise, podemos perceber como foi importante a construção dessa rede para o fortalecimento das escolas no Brasil e no Ceará. Dentro do ambiente das escolas no Ceará, consideramos alguns “nós” importantes para a rede, como a página @ocupacaic, principalmente na difusão de informações sobre as ocupações, mostrando o cotidiano nas redes sociais da internet, importante como forma de desmarginalizar as ocupações, e também nas manifestações e pedido de apoio para a mobilização no Ceará, além disso o @ocupacaic possibilitou a criação de laços com coletivos nacionais e locais, como o Nigéria, Não fechem minha escola e portais de notícias como o G1, dentre outros. As páginas das escolas @ocupaadauto e @ocupalcc também foram nós importantes para conectar páginas nacionais como a caravana secundaristas e locais como Nigéria, Grêmio Estudantil, Resistência Nós Fortaleza, Mídia Pode crer, Voz e Vez das comunidades e outras páginas das escolas locais. Dentro da rede, como falado anteriormente podemos destacar a página @escolasceemluta, que criou um cluster e ajudou no compartilhamento das informações das páginas de escolas que não tinham laços muito fortes. Essa página se tornou uma grande “ponte” para as páginas com menos influência. Percebemos que as escolas do Ceará agruparam entre si e também se conectaram com alguns coletivos nacionais e locais, como diferentes grupos.

4.1.2 Análise de conteúdo das páginas

Nosso objetivo é analisar as práticas conversacionais na comunicação, mediada pelo computador nas páginas das ocupações nas escolas do Ceará. Como metodologia, optamos por trabalhar a análise de conteúdo a partir da categorização das páginas @ocupacaic, @ocupaadauto e @ocupalcc. Ao realizar a categorização optamos por analisar as postagens com maior quantidade de posts por categoria x maior número de reações x comentários. Começamos por analisar os posts nas 3 maiores categorias em cada página, depois identificamos os posts com maior quantidade de reações e por fim os posts com maior quantidade de comentários, onde analisamos as interações a partir do discurso de cada post e

as conversações em rede. No processo de análise com base na Recuero (2014) identificamos algumas características importantes na análise da comunicação mediada pelo computador, são eles: a escrita oralizada, a representação da presença, da unidade temporal, da construção do contexto e da conversação em rede.

Para Recuero (2014) a conversação mediada pelo computador constrói convenções simbólicas construídas pelos interagentes a partir da apropriação do ciberespaço.

A conversação, no ambiente mediado pelo computador; assim, assume idiossincrasias próprias que são decorrentes da apropriação dos meios para o uso conversacional. Ela é, portanto, menos uma determinação da ferramenta e mais uma prática de uso e construção de significado dos interagentes, sejam essas ferramentas construídas para isso ou não. Falamos em apropriação porque essas ferramentas são construídas pelos agentes como ambientes conversacionais, e a conversação tem como suporte um conjunto de convenções simbólicas que são por eles construídas. Portanto, é preciso criar novos rituais e novas formas de negociar um contexto na interação.” (RECUERO, 2014, p. 39).

As ocupações das escolas no Ceará criaram um contexto de representação da presença, como no caso a apropriação do uso do nome Ocupa nas páginas das escolas: Em sua grande maioria as ocupações das escolas usavam “@ + ocupa + o nome da escola”, além de hashtags com o nome das ocupações e também como o ocupar e resistir. Essas ferramentas foram construídas coletivamente como formas de driblar limitações da conversação. Os estudantes construíram uma série de convenções simbólicas nas redes sociais, desde o uso do nome @ocupa, #ocupareresistir, #ocupatudo, #educacaoemgrevece, #ocupaadauto, #ocupalcc, #ocupacaic, dentre outras representações simbólicas.

Em sua grande maioria a conversação no ciberespaço se dar de forma escrita, as limitações das ferramentas trouxeram apropriações para esse tipo de conversação, dentre eles podemos citar a escrita oralizada. O uso dos caracteres simbólicos, criando formas de simular elementos não verbais como o uso dos emoticons: a alegria :), o amor <3, a Tristeza :(, além disso também o uso de onomatopeias (ops, uau) e repetição de letras para caracterizar a prosódia (kkkkkk). Em vários comentários, como veremos na análise os estudantes usam dessas apropriações para expressar oralmente pela escrita o que pensam.

4.1.2.1 Ocupação CAIC - @ocupacaic

Figura 11: Página @ocupacaic



Fonte: Facebook

Na fachada da escola CAIC Maria Alves Carioca, estava escrito em uma faixa bem grande “CAIC Ocupado”. Essa foto foi compartilhada na página do *Facebook* da ocupação no dia 28 de abril de 2016, primeiro dia de ocupação das escolas no Ceará. A página da escola foi criada no dia 26 de novembro de 2015, com a foto do perfil sendo uma imagem que dizia Revolução Estudantil. Essa postagem demonstra que existia já um início de mobilização acontecendo dentro da escola ao final do ano anterior a ocupação. As ocupações em São Paulo se deram no dia 21 de setembro de 2015, logo após o anúncio do governador Geraldo Alckmin sobre a reorganização escolar. A página do @ocupacaic dava apoio aos estudantes de São Paulo. Em sua primeira postagem, compartilhava um post da página @socialistamorena que falava de uma ação violenta de policiais com um estudante. Desde então, a página começou a compartilhar postagens sobre as ocupações no Brasil, Goiânia e em São Paulo e atos e manifestações em Fortaleza, como no caso do vídeo no dia das mulheres, em um ato no Palácio da Abolição. Nos dias 16 e 17 de março de 2016, os estudantes postam vídeos, falando sobre a falta de aula, na escola, por conta de uma água contaminada, as janelas quebradas, falta de estrutura e a precarização na educação, chamando para lutar junto com os professores e contra o governo do Estado do Ceará.

Durante o mês de março e abril, vários atos contra a precarização na educação, realizados pelos alunos e professores da Escola Adauto Bezerra. No dia 14 de abril, os

estudantes fazem uma assembleia no Colégio Adatao Bezerra e decidem iniciar as ocupações das escolas junto com o decreto da greve dos professores no dia 20 de abril de 2016. “A partir daí, estávamos decididos a ocupar, saímos da assembleia conversando com os estudantes das escolas, pois precisávamos que a maioria ocupassem”, (Depoimento de aluno do Adatao Bezerra, realizado em 19 de maio de 2017).

No dia 28 de abril, os estudantes do CAIC Maria Alves Carioca, no Bom Jardim, ocupam a primeira escola no Ceará. Abaixo podemos ver o depoimento do estudante sobre o processo de ocupação da escola CAIC:

A gente ocupou no dia 28 de abril de [de 2016], a gente já se reunia há algumas semanas. No dia 27 a gente teve um ato aqui no Bom Jardim. A gente saiu em passeata até a pracinha daqui, daqui do CAIC até a pracinha do Santa Cecília e... e lá a gente decidiu qual seria o dia da ocupação, como seria, que horas seria a ocupação e foi tirado que a ocupação seria no dia 28, seria às 8h da noite. Por que à noite? A gente achou que à noite era um momento... era, era um momento perfeito. Porque era o momento que tinha menos funcionários, que todo mundo tava disponível, porque a gente não tinha aula, então... ah, gente não tinha aula, a gente tava de greve. Então a gente acabou decidindo por ocupar à noite, só que a notícia vazou. À tarde, a gente só ficou sabendo que a gente ia ocupar nesse dia e às cinco da tarde ligaram pra gente, o pessoal que tava aqui na escola e falou - “Tão trancando tudo na escola, não sei o que tá acontecendo, tão mandando a gente ir embora!” -, que era o pessoal até do JBV, aí a gente ficou tipo “Como assim? Como ficaram sabendo? O que aconteceu?” [...] Aí acabaram que mandaram o pessoal... cancelaram o aulão que ia ter, ia ter um aulão do ENEM à noite, inclusive. O aulão era a nossa deixa para entrar, ia ser o momento que a gente ia entrar e o aulão foi cancelado. E a gente ficou tipo sem saber o que fazer e quando a gente chegou pra ocupar à noite, a gente se reuniu na esquina e a gente veio em bloco. Quanto a gente chegou, trancaram a escola. Trancaram tudo. Botaram cadeado no portão e ficou... ficou um pessoal da gestão dentro e a gente fora. A gente falou “a gente vai ficar, se vocês abrirem, bem, se vocês não abrirem, a gente fica fora”. [Estudante S, 16 anos, relato de grupo focal realizado em agosto de 2016] (BRAZ; MARINA et al, 2018, p. 28).

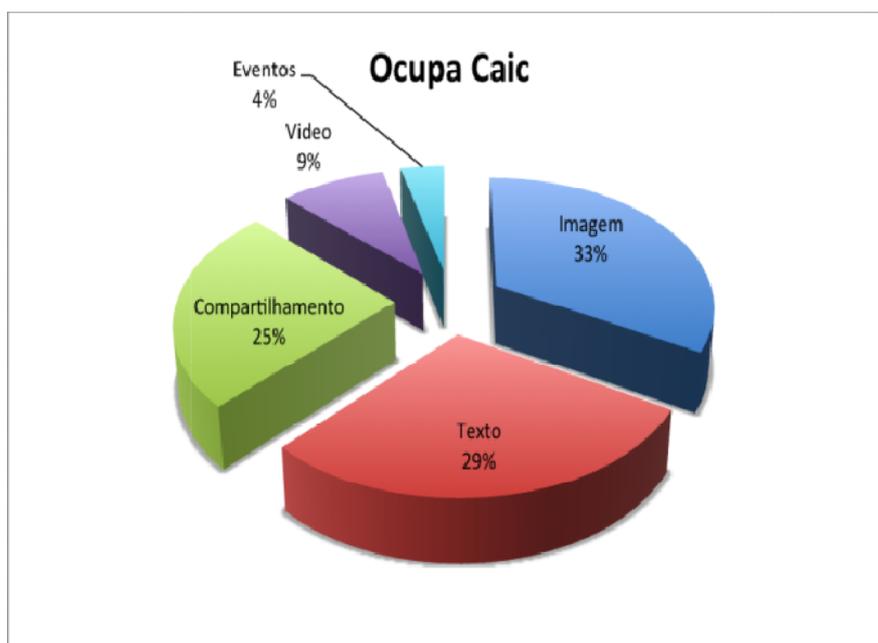
Interessante perceber que, desde as ocupações em São Paulo, os estudantes já ensaiavam uma mobilização e a formação de uma rede de escolas contra a precarização da educação e algumas medidas do governo Federal como o Escola sem Partido. Ao final do ano, com o decreto das portarias como o contingenciamento do governo do Estado do Ceará na pasta da educação, os professores e alunos já debatiam sobre a situação das escolas no Estado.

A página @ocupacaic mostra todo o processo desde a ocupação até a desocupação. Para iniciar a análise de conteúdo das ocupações, criamos uma tabela (anexo) em que dividimos os posts por tipos e categorias, a quantidade de reações, comentários, compartilhamentos e visualizações (no caso de vídeos).

No dia 22 de outubro de 2018, a página ocupa CAIC possuía 2.432 pessoas que curtiam 2.426 seguidores. A análise que faremos será entre os dias 28 de abril de 2016 a 30 de

junho de 2016. Nesse período, foram realizados 169 postagens, 681 comentários e 7.709 reações³¹. Dessas postagens, 29% texto, 33% imagem, 25% compartilhamento, 9% vídeos e 3% eventos criados.

Gráfico 1: análise de conteúdo do @ocupacaic.

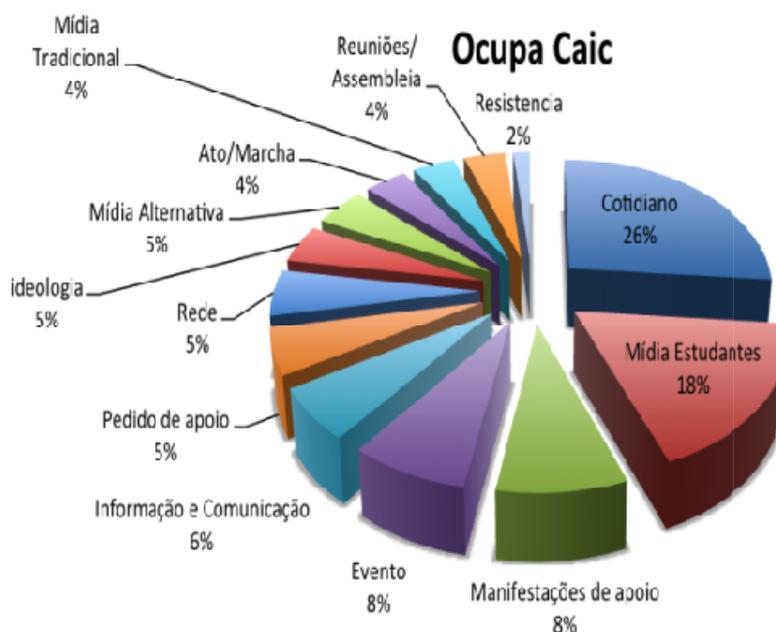


Fonte: Autor, com base na tabela da análise de conteúdo do @ocupacaic.

Na mesma tabela categorizamos as postagens nas quais 26%, cotidiano; 18% eram mídia estudantes; 8%, manifestações e apoio; 8%, eventos; e 6%, informação e comunicação.

³¹ Dados do Netvizz no Facebook.

Gráfico 2: análise de conteúdo do @ocupacaic, por tema.



Fonte: Autor, a com base na tabela da análise de conteúdo do @ocupacaic.

A grande maioria dos posts da página são da categoria cotidiano das ocupações com 26% de postagens. Isso ocorre pela importância de organização do movimento. As postagens de cotidiano, em sua grande maioria, são sobre as agendas diárias que envolviam a rotina dos estudantes, onde continham os horários das refeições e as atividades desenvolvidas dentro da escola, desde aulas, oficinas e workshops. Além da rotina também postagens como limpeza do colégio eram compartilhadas, isso mostra a importância que os estudantes sentiam de dizer que não estavam fazendo bagunça dentro da escola e sim estudando e convivendo no coletivo.

Figura 12: Programação escolas página @ocupadauto



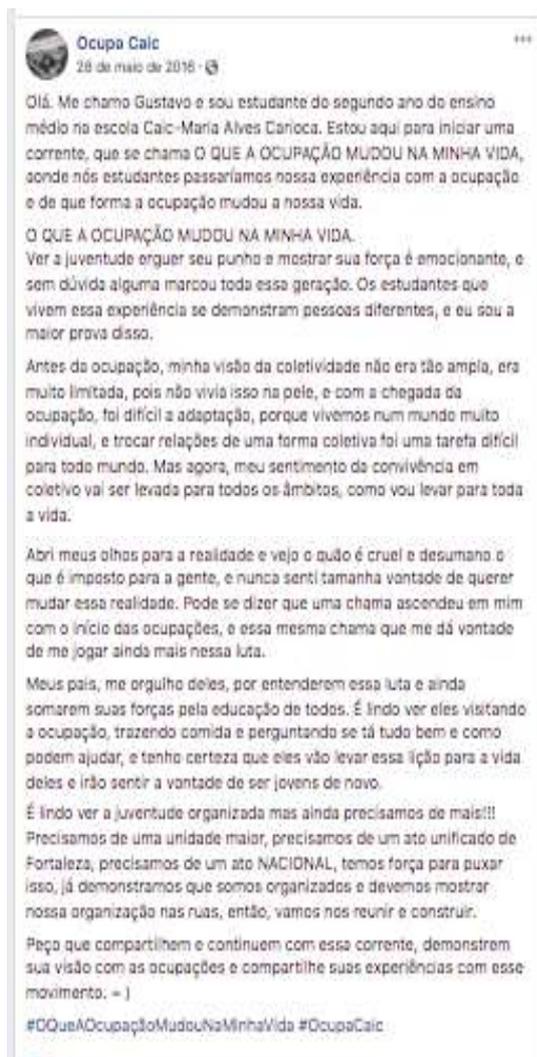
Fonte: Facebook.

O dia a dia das escolas era cheio de atividades, oficinas, aulas, limpeza, cuidados com horta, palestras e debates. Compartilhavam informações e atividades, agendaram assembleias, manifestações de ruas e visitas de uma escola a outra. Castells (2013) acredita que esses novíssimos movimentos sociais reinventam o cotidiano e a forma de viver coletivamente. “Esses movimentos querem reinventar a democracia, encontrar maneiras que possibilitem aos seres humanos administrar coletivamente suas vidas de acordo com os princípios amplamente compartilhados em suas mentes e em geral negligenciados em sua experiência diária.” (CASTELLS, 2013, p. 167-168).

Além dos posts sobre o cotidiano, muitos posts traziam o que chamamos de mídia dos estudantes: são peças criadas por eles, desde vídeos, cartazes, faixas e imagens para compartilhar na Internet. Esse tipo de post são 18% das postagens na página @ocupacaic.

Um dos posts que queremos destacar como mídia dos estudantes foram depoimentos de alunos dentro de uma campanha que eles criaram que se chamava #oqueaocupaçãomudouminhavidã. Importante destacar dois pontos desse post: primeiro novos formatos criados por eles mesmos, para comunicar as pessoas a importância da ocupação; e, segundo; um ponto que iremos tratar no próximo tópico que é sobre o legado na construção cidadã desses estudantes a partir da comunicação comunitária.

Figura 13: Depoimento de estudantes do @ocupacaic

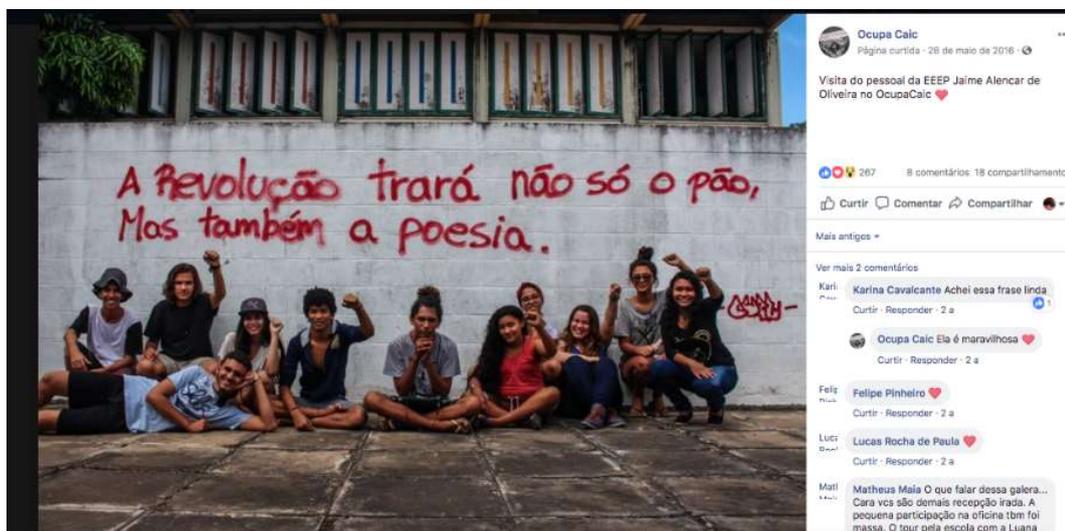


Fonte: Facebook.

Esse post obteve 81 reações, 12 comentários e 37 compartilhamentos. Vários comentários positivos sobre as ocupações, dentre elas o uso de #ocupace, de corações, pessoas parabenizando o texto com o símbolo de legal. Nele, o aluno expõe a importância da experiência dos estudantes nas ocupações, o aprender a conviver no coletivo, a possibilidade dele como cidadão lutar pelos seus direitos, a relação com a família sobre o que ele está vivendo e a organização nacional, através da rede de estudantes criada no país.

Na categoria REDE, podemos destacar a visita da escola Jaime Alencar de Oliveira, no Ocupa CAIC. O post com 267 reações, 18 compartilhamentos e 8 comentários era bem representativo, a frase escrita no muro do CAIC “A revolução trará não só o pão, mas também a poesia” com os alunos de punho alto cerrado. Uma frase que retrata a luta dos estudantes e a resistência em busca de conhecimento e de estrutura para obter esse conhecimento.

Figura 14: Postagem com foto de estudantes na página @ocupacaic



Fonte *Facebook*.

O CAIC Maria Alves foi uma escola que recebeu bastante manifestações de apoio de artistas nacionais e locais, de educadores e de pessoas que queriam realizar oficinas. Dentro da análise de rede, uma justificativa forte para o CAIC ter sido um grande nó pode ser a quantidade de manifestações de apoio que o CAIC recebeu. Os posts de manifestações de apoio são 8% das postagens da página, maior do que nas duas outras páginas que analisamos.

Além disso, importante destacar a quantidade de eventos que o CAIC promoveu, onde, em sua grande maioria, tinha artistas, políticos e educadores nos eventos. 8% dos posts foram de eventos na página @ocupacaic.

A postagem com maior número de reações foi a visita do Criolo às ocupações, com 563 reações, que aconteceu no dia 18 de maio de 2016, com 181 compartilhamentos e 43 comentários. Esse post entrou na nossa categorização como manifestações de apoio. Consideramos que esse post foi bastante relevante para que o CAIC pudesse ser um “nó” importantíssimo na rede de escolas do Ceará em conexão com o Brasil. A quantidade de interações com outros nós, de entrada e saída, é o que faz ele ter relevância. Importante frisar que os comentários das postagens traziam em sua grande maioria pessoas marcadas, quando se marca pessoas em posts aumenta o alcance e o engajamento da página, consequentemente a quantidade de seguidores e curtidores, pois se a pessoa gosta do conteúdo, resolve curtir/seguir.

Figura 15: Postagem foto sobre a visita do cantor Criolo a escola CAIC Maria Alves Carioca - página @ocupacaic



Fonte: Facebook.

Um dos posts com maior número de compartilhamentos foi a carta aberta escrita pelos professores para os estudantes, pais, comunidade, imprensa e autoridades do Ceará. Esse post obteve 181 compartilhamentos e falava do apoio dos professores a ocupação dos alunos, explicando que não queriam estar em greve, mas com toda essa questão da precarização nas escolas e com a falta do reajuste salarial eles não tinham outra alternativa a não ser fazer a greve. Estudantes, ex alunos e alunas do colégio, dentre outras pessoas apoiavam a ocupação, dando apoio e emitindo pesar a situação que chegamos.

A segunda postagem com maior número de reações foi a desocupação da escola, com 510 reações, 157 comentários e 164 compartilhamentos. Os estudantes que ocupavam a escola tiveram que desocupar no dia 15/06/2016 por conta de uma pressão da Diretora e da comunidade. A Postagem falava que, desde o início das ocupações, não conseguiu o apoio da comunidade, que eles tentaram explicar o objetivo da ocupação. Em parte do trecho do post, importante destacar como eles desmentem as reportagens da imprensa que, de alguma forma, tentou desmoralizar a ocupação:

Infelizmente desde o começo da ocupação nós não conseguimos o apoio da comunidade, tentamos explicar para os moradores do Bom Jardim que aquilo era um ato político, porém eles não nos escutaram, e, muitas vezes, falaram calúnias sobre os estudantes. A ocupação vem sofrendo assédio moral do governo e da mídia seletista que, quando fazem alguma reportagem, criminalizam o movimento, trazendo depoimentos falsos de pessoas que não conhecem a rotina da ocupação, influenciando na opinião de alguns moradores da comunidade sobre a conduta dos

alunos. Tudo isso é um ataque à greve, realizada pelos professores do nosso estado, pois o governo sabe que as ocupações vem dando força aos professores para continuar a greve, e, cada dia mais, a nossa luta se unifica. Afinal, temos pautas em comum, onde buscamos uma melhoria nas escolas públicas do Ceará. Acreditamos que esses assédios por parte do governo fizeram com que a gestão se voltasse contra nós, e as reportagens da imprensa tentando desmoralizar a ocupação contribuiu para que a comunidade se posicionasse desta forma. (texto retirado da página @ocupacaic no Facebook).

Os estudantes explicam que estavam sofrendo alguns assaltos e pressão por conta da comunidade e da diretoria; então, decidiram votar pela desocupação. Porém, no mesmo dia da decisão, houve um ataque de bandidos aos estudantes:

Há duas semanas o CAIC vem sofrendo alguns assaltos, nossa escola é bem aberta, o que facilita a entrada e saída de qualquer pessoa. Já se vinha estudando a ideia da desocupação pacífica.....A reunião foi feita nos dormitórios, e no final da reunião começamos a escutar umas pessoas gritando no andar de baixo, assustados, fomos olhar que barulho era aquele, e quando chegamos lá, nos deparamos com a comunidade rasgando a faixa da ocupação e alguns cartazes, eles foram chamados pela diretora da escola, com o fim de forçar nossa saída de lá. Quando percebemos que aquilo era uma jogada para tirar a gente dali, resolvemos resistir, e algumas pessoas que moravam perto do CAIC chamaram uns traficantes para tirar a gente de lá. Foram momentos muitos tensos. Todos ficamos acuados enquanto eles passeavam livremente pela escola ameaçando os estudantes. Durante o conflito alguns estudantes foram agredidos e uma menina foi ameaçada de morte caso voltasse na escola. (Depoimento de um dos alunos do CAIC, retirado da página @ocupacaic no Facebook).

Os comentários do post são de pessoas que são contra e a favor da postagem, como podemos ver na figura abaixo, há pessoas que dizem que os estudantes da ocupação estão mentindo e outras prestando apoio aos estudantes:

Figura 16: Comentários de alunos no post sobre a desocupação. página @ocupacaic



Fonte: Facebook.

Em sua grande maioria dos comentários da *timeline* existe a presença da “escrita oralizada”. Esse tipo de apropriação dos interagentes usam os caracteres do teclado para simular a linguagem oral. Percebe o uso de emoticons, como corações e a palavra demais escrita “D+++++” demonstrando intensidade no discurso. Também interessante observar o debate nos comentários onde os estudantes colocaram seu ponto de vista sobre as ocupações, contando sua versão e deixando aberto ao debate, para que o discurso a partir da mediação feita pelo computador/internet leve ao conhecimento da sociedade o que estava acontecendo no ambiente escolar. Nessa postagem, a grande maioria dos posts é de agradecimento pela luta dos estudantes e o orgulho do que eles fizeram em busca de um debate para uma educação melhor; mas, também, em alguns momentos, há pessoas contra o movimento. Nesse momento, eles vão ao debate argumentar o porquê da ocupação e a importância dela para a melhoria na educação e a luta pelos direitos dos alunos.

Após a desocupação, estudantes do CAIC continuaram indo aos atos e ocupando outras escolas do Bairro Bom Jardim com a Escola Júlia Alves, Escola Professor Eudes Veras, Escola Santo Amaro, Escola Senador Osires Pontes. Sobre as ocupações, um depoimento de aluno no seminário fala: “Foi uma forma de reivindicar os direitos dos estudantes, buscamos melhorias na educação pública. A ocupação foi um momento onde aprendemos a viver em coletivo, aprendemos a respeitar as diferenças dos outros e a amar cada um deles. Formamos uma família lá dentro, éramos fortes juntos.” (depoimento Estudante do CAIC Bom Jardim, no dia 06/05/2017).

4.1.2.2 Ocupação Adauto Bezerra - @ocupaadauto

Figura 17: página @ocupaadauto.



Fonte: Facebook.

No dia 14 de abril, os estudantes do Ceará se reuniam na Escola Adauto Bezerra, para decidir as ocupações das escolas. Esse momento foi postado na página da @ocupacaic. Esse debate percorreu o final no mês de abril, até que no dia 28 de abril, como já vimos, o CAIC foi ocupado. Cinco dias após a ocupação do CAIC, no dia 04 de maio de 2016, os estudantes do Colégio Adauto Bezerra ocuparam a escola. Um vídeo postado na internet, no dia 04 de maio de 2016, mostra como se deu essa ocupação, alunos entrando e cantando jograis: “Mãe, pai, eu tô na ocupação e só pra tu saber eu luto pela educação” “Acabou a paz isso aqui vai virar o Chile”. Desde o dia 14 de abril de 2016, os estudantes haviam criado a página @ocupaadauto. Eles tentavam, a partir de assembleias e por influência das ocupações em todo o Brasil, ocupar as escolas com o apoio democrático da grande maioria. Na manhã antes da ocupação, uma postagem chamava para uma aula sobre o porquê ocupar e o que é ocupar. Essa postagem é simbólica, porque toda a ocupação é desenvolvida com base no debate e na educação como forma de construção cidadã. Essa comunicação verbal, a conversação e as trocas de experiências com professores, pais, comunidade, com educadores, artistas foi de grande importância para a construção cidadã desses estudantes.

A ocupação no Colégio Adauto Bezerra se deu com muito debate. Eles por serem uma escola que já havia participado de vários debates políticos, de greves nos anos 2013,

2015, no qual o Grêmio funcionava ativamente sugeriram que a paralisação fosse decidida pelo coletivo. Eles precisavam do apoio de no mínimo 200 estudantes.

Começamos a conscientizar as pessoas. A primeira escola foi o CAIC, a quinta foi o Adatao. Como a gente estava se organizando direitinho, a gente viu que precisava de um coro de estudantes: duzentos estudantes na assembleia. Foi passado em sala e convocando todo mundo pra assembleia, onde conversamos sobre a ocupação. Mostramos o que era a ocupação. Demos exemplos das ocupações de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais. Inclusive a gente recebeu um panfleto de orientação sobre as ocupações em São Paulo. A gente estudou um pouquinho sobre a organização deles e a gente trouxe pra cá pro nosso contexto. Aí a gente explicou pra galera e nesse dia a gente decidiu ocupar. Colocamos a faixa. E daí começou o processo de ocupação. Nesse dia algumas pessoas dormiram na escola. Eu fui uma das pessoas que, após a reunião, eu já dormi lá. A gente começou a se organizar em comissões e tinham outras escolas que já estavam ocupadas. A gente começou a receber informações de lá. A gente recebia as informações pela internet, pois todas as escolas tinham uma página. assim: ocupaadatao ocupacaic. Essas páginas a gente entrava em contato com elas. (Depoimento do aluno do Ocupa Adatao, no dia 19/05/17)

Abaixo uma postagem mostra a primeira aula que os estudantes do colégio Adatao Bezerra fizeram para que os alunos e alunas da escola pudessem entender a mobilização:

Figura 18: Post sobre aula pública. página @ocupaadatao.



Fonte: Facebook.

No mesmo dia da ocupação, à noite, a alteração da capa³² da página mostra a primeira formação do grupo da escola @ocupaadauto. Estudantes começaram distribuindo as comissões que eram separadas por tipo (imprensa, segurança, comida, informação, limpeza, relações externas), conforme manual³³ criado pelos estudantes da Argentina, com base nas ocupações do Chile e traduzido pelos estudantes de São Paulo.

No Colégio Adata Bezerra, conforme depoimento dos alunos no grupo focal, as comissões foram divididas, conforme cada escola. Tendo como base as ocupações de São Paulo, eles receberam um panfleto e distribuíram as pessoas por comissões, inclusive criaram até uma comissão que posteriormente foi dissolvida:

Cada escola tinha sua forma de ocupação, mas a gente se baseou nas organizações das ocupações de outros estados que também tinham a organização por comissões, e aí nas assembleias a gente colocou a proposta. Vamos criar comissões inclusive bem no começo de ter uma proposta, de ter uma comissão geral, mas depois se desfez. E tinham pessoas daquela ocupação que ficavam responsáveis por aquela ocupação e responsáveis de se comunicar com outras escolas. No final, foi dissolvido porque a gente percebeu que todo mundo poderia participar dessa rotação. Essa rotação poderia ser orgânica. Eu me disponho, que em cada reunião poderia ser uma pessoa diferente. Porque a gente percebeu que essas pessoas poderiam ser vistas como liderança. (Depoimento aluno colégio Adata Bezerra, , no dia 19/05/17)

E uma das alunas complementa a fala:

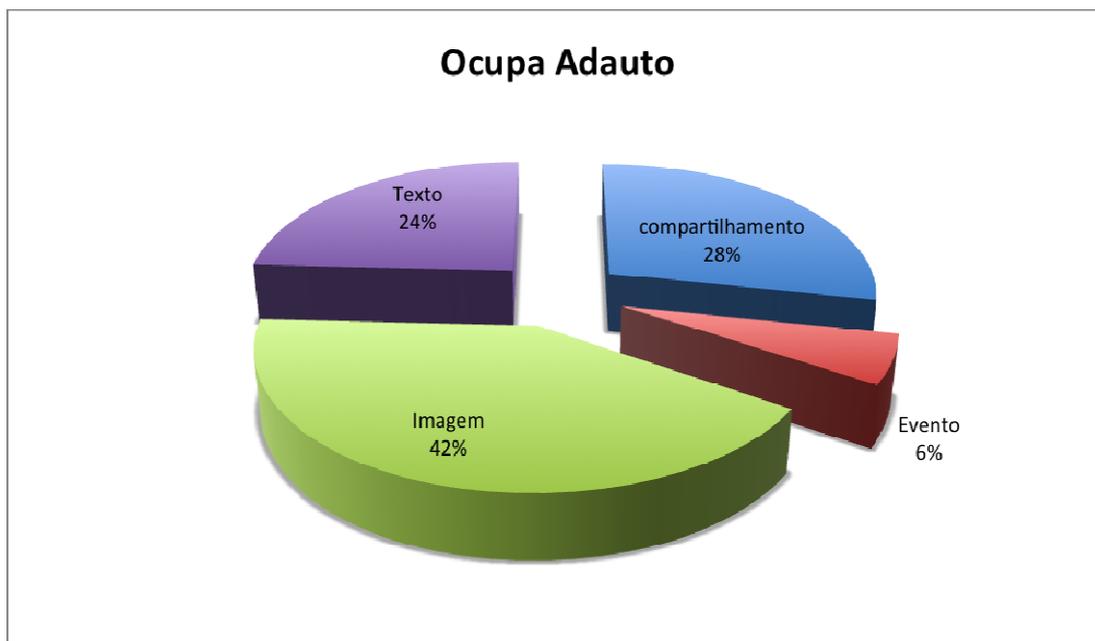
Tinham muitas tarefas para as pessoas fazer, as comissões, aí tinha o povo que marcava oficinas, tinha gente que lavava o banheiro, que ficava na cozinha, que só faltava ficar com vassoura na mão pro povo não entrar. Comissão da cozinha, das oficinas, da segurança, de comunicação que mexia nas redes sociais e publicava as coisas, da organização dos atos, da limpeza. (Depoimento aluna Adata Bezerra, no dia 19/05/17)

Em 23 de fevereiro de 2018, a página ocupa adata possuía 3.367 pessoas que curtiam 3.359 seguidores. A análise que faremos, como já foi explicado anteriormente, será entre os dias 01 de maio de 2016 a 31 de agosto de 2016. Nesse período, foram realizadas 302 postagens, 1434 comentários e 15.891 reações. Dessas postagens, 42% eram imagens, 28% compartilhamento, 24% texto e 6% eventos.

³² FACEBOOK. Ocupa Adata. Página. Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAdata/photos/a.1570295473299763/1581445458851431/?type=1&theater> Acessado em 20. Nov.2018.

³³ LIVRE, Grêmio. Manual: Como ocupar um colégio. 2015. Disponível em: <https://gremiolivre.files.wordpress.com/2015/10/como-ocupar-um-colc3a9gio.pdf> Acessado em. 23. Fev. 2018.

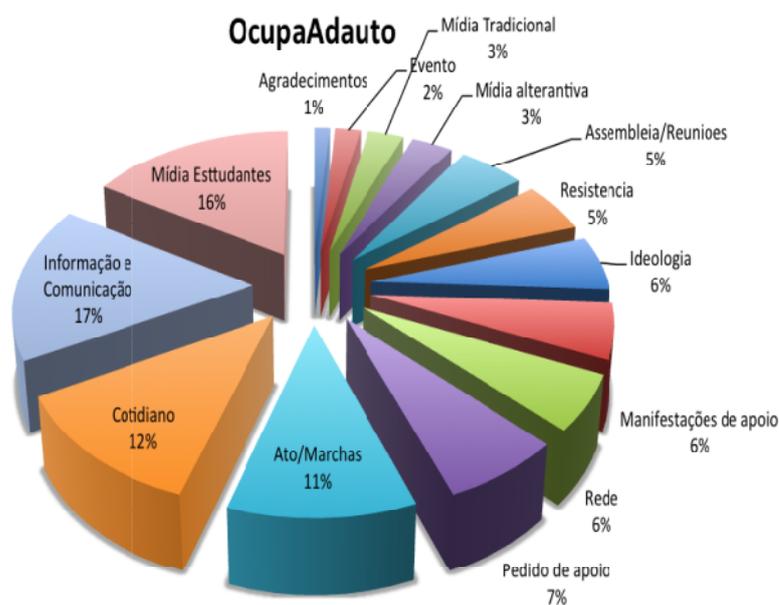
Gráfico 3: Análise de conteúdo do @ocupaadauto.



Fonte: Autor, com base na tabela da análise de conteúdo do @ocupaadauto.

Na análise das postagens por categorias, percebemos que 17% é de informação e comunicação; 16%, mídia dos estudantes; 11%, de atos e marchas; 12%, fala sobre o cotidiano nas escolas. Essas são as categorias com maior número de posts.

Gráfico 4: Análise de conteúdo do @ocupaadauto, por tema.

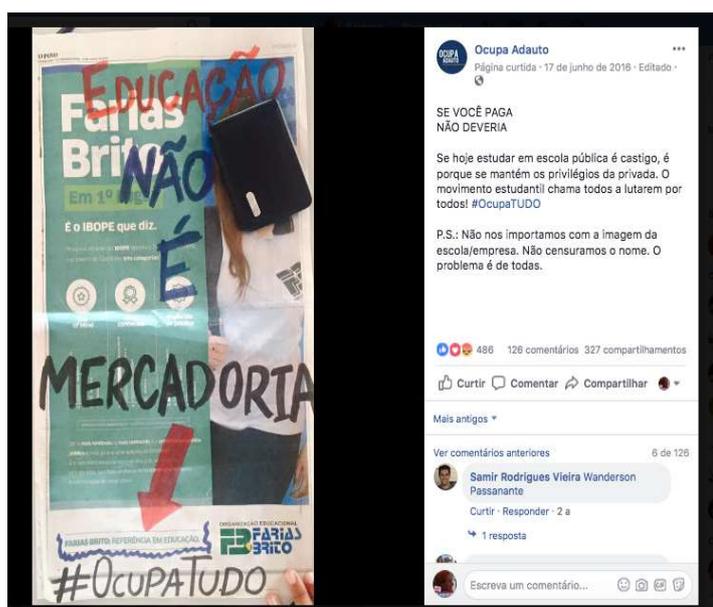


Fonte: Autor, com base na tabela da análise de conteúdo do @ocupaadauto.

Analisando os posts a categoria IDEOLOGIA possuía uma das postagens com maior número de reações. É a postagem que critica a educação voltada para a política neoliberal. Essa postagem possui 486 reações, 126 comentários e 327 compartilhamentos. É uma crítica à educação tratada como mercadoria. No post, eles pegam um anúncio de um colégio particular bastante conhecido por tirar os primeiros lugares em vestibulares e Enem e criticam essa educação voltada para a eficiência e eficácia da qual tratamos no primeiro capítulo. “Se você paga não deveria. Educação não é mercadoria” é o que fala o texto riscado sobre o anúncio de uma escola privada local.

Um dos posts mais polêmicos, mas que demonstra um debate bem profundo sobre a educação em tempo real com a internet mediando a comunicação entre visões diferentes de um mesmo sistema educacional.

Figura 19: postagem no @ocupaadauto.

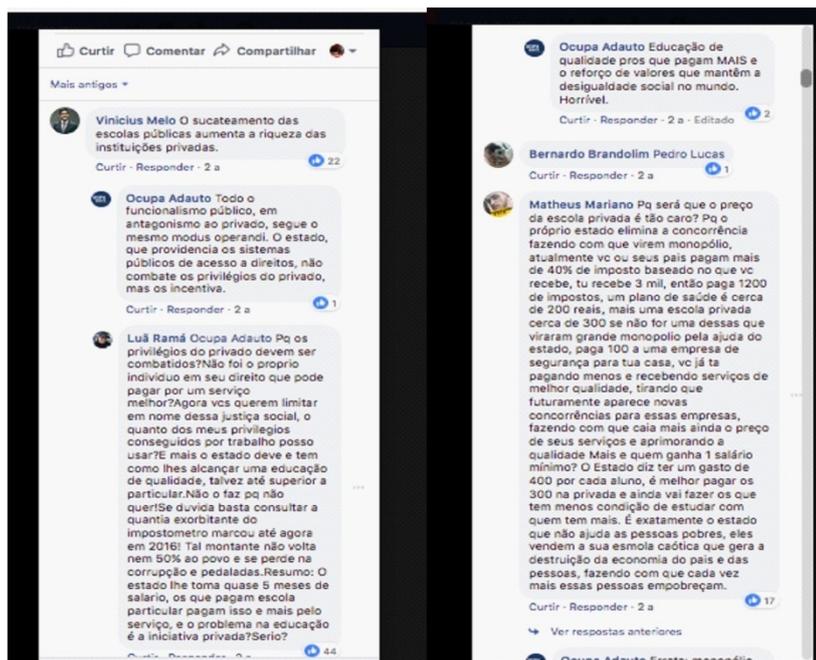


Fonte: Facebook.

Nos comentários, há um debate real entre os estudantes sobre o que acreditam que seja a educação. Importante mostrar o ponto de vista dos estudantes contra e a favor da ideologia colocada no Post. Há um debate longo sobre a questão da educação em que um dos alunos representantes da ocupação fala que o sucateamento das escolas públicas aumenta a riqueza das instituições privadas, no qual ele coloca que, ao fazer isso, o governo incentiva as pessoas a estudarem cada vez mais nas escolas privadas. Então, uma aluna questiona sobre o porquê dos privilégios dos privados devem ser combatidos. Interessante perceber o debate sobre pontos de vistas diferentes sobre a educação no qual alunos, através da conversação nas

redes, a partir da apropriação dessas redes, são capazes de mostrar o que esses estudantes pensam, constroem e compartilham ideias e ideais. Segundo Recuero (2014), essas conversas públicas e coletivas influenciam a cultura e constroem fenômenos, organizando protesto, criticam e acompanham as ações políticas e públicas. Para ela, é nessa conversação em rede que nossa cultura está sendo interpretada e reconstruída.

Figura 20: comentários na página @ocupaadauto.



Fonte: Facebook.

O Segundo post mais comentado foi o anúncio de 10 escolas ocupadas, com 401 reações, 21 comentários e 130 compartilhamentos. Colocamo-lo na categoria REDE, pois esse post tinha o poder de formar a rede de escolas no Ceará, incentivando as demais escolas ocuparem. Os comentários são positivos, incentivando as ocupações, vários estudantes comentam sobre ocupar outras escolas, ocupar o Liceu do Conjunto Ceará. Interessante perceber, aqui, a troca entre pessoas que se conhecem, que não se conhecem ou que se conhecerão, compartilhando entre si uma opinião.

O terceiro post do cadeiraço, com 360 reações, entra na categoria ATO/MARCHAS, mobilização no qual os estudantes foram à rua, na Avenida 13 de maio, com as cadeiras de sala de aula, fecharam a rua, manifestando contra a precarização das escolas, a favor de melhoria na merenda escolar e passe livre e a pauta dos professores.

Figura 21: postagem cadeiraço na página @ocupaadauto.



Fonte: Facebook.

Em vários momentos das ocupações, os estudantes ocupam o espaço público, seja nas escolas, na rua, nas praças, na SEDUC-CE, na assembleia legislativa³⁴, em todos os momentos, é compartilhado nas redes sociais da internet.

Um post importante dentro da categoria COTIDIANO, foi um vídeo criado por eles que contava a história do movimento, como eles fizeram a ocupação, mostrando o cotidiano, na limpeza da escola, a divisão por comitês, e a alimentação, como eles recebiam de doação das pessoas que visitavam. O Vídeo³⁵ falava das dificuldades, dentre eles a definição da continuidade do movimento, a convivência deles dentro da ocupação, o aprendizado, e a relação com a família. Para eles a ocupação é uma forma de reorganizar a escola, mudar o País, harmonia, união. O mesmo vídeo mostrava alguns atos, onde os estudantes foram pra rua. Falava sobre as reivindicações, como a melhoria na merenda escolar. Em um determinado momento do vídeo aparece uma mãe que dá um depoimento sobre as ocupações, também expõe momentos artísticos na qual alunos dançaram e aprenderam mais sobre arte, ao final eles colocam: Foram 103 dias de muita luta e muita resistência para garantir o meu, o seu, o nosso futuro.

³⁴ Manifestação na Assembleia Legislativa do Ceará. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivoNigeria/videos/1185136218227181/?fref=mentions> Acessado em: 10.Out.2018.

³⁵ FACEBOOK. Ocupa Adatao. Vídeo.2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAdatao/videos/1636461693349807/> Acessado em 23.Fev.2018.

Para os estudantes do Aداuto Bezerra, as ocupações se tornaram também um grande centro cultural, atividades como saraus, shows, eventos, apresentações de danças, teatro, oficinas, aulas, espaço de debates:

Tinham oficinas, tinham debates sobre ditadura militar, sobre gênero, sobre meio ambiente, sustentabilidade, cine debate, oficina de defesa pessoal, culinária, teve uma galera da gastronomia da UFC que foram dar oficinas pra gente. (Depoimento aluna do Colégio Aداuto Bezerra, no dia 19/05/17).

O aluno do Colégio Aداuto Bezerra complementa:

Teve aluno que chegou pra gente e disse a gente tá aprendendo cada coisa que a gente não aprendia na escola fora aulas, tinha aula até de botânica (Depoimento aluno do Colégio Aداuto Bezerra, no dia 19/05/17).

E a aluna volta a fala para completar:

A gente revitalizou a horta. Antes de revitalizar a horta, a gente teve aula de como poderia fazer, como fazer mini horta em casa, é porque assim quem vê de fora preza mais pelos defeitos, mas quem tá dentro reconhece os defeitos, mas sabe que aquilo é importante. que aquilo tá fazendo diferença tá fazendo coisa nova na sua vida pra aprender. Quem realmente participou sabe que teve mais pontos positivos do que negativos. (Depoimento aluna do Colégio Aداuto Bezerra, no dia 19/05/17).

Interessante destacar a criatividade dos alunos a partir de posts como vídeo citado na página anterior e também postagens com memes da internet (figura 22 a esquerda), “Como eu me sinto quando....”. Uma brincadeira simpática, mostrando a verdade nas ocupações e a necessidade de apoio. Esse post entra na categoria Mídia dos estudantes, com 16% das postagens na página Ocupa Aداuto.

As manifestações de apoio, que é uma categoria do nosso trabalho, também bastante importante para os estudantes, como no caso de um post do GregórioDuvivier (figura 22 a direita) sobre as escolas no Brasil: “Quem acha que a juventude está perdida não frequentou nenhuma escola ocupada”. Esse post dá um apoio e uma lisura à ocupação, a juventude perdida é um jargão usado pelos mais velhos, no qual a juventude não tem direção, não tem foco, e, quando ele coloca esse post, e os estudantes compartilham, quer dizer que sim, eles têm um foco, e lutam por ele. Por uma educação melhor.

Figura 22: postagem @ocupaadauto



Fonte: Facebook.

Também destacamos o apoio da mídia alternativa na cobertura de todas as ocupações, tanto que decidimos criar a categoria de Mídia Alternativa. Os coletivos de mídia alternativa acompanharam o dia a dia, os eventos, atos e demais atividades nas ocupações. Fizeram vídeos e compartilharam nas suas páginas, como no Caso desse vídeo da Nigéria. Postado no dia 24 de junho e compartilhado no mesmo dia na página @ocupaadauto no qual mostra o ato dos estudantes das escolas no Bom Jardim. Os estudantes criaram uma proposta com 25 cláusulas, sintetizando as principais demandas dos estudantes. O TAC (termo de ajustamento de conduta) foi entregue a SEDUC em julho de 2016, porém somente em 30 de agosto foi assinado o termo.

A pressão começou a ficar maior em agosto de 2016, quando o movimento dos estudantes contrários à ocupação, o desocupa, começou uma pressão nas redes sociais. Além disso, o governo começou a querer negociar isoladamente com os estudantes, e eles não queriam, pois assim perdem a força.

A desocupação da Escola Adauto Bezerra se deu no dia 16 de agosto de 2016, com a reunião entre os estudantes que ocorreu na sexta feira, 12 de agosto. O post do dia 16 de agosto dizia:

Sexta feira, ocorria uma reunião na SEDUC, onde os ocupantes negociavam com a representante do Secretário da Educação, as pautas individuais da escola. Também ocorria no Ministério Público, uma reunião com a Defensoria Pública, para tentar

conseguir a assinatura do Ministério no TAC, que era a condição posta por Idilvan. O documento foi refeito e entregue no mesmo dia ao Secretário, que se comprometeu de dar resposta na próxima terça-feira, 16.” (Post, dia 16 de agosto de 2016, na página @ocupaadauto).

A desocupação do Aداuto só aconteceu após a entrega do TAC a Secretaria de Educação:

Tinham umas escolas que estavam desocupando, quando a gente desocupou a maioria das escolas já estavam desocupadas. Já tinham completado três meses. O TAC já estava na secretaria de educação para ser assinado. Mesmo desocupando, a gente disse que ia ficar em cima. Quando o TAC foi assinado, a galera saiu gritando e leu o TAC em voz alta. (Depoimento aluno colégio Aداuto Bezerra, no dia 19/05/2017)

No dia 30 de agosto de 2016, foi assinada a TAC pelo Idilvan Alencar, Secretário de Educação, que prometia, em dois anos, cumprir pautas de melhorias nas escolas do Ceará. As reivindicações do documento pediam melhoria na merenda escola, na infraestrutura das escolas, nos laboratórios, dentre outras pautas, porém uma das pautas fundamentais foi retirada que era a do Passe Livre, muito importante para os estudantes “Uma das coisas que tinha no TAC e foi retirada foi o Passe livre....A questão do transporte a gente queria muito, pois tinham pessoas da cidade toda que moravam em pontos distantes”. (Depoimento aluno da Escola Aداuto Bezerra).

Para os estudantes eles saíram vencedores, pois conseguiram algumas pautas importantes para educação, dentre elas uma gestão mais democrática, melhoria na merenda escola, melhoria na infraestrutura.

4.1.2.3 Ocupação Liceu do Conjunto Ceará - @ocupalcc

Figura 23: Página do @ocupalcc



Fonte: Facebook.

A ocupação do Liceu no Conjunto Ceará se deu no dia 13 de maio de 2015. A página foi criada no mesmo dia da ocupação. Os estudantes do Liceu já vinham participando de assembleias e debatendo a ocupação.

O Colégio Liceu do Conjunto Ceará possui uma boa infraestrutura de salas, espaço. No meio da escola, existe um pátio arborizado com um espaço de apresentação, bancos e cadeiras. Em volta da escola, ficam as salas. O colégio possui dois andares, as salas são amplas e arejadas; em algumas, existe ar condicionado, biblioteca, auditório, laboratórios de informática, ciências, e um estúdio de rádio. Possui uma cantina e, durante a ocupação, os alunos construíram uma horta. A quadra poliesportiva da escola fica ao lado do colégio e é utilizada por toda a comunidade.

Pelo depoimento dos alunos, a ocupação se deu devido a alguns direitos importantes dos professores e também dos alunos como a merenda escolar de qualidade, o passe-livre no transporte público, a gestão mais participativa, apesar da gestão da diretora da escola já ser bem participativa. Os alunos são bem politizados, debatem e a diretora da escola tenta fazer uma gestão mais democrática.

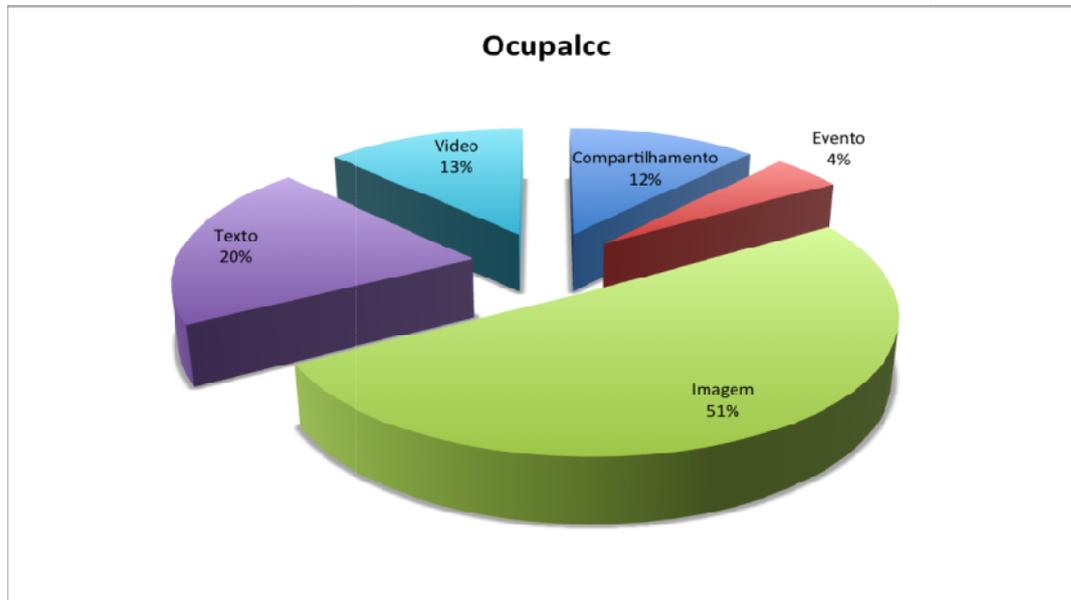
Em várias escolas devem ter tido um início diferente. A motivação surgiu das ocupações de São Paulo. A inspiração veio inicialmente no Chile, dessa iniciativa para São Paulo e Rio e veio parar aqui em Fortaleza. Surgiu por uma revolta da gente, a questão da estrutura das escolas, uma gestão que não tem nada de democrática, merenda que foi o nosso principal foco, ainda eh, 0,30 para cada um. e

quando tinha lançado a portaria PEC estadual sobre a lotação dos professores, eles liberaram essa portaria no final de dezembro, todo mundo com sua família, ninguém ia se importar tanto com a chegada dessa portaria. Eles deviam pensar assim, aí no fim vai se lembrar disso. Só que o tiro saiu pela culatra, a gente começou a se revoltar, professor é meu amigo mexeu com ele mexeu comigo. Muitos aqui têm o sonho de ser professor. Eu quero ser professora e eu me senti no lugar deles. Aquilo ali seria meu futuro também (Depoimento aluna Colégio Conjunto Ceará em 05maio de 2018).

A luta dos estudantes do Colégio Liceu do Ceará era por todas as escolas e pelos professores, pela melhoria da educação, a página do @ocupalcc não possuía tantas curtidas e seguidores como a @ocupaadauto e @ocupacaic. No dia da análise o @ocupalcc possuía 977 pessoas que curtiam 973 seguidores. A análise que faremos como já foi explicado anteriormente, será entre os dias 01 de maio de 2016 a 31 de agosto de 2016. Nesse período, foram realizadas 165 postagens, 378 comentários e 4.177 reações.³⁶

Os tipos de posts da página @ocupalcc são bem variados, sendo 51% dos posts imagens, 20% texto, 13% vídeo, 12% compartilhamento e 4% eventos. Isso quer dizer que, em sua grande maioria, fotos, layouts produzidos pelos estudantes se destacaram na página.

Gráfico 5: Análise de conteúdo do @ocupalcc.



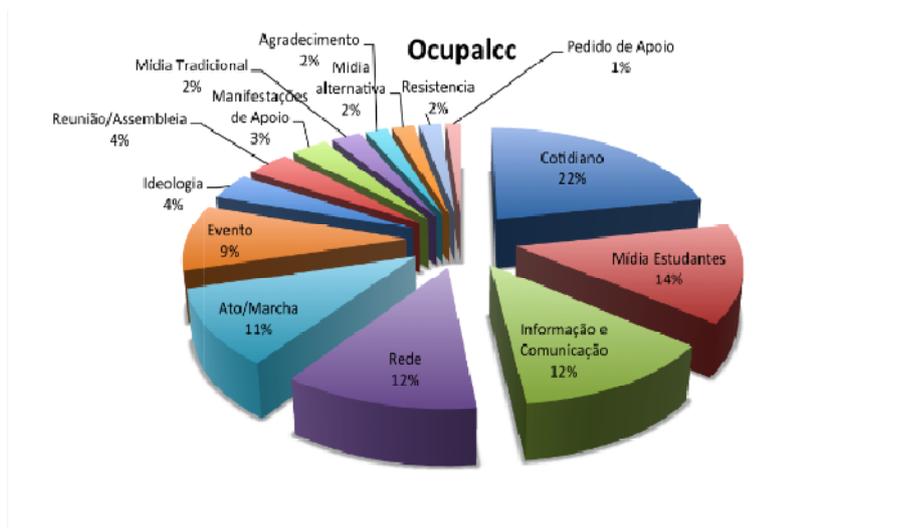
Fonte: Autor, com base na tabela da análise de conteúdo do @ocupalcc.

Percebemos que, na página do @ocupalcc, os temas das postagens são bem variados e possuem igualdades de porcentagem. 22% falavam do cotidiano nas ocupações;

³⁶ Fonte: Netvizz, coleta realizada dia 23 de setembro de 2018.

14%, mídia produzida pelos estudantes; 12%, informação e comunicação; 12%, rede; 11%, ato/Marcha; e 8% eventos.

Gráfico 6: Com base na tabela da análise de conteúdo do @ocupalcc, por tema.



Fonte: Autor, com base na tabela da análise de conteúdo do @ocupalcc.

A postagem com maior número de reações foi sobre a desocupação do Liceu no dia 08 de agosto. A postagem agradecia a todos os estudantes e apoiadores do movimento, também teve o maior número de comentários (40) e compartilhamentos (29), muito próximo a essa postagem onde os estudantes mostravam a limpeza da escola, para entregar de volta à diretoria obteve 91 reações e 10 compartilhamentos.

Figura 24: Postagem sobre a desocupação do @ocupalcc.



Fonte: Facebook.

Ontem (7), o Liceu do Conjunto Ceará foi desocupado pelos estudantes que ocupavam a escola desde o dia 12 de maio, lutando e resistindo contra os ataques do governo Camilo Santana. Foram quase 3 meses de resistência, e durante esse período nós realizamos inúmeras atividades internas, como oficinas de cartazes, de dança, de artes e debates com assuntos sociais que envolvem nossa educação. Com a unificação do movimento estudantil de outras escolas ocupadas junto da defensoria pública, criamos o TAC (Termo de Ajustamento de Conduta) com as nossas reivindicações; entre elas estão a qualidade da merenda, o passe livre estudantil, etc. Este documento, deve ser entregue ao governador Camilo Santana junto com 6 estudantes de cada regional e a defensoria pública. A escola foi desocupada, mas a nossa luta ainda não acabou, estamos firmes e unidos, vamos lutar com toda nossa garra para garantir os nossos direitos. O movimento estudantil do Liceu do Conjunto Ceará agradece aos professores e a coordenação do colégio que nos apoiaram nessa luta e à comunidade. (Depoimento retirado da página no facebook OCUPALCC, 2016.)

Os comentários da postagem são cheios de característica da escrita oralizada, demonstrando que os interagentes queriam demonstrar os sentimentos. O uso do emoticons: :((triste), também <3 (corações), força \m/ (bracinho levantado), além das onomatopeias como o uso da palavra (ohhh e uhuuuu).

Figura 25: Comentários sobre a postagem da desocupação, página @ocupalcc



Fonte: Facebook.

Outra postagem em destaque, com uma quantidade de reações, foi a matéria sobre a ocupação do Liceu no CeTV, na Globo local. A categoria trabalhada, nessa postagem, foi a

de mídia tradicional. A matéria³⁷ foi compartilhada na página do @ocupalcc no dia 13 de julho de 2016, onde os estudantes questionaram o teor da matéria, combatendo a grande mídia. A postagem denunciava a matéria. Esse post foi interessante porque vários alunos comentaram: 17 comentários e 31 compartilhamentos.

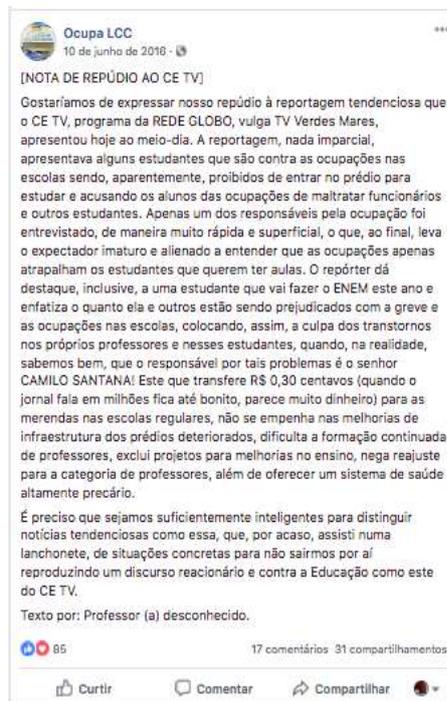
Figura 26: Postagem página @ocupalcc.



Fonte: Facebook.

³⁷ G1. Com greve no Ceará, alunos se dizem prejudicados para o Enem. 2016. Disponível em: http://g1.globo.com/ceara/cetv-1-dicao/videos/t/fortaleza/v/com-greve-no-ceara-alunos-se-dizem-prejudicados-para-o-enem/5085074/?fbclid=IwAR3liXN-SlgRZI4UNrrdsnetthiw3ktvPA5X8_wkQaeAGjM-wNn1kJrpep0 Acessado em: 25. Fev. 2018.

Figura 27: Postagem página @ocupalcc.



Fonte: Facebook.

Um dos estudantes colocou nos comentários “reportagem totalmente manipulada, mídia golpista”. As redes sociais têm essa possibilidade de contradizer o que a mídia tradicional diz e também o de pautar a mídia tradicional. Nessa ação, existia uma pressão grande dos alunos que eram contra a ocupação e fundaram o movimento “Desocupa”, onde através das tentativas das redes sociais pressionavam os estudantes da ocupação a desocupar o prédio.

Essa reportagem foi muito debatida pelos estudantes. Durante o grupo focal, o tema apareceu, pois, alguns estudantes eram contra as ocupações e criaram um movimento chamado desocupa Lcc, que logo depois expandiu e ficou conhecido como desocupa Fortaleza. Eles chamaram a televisão para fazer uma matéria sobre o Liceu do Conjunto Ceará. “Aqui no Liceu muitos alunos falavam assim: só sabem comer e dormir. mas muitas vezes a gente tava na palestra. Eram estudantes contra a ocupação e ai começou o desocupa Lcc e depois começou o desocupa fortaleza” (Aluna Colégio Liceu do Conjunto Ceará, depoimento no dia 05/05/2018). Os alunos do “Desocupa” chamaram a televisão para denunciar as ocupações e a proibição de entrada nas aulas. Eles explicam que o portão estava aberto e eles (estudantes desocupa + a Televisão) simularam que estava fechado para mostrar que os estudantes estavam impedindo de entrar na escola para estudar. Como cita o aluno “O repórter gravando e perguntamos vocês querem entrar? E eles: não. Eles faziam pergunta pra

mim e eu respondia e eles cortaram o que eu falei.” (Depoimento aluno do Colégio Liceu do Ceará, no dia 05/05/2018).

Figura 28: Postagem página @ocupalcc, comentários sobre a mídia da televisão sobre as ocupações.



Fonte: *Facebook*.

As postagens, com mais comentários, foram a do post do CETV, citado acima, e, também, o dia da desocupação. Na maioria dos comentários a palavra ocupar e resistir estão presentes. Ela representou uma grande parte das postagens nas redes sociais da internet e também em cartazes e faixas nas ocupações nas escolas e nos atos. Virou um símbolo de representação do movimento. A escrita oralizada está presente nos comentários do post em vários momentos, quando um dos estudantes coloca “ri e senti um certo ódio” acrescido de carinhas de risada e raiva para expressar na escrita o que não pode fazer em gestos.

Sobre a quantidade de compartilhamento, o post com maior quantidade foi o do dia 28 de junho no qual mostrava a violência dos policiais³⁸, em um ato dos estudantes. A postagem obteve 34 reações, 2 comentários e 57 compartilhamentos.

No mesmo dia, foi feito outro post com mais fotos, com 25 reações, 7 comentários e 9 compartilhamentos. Alguns criticaram a ida dos estudantes a assembleia do Sindicato dos Servidores Públicos lotados nas Secretarias de Educação e de Cultura do Estado do Ceará e nas Secretarias ou Departamentos de Educação e/ou Cultura dos Municípios do Ceará

³⁸ Manifestação de estudantes e ato de violência policial contra os estudantes. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/escolascemluta/videos/501768253367681/> Acessado em: 15.Out.2018.

(APEOC), já que não haviam sido convocados e invadiram o local, porém os alunos defendiam a importância de eles participarem da Assembleia.

Figura 29: Postagem página @ocupalcc, comentários sobre atos de violência contra os estudantes.



Fonte: *Facebook*.

O tema cotidiano teve 22% das postagens. Aqui podemos colocar, claramente, a importância que os alunos percebiam de informar à sociedade o que estava acontecendo dentro das escolas: estavam limpando a escola, mantendo, e promovendo oficinas com debates sobre direitos e minorias importantes no aprendizado e na construção cidadã dos alunos, como podemos ver no post abaixo:

Figura 30: Exemplo de categoria Cotidiano, página @ocupalcc.



Fonte: *Facebook*.

Todos os dias eles trocavam experiências entre si e com professores, profissionais, sociedade em geral, através de conversas, aulas. No caso, o autor do filme “La RebelionPinguina”, Carlos Pronzato, foi até a escola Liceu do Conjunto Ceará debater sobre o filme e a experiência de ter feito e logo depois deu uma entrevista na Rádio³⁹ da escola para os estudantes.

Uma outra categoria muito importante, com 14% dos posts, é a categoria mídia produzida pelos estudantes. Nessa categoria, colocamos material produzido nas ocupações e também layouts criados pelos estudantes e compartilhado nas páginas. Abaixo, um painel criado e produzido pelos estudantes, o qual fala sobre a luta deles no movimento, mais investimento, mais livro, mais espaço de debate, mais de 0,30 centavos, quadra poliesportiva. De uma forma criativa, eles fizeram um mural na escola e compartilharam nas redes, deixando claro o que as ocupações queriam.

Figura 31: Exemplos de categoria Mídia Estudantes. Painel sobre as reivindicações dos estudantes, compartilhado nas redes, página @ocupalcc.



Fonte: Facebook.

Outra postagem importante dentro da categoria MÍDIA DOS ESTUDANTES, que podemos analisar, foram os cartazes produzidos por eles contra o preconceito e sobre discussão de gênero, compartilhado nas redes e colado nas paredes da escola. Na luta contra a homofobia, o racismo e qualquer forma de opressão.

O cartaz, como dispositivo de mídia, era colado nos muros das escolas, levado para as manifestações e atos na rua e também compartilhado nas redes sociais. Uma das

³⁹ Entrevista com o cineasta Carlos Pronzato. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupalcc/videos/812476728884294/> Acessado em 24. Fev. 2018.

oficinas do Liceu do Conjunto Ceará foi a produção de cartazes feministas, compartilhado nas redes e convidando os estudantes a comparecerem. Nesse processo de aprendizado, de produzir material e compartilhar na internet trouxe aos estudantes uma construção cidadã, ao escrever, desenhar, eles começam a pensar sobre aquilo, a partir de um debate que começa na produção nas escolas e vai para as redes sociais da internet e a partir da mediação do computador os estudantes se apropriam de sua ideia e debatem a respeito.

Figura 32: Postagem página @ocupalcc, oficina de cartazes feministas.



Fonte: *Facebook*.

A informação e comunicação foram 12% das postagens no Ocupalcc. Diariamente, eles informam os acontecimentos da ocupação, deixando transparente o que acontecia dentro da escola. Essa também era uma das sugestões do manual de ocupação nas escolas, que dizia para que uma das comissões fosse responsável em se comunicar com a imprensa e das postagens para deixar claro o que estavam fazendo ali dentro e as decisões que foram tomadas e as regras da ocupação.

Percebe-se que a comunicação desenvolvida pelos meninos e meninas, nas ocupações, era algo transparente, real. Eles colocavam e compartilhavam o que estavam vivendo, aprendendo, criando empatia com o público, em uma comunicação não violenta, em busca da luta e da resistência, em prol da educação que acreditavam ser a ideal. Aprenderam no dia a dia a se comunicar e a ser sujeito de si, compreendendo o mundo, percebendo a sociedade e aos outros do qual convivem, tornando-se cidadão. Um ponto a se analisar é o discurso deles com as instituições (polícia, imprensa, sociedade, governo e a escola), onde

estudantes, como interagentes, produtores, emissores e receptores de conteúdo, conversaram nas escolas e nas redes sociais da internet.

4.1.3 A comunicação comunitária em rede a construção cidadã dos estudantes

Um dos legados deixados pelas ocupações das escolas é o processo de construção cidadã e educacional dos estudantes. Eles construíram significados interagindo entre si, comunicando-se e trocando experiências, por meio das redes sociais da internet (*Facebook* e *WhatsApp*) e, também, nas mediações e interações dentro da ocupação do espaço das escolas.

Aprenderam a conviver entre si, criaram conexões e interações com a comunidade, professores, pais e demais simpatizantes do movimento, trazendo um novo olhar sobre si e o mundo. Em vários momentos da pesquisa, percebe-se o legado deixado pelo movimento a partir da experiência obtida durante os três meses de convívio nas escolas. Os estudantes transformaram-se. Com certeza, eles não serão os mesmos do primeiro dia das ocupações.

Esses estudantes aprenderam, produzindo conteúdo, no debate dos comentários, nos posts e, dentro da própria escola. Eles, a partir dessa troca, foram construindo argumentos e entendimentos sobre o que acreditavam, obtendo conhecimento, construindo assim sua cidadania.

Segundo Peruzzo (2009), o meio de comunicação serve muito mais do que difundir conteúdos, mobilizar e conscientizar. A participação dos atores sociais na elaboração de conteúdo e todo o processo comunicativo é educativo, pois possibilita que a pessoa se sinta sujeito, aprendendo a compreender o mundo, perceber a sociedade, desenvolvendo-se intelectualmente, tornando-se cidadão e, a partir daí, pode interferir em seu entorno, visando assegurar os direitos. Como diria Paulo Freire, o sujeito age como cidadão ativo. Essa voz do sujeito deve ser difundida, não apenas através da voz humana, mas, também, através dos meios de comunicação. Para ela, o ser humano é um ser em construção, assim como a sociedade e os direitos humanos ampliam esse processo social. (Peruzzo. 2009, p. 42).

Peruzzo (1999) acredita que os meios de comunicação comunitário-populares têm o potencial de serem um processo de organização popular carregados de conteúdos informacionais e culturais, possibilitando a participação direta no planejamento, produção e gestão, contribuindo, ainda mais, para a construção cidadã. Ela acredita que o processo educativo de produção de conteúdo das mensagens dá vazão à socialização do conhecimento e

à compreensão das relações sociais, esclarecendo sobre os direitos, sobre o País e a possibilidade de debater sobre esses direitos e deveres, levando a uma participação política.

A participação das pessoas na produção e transmissão das mensagens, nos mecanismos de planejamento e na gestão do veículo de comunicação comunitária contribui para que elas se tornem sujeitos, se sintam capazes de fazer aquilo que estão acostumadas a receber pronto, se fazem protagonistas da comunicação e não somente receptores. (Peruzzo, 1999, p. 219).

Segundo Castells (2013), é importante enfatizar o papel da comunicação na formação e nas práticas dos movimentos sociais, pois as pessoas só podem desafiar a dominação conectando-se entre si. E a forma de se conectar depende das redes de comunicação interativas, e a forma de comunicação horizontal baseia-se na internet e redes sem fio, interagindo com a comunicação e com o espaço urbano.

Percebemos as ocupações a partir do ser humano como sujeito de si e do diálogo e da troca de experiências. Dentro das ocupações, os estudantes realizaram incansavelmente a comunicação pelo diálogo e a partir do diálogo, que foi uma das principais características da ocupação. Os estudantes aprenderam, ouviram, falaram, nos grupos focais, o que eles mais me contaram era a quantidade de vezes que estavam em contato com o coletivo a partir de reuniões, assembleias, onde tudo era debatido e discutido, de forma horizontal, valendo-se da comunicação interpessoal e grupal. Como cita uma aluna do @ocupalcc:

A comunicação era muito engraçada porque tinha as reuniões por regionais, da regional a gente via o que tava acontecendo nas outras escolas e passava pra assembleia imagina mais de 60 escolas ocupadas e várias pautas pra fazer, quantos horas era uma reunião, 4 horas, cinco horas, era muita reunião, reuniões em locais diferentes. (Depoimento aluna do Colégio Liceu do Conjunto Ceará, no dia 05/05/2018).

Também se tornaram sujeito de si, ouvindo a si e o outro, protagonizando as disputas, a partir da resistência e da luta. Os estudantes conduziram seus destinos, criaram a escola que acreditavam, abriram as portas para que pudessem trocar experiências com outras pessoas. E se aceitar, de sentir que pode conseguir. No grupo focal no colégio Liceu do Conjunto Ceará, uma aluna coloca o sentimento pós-ocupação:

Aceitação. Eu me aceitei bastante dentro da ocupação, de liberdade de sentir que você pode, você consegue, se você tiver a força de vontade e o poder de resistência. Tipo que você tá presa. você só consegue ver aquilo ali, aí você consegue se libertar. Foi um crescimento. Sair da bolha. A partir do momento da ocupação. a gente sai da bolha, a gente vê com outros olhares, a gente consegue ver o lado da diretora, do

professor, do estudante, a gente consegue ver tudo. (Depoimento aluna Colégio V7, no dia 05/05/2018).

O pensamento crítico e a aderência são princípios que Peruzzo (2017), usando a pedagogia da libertação de Paulo Freire nos coloca. A aderência fala sobre a importância de entender em qual ambiente a comunicação comunitária se desenvolve para que seja respeitada a cultura local e as atividades populares definidas de acordo com o grupo estabelecido, as ocupações foram criadas pelos estudantes a partir de cada escola e dentro de um coletivo em rede. Existia uma dinâmica na rede e uma dinâmica dentro das escolas, em uma visão global/local, na qual cada escola teve suas lutas individuais e também participou das lutas coletivas.

Entender que a leitura e o debate devem ser estabelecidos a partir de uma percepção crítica da realidade, no exercício de pintar, desenhar, escrever cartazes, faixas, fazer vídeos, ler, comentar e compartilhar. Os estudantes já estavam desenvolvendo o pensamento crítico. Ao pensar sobre o fazer, ele já inicia o processo do despertar crítico.

A comunicação autônoma que Castells (2013) e a comunicação-ação para prática da liberdade como Peruzzo (2017) estão inseridas no mesmo olhar, no qual ao se comunicar o ator social se liberta, pois obtém autonomia. O exercício de se comunicar, dando voz ao seu saber, é uma libertação. É dentro desse contexto que as novas tecnologias da informação aparecem, transformando o antigo receptor em interagente se apropriando das redes, tornando-se sujeito de si.

Pra mim a ocupação foi um momento de formação política pra mim principalmente. eu já gostava, eu já conhecia, eu já participava de movimento, mas eu nunca tinha tido algo tão presente na minha vida. Eu tive que tá realmente ali foi na prática. foi também tipo foi o meu momento de revolta que você sabe, você percebe que secundaristas não é só aquele garotinho que fica na sala de aula escutando tudo. Só tá na sala de aula escutando o que o professor fala. Que a gente teve voz e poder, que a gente realmente foi á luta. de crescimento pessoal e questionamento. (Depoimento Aluna do Colégio Liceu do Conjunto Ceará, em 05/05/2018).

E, por fim, a comunicação como transformação social. A comunicação popular, alternativa e comunitária inserida dentro das ocupações, a partir do diálogo e do ato de produzir e fazer, dando voz e vez, fomentou um processo de educação informal que favoreceu à conscientização dos alunos e alunas, no desenvolvimento social e na construção da cidadania.

Eu digo que foi a melhor experiência que eu vivi na minha vida foram as ocupações
Eu sinto muita saudade, o Facebook está mostrando as lembranças que fez um ano e

aí eu fico meu deus que saudade do stress, das brigas. Acho que foi a melhor experiência que eu já tive, porque no meu caso eu estudei em escola particular a vida inteira. Eu só fui pra escola pública no segundo ano. Eu tinha muito preconceito contra a escola sobre a marginalização e eu tive muito essa questão de medo de ir pra escola pública e me integrar dentro da escola, não conseguir estudar. Daí, quando eu entrei no Adatao no segundo ano, e eu vi a realidade de outras escolas, eu comecei a acordar. Minha visão começou a ampliar. Quando eu entrei no Adatao, eu mudei toda a minha vida. minha consciência política mudou depois da ocupação. Minha consciência política expandiu de uma forma que, sem a ocupação e sem o Adatao. eu não seria a pessoa que eu sou hoje. (Depoimento Aluno Colégio Adatao Bezerra, em 19/05/2017).

Para a os estudantes, a ocupação se constituiu numa arma política:

Eu sou do CAIC, na primeira escola ocupada no estado do Ceará. O CAIC ocupou e tinha uns 40 estudantes e eu acredito que 15 ali sabia realmente o que era a ocupação. O que a gente realmente queria e o que estava tentando fazer ali e foi incrível porque com o passar do tempo nas formações a galera foi se conscientizando sobre o que estávamos fazendo ali. os alunos hoje continuam na rua, continuam lutando e isso é importante e a gente tem que entender foi fruto da ocupação, foi um despertar político que a ocupação trouxe, porque apesar da ocupação ter sido muito marginalizada aqui no estado do Ceará, e nós sabemos que a ocupação foi um ato totalmente educacional, eu falei por professores que eu não tinha aprendido a tanto tempo de sala de aula. eu aprendi na ocupação. Eu achei que foi um processo importante na formação. É importante entender que os alunos realmente entenderam o que foi passado e hoje no CAIC a gente une santo Amaro e as escolas do bom Jardim, a gente lotou um ônibus. a gente entende que o ganho das ocupações foi esse. A gente vê hoje um aluno de 15 anos falando de política, eu não tinha isso no meu cotidiano pra sentar com meu amigo e falar sobre a política do nosso país e depois da ocupação a gente tá em uma roda de conversa, os alunos hoje em dia fala que tem poder. Isso é importante, A pessoa reconhecer seu poder, é muito gratificante para gente que foi ocupante. que alunos de 15, 16 e 17 anos que não tinham uma consciência política que não sabia porque estava ocupando, que antes (Depoimento Aluna do Colégio CAIC, em 06/05/2017).

E eles continuam lutando, na comissão popular pela educação, nas universidades, já que muitos deles estão lá dentro; nas manifestações de rua, praças, nos atos e marchas. Esse foi só o começo de uma geração que poderá fazer a diferença no País.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando escolheu-se estudar o fenômeno das ocupações das escolas no Ceará em 2016, sabia-se do grande desafio que tínhamos pela frente. O objeto era transdisciplinar, ele perpassa por várias áreas de estudos, comunicação, história, sociologia, antropologia, ciência da informação, educação, políticas públicas e se entrecruzam. Um objeto riquíssimo que debatia sobre os jovens nas atualidades, os movimentos sociais e o uso das novas tecnologias da comunicação e informação e as novas formas de convivência coletiva, as mediações, interações e relações sociais, sobre cidadania, mobilização social e política, debatia também outros movimentos sociais que de alguma forma estiveram presentes durante as ocupações, isso nos dava um tremendo desafio: Como estudar um objeto de tamanha complexidade?

A cada conversa com os alunos e alunas o que se via era o orgulho, o orgulho de ter vivido aquele momento, um momento único na vida desses jovens adolescentes. Várias vezes entrei no objeto como se tivesse vivendo os que eles viveram a cada história meus olhos brilharam, como a história de uma aluna do CAIC que tem a família evangélica e nos contou que se não fosse a ocupação teria votado no Bolsonaro, pois ela repreendia seus pensamentos por ser bissexual, e de repente ela se liberta ao se permitir ser quem ela é. Ou a história do aluno do Aduato Bezerra, no qual era distante do pai, o pai não se importava muito com o dia-a-dia dele, a mãe é quem tinha mais proximidade, mas mesmo assim não aceitava o filho ocupando, foi quando ele mostrou vídeos das ocupações de São Paulo e a mãe começou a entender o que o filho queria dizer e até mesmo o pai de alguma forma se aproximou do filho. Sobre a história dos dois irmãos no Liceu do Conjunto Ceará, onde um ocupava as escolas e o outro fazia parte do “Desocupa”, e que mesmo sendo filhos do mesmo pai e da mesma mãe tinham visões diferentes sobre as ocupações. Voltar com eles ao tempo os deixou com saudades e ainda mais orgulhosos sobre o que conseguiram fazer para a melhoria da Educação no Ceará.

A complexidade do tema nos fez enxergar algumas questões, a primeira delas é sobre a categoria movimento social, em qual categoria podemos estudar as ocupações? Após uma análise histórica sobre o movimento estudantil, os movimentos sociais, os novíssimos movimentos sociais em rede, as mobilizações sociais, percebemos que as ocupações das escolas, denominada de Revolta das Canetas, foi uma mobilização social, dentro do movimento estudantil, que durante toda a sua história no Brasil foi construído por esses momentos, atos, mobilizações importantes, como o surgimento da Une, a passeata dos cem mil na ditadura militar, as diretas já, os caras pintadas, as ocupações nas universidades em

2007 e 2008, dentre tantos outros momentos. E que talvez a grande importância do estudo dos movimentos sociais seja entender como e porque os jovens em cada sociedade e sua época atuam, convivem e lutam de forma coletiva (Gohn, 2014, 2017 e Touraine, 2006).

Percebemos que sim há uma nova participação política nos jovens de hoje que não querem ser caracterizados por algum movimento existente, eles querem construir o seu movimento, o seu coletivo, no qual o ator social em conjunto com a sua comunidade crie suas regras de convivência, e que essa convivência seja coletiva, participativa. Esses jovens protagonistas querem ser realmente protagonistas, ele pode até seguir alguns direcionamentos e ensinamentos organizacionais e sistêmicos como referência, como no caso do manual que foi inscrito em São Paulo com base nos estudantes do Chile e da Argentina, mas ele não quer a verticalidade da liderança ele quer construir junto no coletivo do ambiente em que vive. De forma democrática, horizontal e participativa.

Esse jovem da América latina tem suas questões locais também. Ele luta pelo seus direitos e os direitos da sua comunidade como também luta pelo direito maior, do ser humano, ao lutarem pela educação que acreditavam, pela gestão democrática de todas as escolas, contra a escola sem partido, dentre outras questões. Nos depoimentos, eles citam que não negociavam de forma isolada, por escola, com o Governo do Estado. Todas as escolas deveriam estar presente, pois eles compreendiam que a grande força deles, era essa rede criada, dessa forma eles se organizam de maneira local, quando decidem que cada escola deve escolher sua organização, mas de maneira global, quando eles compreende que a luta é maior, é da melhoria da educação no Mundo, no Brasil, no Ceará e conseqüentemente na sua escola.

A ocupação das escolas tem algumas características em comuns com os movimentos em rede, ou seja, os novíssimos movimentos sociais, como o uso das novas tecnologias, as redes sociais da internet, a horizontalidade, a autonomia de comunicação, a formação da própria rede, ser multimodal, estar presente tanto no online como offline, mas a mobilização das escolas tiveram também características próprias, pois criaram uma nova forma de convivência entre si, uma nova socialização. Os estudantes construíram uma nova forma de viver e conviver, em comunidade, construíram a escola ideal, criaram uma nova forma de organização, desenvolveram as atividades que acreditavam que seriam importante para o debate político deles, fizeram a conexão da cidade com atividades extras e também curriculares, exercitam o diálogo exaustivamente, acreditando que só o debate poderia construir essa forma de convivência, produziram discursos, vídeos, cartazes, faixas, imagens em um processo de construção educacional.

Os estudantes querem falar, ter espaço de fala, de escrever, e de pensar e debater sobre suas questões, suas indignações e suas lutas e construir no coletivo seus anseios. A autonomia da comunicação é uma análise chave das novas tecnologias da comunicação. Dentro dessa questão da autonomia da comunicação e do uso das novas tecnologias, os estudantes deixam de ser receptores de meios de comunicação para serem produtores, interagentes.

As novas tecnologias estão transformando o modo de vida. Ao criar redes que compartilham com outras redes e daí se potencializa as lutas. Essas redes na internet fortalecem os movimentos, criando laços e um capital social de uma ideologia política por uma educação de qualidade, não só para eles, pelos o que virão.

O uso das novas tecnologias e as experimentações do uso do celular criando vídeos, imagens, áudio, criação de memes, a edição desses vídeos pelo próprio celular, para mostrar de forma experimental e criativa as ocupações, possibilitando novos formatos e experimentações na comunicação dos estudantes. As novas tecnologias da informação e da comunicação, através da comunicação mediada pelo computador, da conversação na redes, possibilitou que os estudantes que estavam na ocupação e os que não estavam na ocupação, bem como a sociedade em geral, pudessem debater sobre temas e enriquecer o discurso, criando, assim, novas relações sociais, e o debate sobre educação. Além disso, as redes criadas e as trocas de experiências, nas ocupações e nas redes sociais da internet, foram importantíssimas para a mobilização, fortalecimento e para construção cidadã dos estudantes.

O meio de comunicação serve muito mais do que difundir conteúdos, mobilizar e conscientizar, a participação dos atores sociais na elaboração de conteúdo e todo o processo comunicativo são educativos, pois possibilita que a pessoa se sinta sujeito, aprendendo a compreender o mundo, perceber a sociedade, desenvolvendo-se intelectualmente, tornando-se cidadão e, a partir daí, pode interferir em seu entorno, visando assegurar os direitos.

Os estudantes ocuparam as escolas apropriando-se da mesma, com uma ocupação simbólica, da qual impedia o fluxo normal das aulas, mas por outro lado, produzia as aulas que os estudantes gostariam de obter, democrática, participativa, interagindo com diversos profissionais da área de educação, cidadania, direito da mulher, direito do negro, sociedade, direitos LGBTs, aulas, workshops, sobre filosofia, sociologia, eles criaram a escola que gostariam de ter, uma nova escola foi reivindicada. Abriam as portas das escolas para que professores, profissionais, artistas, pudessem ensinar a cultura de participação na mídia, a partir de workshops, oficinas, eles produziram cartazes, faixas, manuais, imagens, vídeos, programas de rádio, entrevistas, além de debates sobre esses processos comunicacionais para

que pudessem produzir seus conteúdos, apropriando-se do espaço da escola e das redes sociais da internet, na luta pelos seus direitos e por uma construção cidadã, criando assim uma comunicação autônoma.

O principal legado das ocupações nas escolas foi o processo de construção cidadã e educacional dos estudantes, eles construíram significados interagindo entre si, comunicando-se e trocando experiências, apropriando-se das redes sociais da internet (*Facebook* e *WhatsApp*), para produzir conteúdo e também nas mediações e interações dentro da ocupação do espaço das escolas. Aprenderam a conviver entre si, criaram conexões e interações com a comunidade, professores, pais e demais simpatizantes do movimento, trazendo um novo olhar sobre si e o mundo. Em vários momentos da pesquisa, percebe-se o legado deixado pelo movimento a partir da experiência obtida durante os três meses de convívio nas escolas: os estudantes transformaram-se, eles não são os mesmos do primeiro dia das ocupações.

Um dos questionamentos que surgiu sobre as ocupações é a efemeridade dela, aconteceu em três meses e depois acabou? Como esses movimentos em rede conseguem se perpetuar sem uma liderança definida? Qual a continuidade desses movimentos? O que farão esses jovens daqui pra frente? Será necessária uma nova forma de se organizar para dar continuidade às lutas e pautas?

Sabemos que os jovens deram continuidade com o FUMEP - Fórum unificado do movimento estudantil, e que depois surgiu uma comissão popular de educação, que acompanha o TAC (termo de ajustamento de conduta) e debate sobre as pautas da educação no Estado e no País. Sabemos também que alguns estudantes entraram para outros movimentos existentes como: Kizomba, Levante Popular, dentre outros. Mas a força da união desta grande rede de escolas no País onde ficou? Se dissipou para essas atividades? Essa organização horizontal democrática se sustenta até que lugar dentro das mobilizações e movimentos sociais?

Ao concluir está pesquisa com essas questões a aprofundar, fica claro que eles formaram uma nova convivência dentro de um ambiente educacional, dentro do espaço da instituição escola como mediadora. Os estudantes lutaram, tentaram e conseguiram conquistar suas reivindicações em diversas escolas no Ceará, que a rede das escolas no Brasil fortaleceu o movimento, criou laços e construiu um capital social, que a partir da ocupação do espaço, do diálogo, apropriando-se das redes sociais da internet e da conversação nesse ambiente, obtendo autonomia de comunicação, os estudantes tornaram-se sujeito de si, cidadãos conscientes de seus direitos, e que sim os movimentos sociais, independentemente de sua

época provocam mudanças no mundo, na sociedade e nas pessoas, e essa transformação social deve ser a essência humana.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Pedagogias em Movimento – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais? Minas Gerais: **Currículo sem Fronteiras**. v.3, n.1, (Jan/Jun). 2003. p. 28-49. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/arroyo.pdf> Acessado em: 10.Jan.2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.

BONIN, Jiani. **PESQUISA EXPLORATÓRIA: reflexões em torno do papel desta prática metodológica na concretização de um projeto investigativo**. XXI Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Juiz de Fora. 12 a 15 de junho de 2012. Anais. 2012. p.1-14. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1939.pdf Acessado em: 30.Nov.2018.

BRAZ, Marina A.; CARLOS Caio A. F.; SOUSA, Edivania M. **Ocupações das escolas públicas no Grande Bom Jardim**. Fortaleza: Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa, 2018.

BRIGNOL, Liliane Dutra. **Migrações transnacionais e usos sociais da internet: identidades e cidadania na diáspora latino-americana**. 2010. 405f. Tese (Doutorado em Comunicação) Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2531> Acessado em: 10.Out.2018.

BRINGEL, Breno. Ciclo de protestos e lutas estudantis no Brasil. Federação: **Revista Perspectiva Histórica**. n.º2. (Jan/Jun) 2012.p.29-44. Disponível em: <http://perspectivahistorica.com.br/revistas/1434420384.pdf>. Acessado em: 29. Abr. 2018.

_____. O futuro anterior: continuidades e rupturas nos movimentos estudantis do Brasil. São Paulo: **Eccos Revista Científica**. v. 11, núm. 1, (jan-jun), 2009, pp. 97-121. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/715/71512097006.pdf> Acessado em: 28.Fev.2019.

CAMPOS, Antonia J. M; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Marcio M. **Escolas de luta**. Editora Veneta. 2016.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**; 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1999. Disponível: <https://mail.google.com/mail/u/0/#search/canclini/FMfcgxmTnhwltMbktPkHFXQkQhbbXVKl?projector=1&messagePartId=0.1> Acessado: 20.Mar.2018.

CASTELLS. Manuel. **Redes de Indignação e esperança: Movimentos Sociais na era da Internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____, **A autocomunicação de massas segundo Castells**. CMais. 2013 Disponível em: <http://cmais.com.br/educacao/ideias-inovadoras/fronteiras-do-pensamento/a-autocomunicacao-de-massas-segundo-castells>> Acessado em: 30.Nov.2018.

COHEN, Jean L. Sociedade civil e globalização: repensando categorias. Brasília: **SciELO**. vol.46, n.3, 2003. p.419-459. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/dados/v46n3/a01v46n3.pdf> Acessado em: 30.Nov.2018

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo caminho. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2006.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 17ª. ed.1987.

FRIGOTTO, Gaudencio. A Produtividade da Escola Improdutiva 30 anos depois: Regressão Social e Hegemonia às avessas. Niterói: **Trabalho Necessário**. Ano 13, nº 20. 2015. p.206-233. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/8619>
Acessado em: 15. Ago. 2018.

GOHN, Maria da Glória. Artigo: Movimentos sociais na contemporaneidade. Caxambu (MG):**Revista Brasileira de Educação**,v. 16, n.47, (mai-ago)2011. p.333-513.

_____. **Movimentos Sociais e Educação**. São Paulo. Cortez Editora. 2012.

_____. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Civas no Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro. Editora Vozes. Ed. Digital. 2013.

_____. **Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássico e contemporâneos**. São Paulo. Loyola. Ed. 10. 2012.

_____. **Manifestações e Protestos no Brasil**. Correntes e contracorrentes na atualidade. Cortez Editora. 2017.

_____. **Sociologia Dos Movimentos Sociais - Questões da Nossa Época - Vol. 47 - 2ª Ed.** Cortez Editora. 2014.

GONDIM, Sonia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. Brasília:**SciELO**.Paidéia, 2003. p. 149-161. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04>Acessado em: 10.Out.2018.

HARVEY; David. et al.**Ocuppy**. São Paulo: Boitempo, Carta Maior. 2012.

JACKS, Nilda; ESCOTEGUY; Ana Carolina. Comunicação e Recepção. Uma visão latino-americana. México: **Razon y Palabra**.Nº 57, año 12, (jun/jul) 2007 p.1-24.Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1995/199520710003.pdf> Acessado em: 13.Ago.2018.

KAPLUN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación** (el comunicador popular) La Habana: Editorial Caminos, 2002.

LEMONS, André. **Cibercultura, Cultura e Identidade. Em direção a uma “Cultura Copyleft”?** 2002. Disponível em: <https://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/copyleft.pdf>
Acessado em: 30.Jun. 2018.

_____. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. São Paulo: **Matrix**. V. 8 - Nº 1 jan./jun. 2014. p. 65-80. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrices/article/download/82931/85965> Acessado em: 30.Nov.2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOCATELLI, Piero. **#Vemprarua**. Ebook. São Paulo: Companhia das Letras. 2013. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=61303> Acessado em: 30.Out.2018.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Uma metodologia para a pesquisa das mediações**. 2014. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1401.pdf Acessado em: 10.Out.2018.

MAFESOLI, Michel. A Comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). Porto Alegre: **Revista FAMECOS**. nº 20, quadrimestral 1. abril. 2003.

MARTIN-BARBERO, Jesus. Uma aventura epistemológica. Entrevista com Jesús Martin-Barbero, por Maria Immacolata Vassallo de Lopes. *Entrevista* realizada em 16 de setembro de 2008, em São Paulo: **Revista Matizes**. 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/matrices/article/viewFile/38228/41001> Acessado em: 10.Nov.2018.

_____. **Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides Rio de Janeiro: Editora, 2015.

_____. Desafios Culturais da Comunicação à Educação. São Paulo: **Revista Comunicação & Educação**. v. 6, n. 18, (mai/ago). 2000. p. 51-61. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920/39642>. Acessado em: 24.Jun. 2018.

_____. **Ofício do Cartografo**. São Paulo: Editora Loyola. 2004

_____. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, D. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. p. 51-79.

MESKO, Andressa de Sousa Rodrigues; PIOLLI, Evaldo. (Des) caminhos da educação pública no Brasil. ETD - Educação Temática Digital, Campinas: **Educação Temática Digital**. v. 17, n. 3, dez. 2015. ISSN 1676-2592. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8642329> Acesso em: 20. Abr. 2018.

MESQUITA, Marcos. Movimento estudantil brasileiro: Práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais. CIDADE: **Revista Crítica de Ciências Sociais**. nº 66, 2003. p. 117-149. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/66/RCCS66-117-149-Marcos%20Mesquita.pdf> Acessado em: 20. Abr. 2018.

MIRANDA, Cynthia Mara; SANTOS, Ana Paula dos. LUTE COMO UMA MENINA: questões de gênero nas ocupações das escolas de São Paulo em 2016. Palmas: **Revista**

Observatório. Vol. 3, n. 6, (Out-Dez), 2017. p.417-444. Disponível em:
<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/download/3272/11644/>
 Acessado em: 30.Mai. 2018.

MOTA JUNIOR. William Pessoa da, MAUÉS, Olgaíses. O Banco Mundial e as Políticas Educacionais Brasileiras. Porto Alegre. **Educação & Realidade.** v. 39, n. 4. (out/dez) 2014. p. 1137-1152. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade Acessado em: 30.Mai.2019.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar:** pedagogia dos meios, participação e visibilidade, São Paulo: Cortez Editora. 2005.

OROZCO, Guillermo Gómez. Recepción televisiva: tres aproximaciones e una razón para su estudo. México: **Cuadernos de Comunicación y Practicas Sociales,** Universidad Beroamericana, n. 2, 1991.

_____. **O telespectador frente à televisão.** Uma exploração do processo de recepção televisiva. Software Livre. 2005. Disponível em:
<http://softwarelivre.org/articles/0003/4763/orozco-telespectador-frente-a-tv.pdf> Acessado em: 20.Ago.2018.

_____. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. São Paulo: **Comunicação & Educação.** n. 23p. 57-70. Disponível em:
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i23p57-70> Acessado: 30.Set.2018.

_____. Mídia, recepção e educação. Porto Alegre: **Revista FAMECOS.** Quadrimestral. v.12, n. 26, 2005. p.16-23. Disponível em:
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3298/2555>
 Acessado: 30.Set. 2018.

PAIN, Bruna B.; CÁCERES, Sabrina R.; BRIGNOL, Liliane Dutra. **Ocupações em Santa Maria: uma roda de conversa sobre mídia com os ocupantes secundaristas.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Anais 2017. p.1-15. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-0641-1.pdf> Acessado em: 03.Mar.2018.

PERUZZO, Cicilia. Ideias de Paulo Freire aplicadas à Comunicação popular e comunitária. Porto Alegre: **RevFamecos (Online).** Porto Alegre, v. 24, n. 1, (jan/abr), 2017. p.1-16.

_____. Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas. Santa Maria: **Revista Fronteiras - estudos midiáticos** Vol. 11 nº 1 (jan/abr). 2009. P.33-43. Disponível em: http://unifra.br/professorjes/rosana/Peruzzo_2009.pdf Acessado em: 10.Ago.2018.

_____. Community Communication and Education for Citizenship. London: **Critical Studies in Media Communication.** v. 32, No. 3, August 2015, p. 143–157. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/toc/rcsm20/32/3> Acessado em 10.Ago. 2018.

_____. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou” São Paulo: **Revista Matrizes.** v. 7, n. 2, 2013. p. 73-93. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/69407>

Acessado em: 20.Ago.2018.

_____. A Comunicação nos Movimentos Sociais: exercício de um direito humano. Colômbia: **Diálogos de la Comunicación**, v. 82, 2010. p. 1-7. Disponível em: <http://www.dialogosfelafacs.net/a-comunicacao-nos-movimentos-sociais-exercicio-de-um-direito/> Acessado em: 20.Ago.2018.

_____. Comunicação comunitária e educação para cidadania. São Paulo: **Revista UFG**. v. 2, nº 2(jul./dez)1999. p.205-228. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/22855/13596> Acessado em: 03.Set.2018.

PLEYERS, Geoffrey. Ativismo das ruas e online dos movimentos pós-2011. São Paulo: **PUC Revista**.v.17 n.31, p.87-96, jul./dez. 2013.p.87-96.Disponível em: <http://www4.pucsp.br/neils/revista/vol%2031/geoffrey-pleyers.pdf> Acessado em: 20.Out.2018.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **Interação mediada por computador: a comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional**.2017. 292 f. Tese (Doutorado em Informática da Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2017. Disponível em: <http://www.smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Tecnologia/cibercultura/INTERA%C3%87%C3%83O%20MEDIADA%20POR%20COMPUTADOR.pdf> Acessado em: 12.Jul.2018.

RECUERO, Raquel. **A conversação em Rede**. Comunicação mediada pelo computador e redes sociais da internet. Porto Alegre: Sulina, 2ª edição. 2014.

_____. **A conversação como apropriação na comunicação mediada pelo computador**.2010. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/raquelrecuerolivrocasper.pdf> Acessado em: 20.Jul.2018.

_____. **Introdução à análise de redes sociais**. – Salvador: EDUFBA. 3,2 MB, epub (Coleção Cibercultura). 2017

_____. **Sites de Redes Sociais e Apropriação: Um discurso**. 2010. http://www.raquelrecuero.com/arquivos/sites_de_rede_social_e_apropriacao_uma_discussao.html Acessado em: 03.Set. 2018.

ROMANCINI, Richard; CASTILHO, Fernanda. “Como ocupar uma escola? Pesquisa na Internet!”: política participativa nas ocupações de escolas públicas no Brasil. Cidade: **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-58442017000200093&script=sci_abstract&tlng=pt Acessado em: 30.Mai.2018.

ROLNIK; Raquel.et al.**Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo. Boitempo: Carta Maior. 2013.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília: **SciELO**. v. 21, n. 1, (jan/abr) 2006. p. 109-130. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/se/v21n1/v21n1a07.pdf>Acessado em: 20.Jun.2018.

_____. Dos movimentos sociais às manifestações de rua: o ativismo brasileiro no século XXI. Florianópolis: **Política & Sociedade**. v. 13, n. 28, (set./dez). 2014. p.13-34. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2014v13n28p13> Acessado em: 20.Jun.2018.

SILVA, Ronei T.; CARDOSO, Roberta Mônica. A mediação nos processos de comunicação na internet. Caxias do Sul: **Conexão – Comunicação e Cultura**. v. 15, n. 29, jan./jun. 2016, p. 81-99. Disponível em: www.uces.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/download/4355/2631 Acessado em: 12.Ago.2018.

SILVA, Andreia. **A Participação de estudantes do ensino médio de escolas públicas da Região de Caieiras/SP em movimentos e redes sociais**. Campinas, 2016. 333f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação, Campinas 2016. Disponível em: http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/305325/1/Silva_AndreiaOliveira_D.pdf Acessado em: 20. Jun. 2018.

SORJ, Bernardo. FAUSTO, Sergio. **Internet e Mobilizações sociais: Transformações do espaço público e da sociedade civil**. São Paulo: Edições Plataforma Democrática, 2015. Disponível em: http://www.plataformademocratica.org/Arquivos/Internet_e_Mobilizacoes_Sociais_Transformacoes_do_Espaco_Publico_e_da_Sociedade_Civil.pdf Acessado: 01. Nov. 2018.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. **Reinvenções da Utopia. a militânciapolítica de jovens dos anos 90**. São Paulo. Hacker Editores. 1999.

THOMPSON, John B. *Mídia e Modernidade*. Petrópolis: Editora Vozes. 2014.
In: VIEIRA, SofiaLerche; VIDAL, Eloísa Maia. **Políticas de ensino médio no Ceará: escola, juventude e território**. _____. Fortaleza: Editora CENPEC, 2016. Disponível em: <http://www.uece.br/uece/dmdocuments/Livro%20Políticas.pdf> Acessado em: 10.Nov.2018.

TOURAINÉ, Alain. Na fronteira dos movimentos sociais. *Sociedade e Estado*. **Brasília: Periódicos UnB**. v. 21, n. 1. (jan/abr) 2006. p. 17-28. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estado/article/view/3561/3116>Acessado em: 30.Out.2018.